



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DOUTORADO

MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA

REZAR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO
REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)



SÃO LEOPOLDO - RS
2025

ADORAÇÃO REIS MAGOS 1517

MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA

**REZAR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO
REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em História, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Área de Concentração: Estudos Históricos
Latino-Americanos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Bohn
Martins - UNISINOS.

SÃO LEOPOLDO - RS

2025

R672r

Rocha, Maria do Amparo Moura Alencar.

Rezar e festejar: religiosidade popular e patrimônio cultural no reisado do norte do Piauí e leste maranhense (2009-2024) / Maria do Amparo Moura Alencar Rocha. – São Leopoldo - RS: UNISINOS, 2025.

135 p.

il. : color.

Inclui bibliografia.

1. Religião - Cultura. 2. Religiosidade popular. 3. Patrimônio cultural. 4. Reisado. 5. Região nordeste - Brasil. I. Título.

CDD: 291.17

CDU: 211:316.7

Catálogo na publicação: Leandro de Sousa Sant'Anna – CRB 13/667

MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA

**REZAR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO
REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovada em 08 de Maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Cristina Bohn Martins (Orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Dr. Jairo Henrique Roge (Examinador interno)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Dra. Arydimar Vasconcelos Gaioso (Examinadora externa)
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck (Examinadora externa)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Dra. Maria Bertolina Costa (Examinadora externa)
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UniFacema)

*Aos meus queridos, amados e saudosos pais,
Maria Iracema Alencar e Antonio Arcanjo
Moura, por me dedicarem tanto amor.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão inicialmente a Deus e a Santos Reis, por me conduzirem nesta pesquisa.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins, que com coragem, paciência, leveza, sabedoria e profissionalismo, me guiou durante este processo de escrita.

À minha orientadora anterior, Profa. Dra. Eliane Fleck, pela sensibilidade e carinho com que me acolheu e ajudou nos momentos iniciais deste trabalho.

Aos meus pais, Antonio Arcanjo Moura e Maria Iracema Alencar (em memória), pelo amor, carinho, dedicação e por me emprestarem suas lupas, com as quais consegui enxergar a beleza e riqueza das festas populares dedicadas aos Santos de devoção.

Ao meu companheiro, Celso Alvares Rocha e aos meus filhos Antonio Alencar Alvares Rocha e Pedro Alencar Alvares Rocha, por estarem sempre apoiando e respeitando minhas decisões, sejam elas sobre estudos, aulas, pesquisas e escrita, o que muitas vezes me manteve distantes deles.

Às mulheres que foram e continuam sendo importantes para minha trajetória como pesquisadora, as Profas. Dras. Arydimar Gaioso, Bertolina Costa, Aurea Paz Pinheiro e Gizela Falcão, cujas contribuições são imensuráveis em minha vida acadêmica e profissional.

Aos Srs. Antônio Pequeno, Ambrósio e Sebastião Chinês, pela forma como me apresentaram suas práticas devocionais dedicadas aos Santos Reis.

Às minhas queridas amigas, as Profas. Leda, Nilsângela, Ana Karina, Lucélia e Ana Cristina pelo apoio, risadas e partilha de conhecimentos. Vocês são maravilhosas!

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), *Campus* São Leopoldo - RS, pela oportunidade do contanto com experientes e competentes professores, que durante os anos do curso dividiram seus conhecimentos de forma primorosa e comprometida, auxiliando no meu aperfeiçoamento profissional.

Aos festeiros de Santos Reis, os quais me fizeram perceber através de suas práticas de devoção, que é possível compreender suas histórias, riqueza e diversidade cultural de seus territórios, que também são seus patrimônios.

RESUMO

A festa de “Santos Reis” ou “Reisado” que analisamos nesta tese, se configura como a ressignificação de um ritual que foi introduzido no Brasil por meio dos colonos portugueses que celebravam o nascimento do menino Jesus fazendo menção aos três “Reis Magos”. Esta era uma manifestação de cunho religioso encontrado por toda a Península Ibérica, em que era comum a doação e recebimento de presentes junto à entoação de cantos e danças nas residências. No Norte do Piauí e no Leste Maranhense, a festa dedicada aos “Santos Reis”, que se inicia com o pagamento de um ex-voto em reconhecimento a uma graça alcançada, tornou-se tradicional. A festa é composta de vários elementos simbólicos, típicos do Nordeste e representativos para os celebrantes. Entre eles estão trajes, rezas e cantos específicos, além de personagens como o “boi”, o “cavalo veio”, a “burrinha” e os *Caretas*. No presente trabalho, estudamos celebrações de “Santos Reis” transcorridas entre 2009 a 2024 em cidades do Norte do Piauí e Leste Maranhense, indagando como a experiência revivida nesta prática, compõe a história das pessoas e dos lugares. A partir da consulta a uma historiografia de referência sobre a temática das devoções populares (Brandão, 1980; Zaluar, 1983), das festas religiosas dedicadas a Santos Reis (Barroso, 1996; 2013; Cornélio, 2009; Menezes, 2018), e da consulta às fontes, nosso objetivo é analisar a diversidade da teatralização da fé nos festejos aos Santos Reis nestes dois territórios, de forma a ampliar compreensão de aspectos ainda desconhecidos na historiografia sobre o tema. A festa de Reis se configura como um patrimônio cultural dos festeiros, promovendo, nos sujeitos envolvidos, a valorização de sua história e de sua cultura. A tese também contribui com reflexões acerca das relações entre os indivíduos e grupos, suas práticas, dando indicativos de como se constroem papéis sociais e culturais, se consolidam ações, saberes e fazeres de práticas religiosas.

Palavras-chave: Reisado; Religiosidade popular; Nordeste brasileiro; Cultura; Patrimônio.

ABSTRACT

The “Santos Reis” or “Reisado” festival that we analyze in this thesis is a redefinition of a ritual that was introduced to Brazil by Portuguese colonists who celebrated the birth of baby Jesus by making reference to the three “Three Wise Men”. This was a religious event found throughout the Iberian Peninsula, in which it was common to give and receive gifts along with singing and dancing in homes. In the North of Piauí and the East of Maranhão, the festival dedicated to the “Santos Reis”, which begins with the payment of an ex-voto in recognition of a grace received, has become traditional. The festival is composed of several symbolic elements, typical of the Northeast and representative for the celebrants. Among them are specific costumes, prayers and songs, as well as characters such as the “boi”, the “cavalo vem”, the “burrinha” and the Caretas. In this work, we study celebrations of “Santos Reis” that took place between 2009 and 2024 in cities in the North of Piauí and East of Maranhão, asking how the experience revived in this practice composes the history of people and places. Based on the consultation of a reference historiography on the theme of popular devotions (Brandão, 1980; Zaluar, 1983) and religious festivals dedicated to the Three Kings (Barroso, 1996; 2013; Cornélio, 2009; Menezes, 2018). Our objective is to analyze the diversity of the theatricalization of faith in the celebrations of the Three Kings in these two territories, which illuminates the understanding of aspects still unknown in the historiography about the Reisado. The Three Kings festival is configured as a cultural heritage of the festival-goers, which promotes in the subjects involved, the appreciation of their history and culture, emerging from it rich constructions for the understanding of the diversity of the celebration of the Saints. And also, it contributes to reflections on the relationships between individuals and groups, their practices, giving indications of how social and cultural roles are constructed, consolidating actions, knowledge and doings of religious practices.

Keywords: Reisado; Popular religiosity; Northeast Brazil; Culture; Heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Identificação das cidades, números de Reisados analisados e suas categorias.....	20
Quadro 2: Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	25
Figura 1: Cidades do Norte do Piauí e do Leste Maranhense em que ocorre a celebração do Reisado, estudadas na tese.....	35
Figura 2: Altar da casa do Sr. Sebastião “Seu Chinês”, festeiro de Reis da cidade de Caxias - MA.....	36
Figura 3: Romeiros de Alto Longá, no Piauí, a caminho de Juazeiro do Norte e Canindé, ambas cidades do Ceará.....	38
Figura 4: Sr. Antônio Pequeno “tirando sol” da cabeça de uma mulher.....	40
Figura 5: Livreto com “benditos” de romarias.....	42
Figura 6: Imagem da parede do interior da casa de um devoto, em Alto Longá - PI.....	44
Figura 7: Altar da casa do Sr. Antônio Pequeno, montado com as imagens que comprou ou ganhou nas romarias, em Alto Longá - PI.....	45
Quadro 3: Tipos de Reisados.....	47
Figura 8: As filhas de Dona Romana Machado.....	48
Figura 9: Dona Maria Venina.....	50
Figura 10: Sr. Luís Domingues.....	52
Figura 11: Porcos preparados para festa de Santos Reis, na casa do Sr. Antônio Pequeno.....	55
Figura 12: Composição de um grupo de Reisado da cidade de Boa Hora - PI (Promesseira, Caretas, Sanfoneiros, Boi, Cantadeiras, Mandador e Boi), recebendo a premiação pela participação no Festival.....	57
Figura 13: Cantadeira e seu caderno de Reis, em Alto Longá - PI.....	60
Figura 14: Promesseira de Santos Reis, na celebração de Reisado no bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI.....	61
Figura 15: Devota acolhendo a imagem de Santos Reis.....	62
Figura 16: Careta cumprimentando o dono da casa visitada, o Capitão ou Patrão.....	63
Figura 17: Caretas e Capitão.....	64
Figura 18: Vestindo o boi de Reisado da Dona Judite, em Alto Longá - PI.....	68
Quadro 4: Composição do Reisado durante dia x noite.....	72
Figura 19: Promesseira de Reis. Reisado durante o dia, em Alto Longá - PI.....	72
Figura 20: Imagem de Santos Reis com esmola em dinheiro, em Alto Longá - PI.....	73
Figura 21: Representações de Imagens de Reis, em Caxias - MA.....	74

Figura 22: Bandeira de Santos Reis, a marca da presença do Reisado, em uma das casas do Bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI.....	75
Figura 23: Careta com sua indumentária, em Boa Hora - PI.....	77
Figura 24: Representação da ema, no Reisado Encanto da Terra, em Caxias - MA.....	80
Figura 25: “Nega veia”, dançando entre os Caretas, no Grupo de Reisado Encanto da Terra, em Caxias - MA.....	81
Quadro 5: Reisados e personagens.....	82
Quadro 6: Instrumentos musicais dos Reisado.....	83
Figura 26: Grupo de percussionistas do Reisado Encanto da Terra de Caxias - MA.....	84
Figura 27: Grupo de Reisado Boi Aurora, recebendo a premiação pela participação no festival.....	89
Figura 28: Máscara do Careta, no Reisado Encanto da Terra.....	91
Figura 29: Máscara do Careta, no Reisado de Boa Hora - PI.....	91
Figura 30: Sr. Ambrósio, sanfoneiro, vestindo sua camiseta do Boi Ramallete, em Boa Hora - PI.....	93
Figura 31: Vestimentas dos bois de Reisado da cidade de Boa Hora - PI.....	94
Figura 32: Indumentária dos Caretas, no Reisado da cidade de Boa Hora - PI.....	95
Figura 33: Queda do Careta, em Alto Longá - PI.....	96
Figura 34: Sandália do Careta, em Alto Longá - PI.....	97
Figura 35: Mulheres iniciando preparando das carnes para festa de Reis, no bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI.....	101
Figura 36: Almoço servido no dia de Reis para os visitantes, em Alto Longá - PI.....	102
Figura 37: Panela utilizada para o preparo de guisado para as festas de Santos Reis, em Boa Hora - PI.....	105
Figura 38: Guisado de carne de porco feito à lenha, no Reisado da Flor do Dia, em Alto Longá - PI.....	106
Figura 39: Mulheres preparando arroz no dia de Santos Reis, em Alto Longá - PI.....	107
Figura 40: Dona Didi, promessa, recebendo Santos Reis em sua casa, em Alto Longá - PI.....	109
Figura 41: Altar ornado para Santos Reis, em Alto Longá - PI.....	110
Figura 42: Participantes do Reisado no altar, em Alto Longá - PI.....	111
Figura 43: Tipos de Joias de um Leilão, das regiões Norte do Piauí e Leste Maranhense.....	114
Figura 44: Cajuínas engarrafadas (produto derivado do caju).....	124
Figura 45: Bumba Meu Boi do estado do Maranhão.....	125

LISTA DE SIGLAS

GESEA	Grupo de Estudos Socioeconômicos da Amazônia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
CNRC	Centro Nacional de Referências Culturais
FNPM	Fundação Nacional de Pró-Memória
MinC	Ministério da Cultura
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
INRC	Inventário Nacional de Referência Cultural
UNESCO	União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 TIRAR REIS: HERDEIROS DA FÉ E FESTEJOS A SANTOS REIS.....	31
2.1 Festeiros e devoções: santos fora da Igreja e dentro de casa.....	36
2.2 A graça alcançada e o pagamento aos Santos Reis: promessa, obrigação, devoção, missão.....	45
2.3 Preparativos para iniciar a festa.....	54
2.4 Tirando Reis.....	59
3 REZAR, VESTIR, CANTAR E SAPATEAR: REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO E DO PROFANO DO RITUAL DO REISADO.....	66
3.1 O encontro entre o sagrado e profano na festa de Santos Reis.....	66
3.2 Em cada lugar uma forma de festejar: símbolos e sua função na celebração do Reisado.....	71
3.3 Personagens: vestir para se esconder, entreter, dançar e sapatear.....	90
4 O DIA DOS SANTOS: REZAR, CANTAR E SE ALIMENTAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	98
4.1 Dia de Reis: amanhecer na casa do festeiro devoto.....	100
4.2 Santos Reis ganham, Santos Reis dão: preparo e oferta dos alimentos.....	105
4.3 Rezar, festejar e se alimentar.....	108
4.4 Patrimônio cultural: o saber fazer e festejar Santos Reis, e as políticas de preservação e salvaguarda do patrimônio de natureza imaterial no Brasil.....	117
5 CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICES.....	136

1 INTRODUÇÃO

As Festas de Reisados que discutimos nesta tese, se configuram como ressignificações de um ritual que conforme a literatura informa, foi introduzido no Brasil por meio dos colonos portugueses que celebravam o nascimento de Jesus, fazendo menção aos três Reis Magos que teriam visitado a Sagrada Família na gruta em que Jesus nasceu, levando ricos presentes (Cascudo, 2001). Esta era uma manifestação de cunho religioso realizada por toda Península Ibérica nos primeiros dias de janeiro, na qual era comum a entoação de cantos e danças nas residências, junto com a doação e recebimento de presentes.

O Reisado teria chegado ao Brasil ainda no século XVI por intermédio dos jesuítas, sendo a festa utilizada na catequese dos indígenas e posteriormente, dos negros escravizados, se enraizado fortemente no país. O ritual passou a ser composto com variações regionais, também pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos (Pergo, 2010). A festa foi registrada, por exemplo, pelo folclorista Cascudo (2001), interessado na cultura tradicional, especialmente na região Nordeste do Brasil.

Podemos dizer que ela é uma festa popular que mistura danças, cantorias e teatralidade para celebrar o ciclo natalino e as tradições ligadas aos Reis Magos. Mario de Andrade, na década de 30 em seu "Dicionário da Música Brasileira" (Andrade, 1989)¹, se refere à grande riqueza cultural da festa. Ele via o Reisado como uma mostra popular com características profundamente enraizadas na tradição afro-brasileira e também influenciada pelas diversas manifestações culturais que compõem o folclore nacional.

Ao longo desta tese, as celebrações em devoção aos Santos Reis foram analisadas como ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, sendo, por isto, consideradas importantes para a sua cultura, memória e identidade. Como veremos, as Festas de Reis constituem-se em ocasiões diferenciadas de sociabilidade², que envolvem práticas

¹ Em 1936, o intelectual modernista entregou ao ministro Gustavo Capanema, uma proposta de política pública para o patrimônio cultural brasileiro, proposta que inspirou o projeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

² Ao abordar sobre sociabilidade, é imprescindível recorrer ao pensamento de Georg Simmel, cuja obra representa uma das contribuições mais significativas para a compreensão das formas de interação social. Em seu ensaio "Sociabilidade" (originalmente publicado em 1917), Simmel distingue entre os conteúdos sociais propriamente ditos — como interesses econômicos, políticos ou afetivos — e as formas sociais, que são padrões relativamente estáveis pelos quais os indivíduos se relacionam. A sociabilidade, segundo o autor, representa a forma mais pura de socialização, na medida em que se realiza por si mesma, desprovida de finalidades externas.

Para Simmel (1983), a sociabilidade se manifesta em interações lúdicas, como a conversação cortês, os encontros sociais e a convivência desinteressada, nas quais os sujeitos buscam o prazer da interação em si, e não o alcance de objetivos utilitários.

complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras manifestações culturais.

A festa dedicada aos Santos Reis ocorre em diversas partes do país recebendo variadas denominações, de acordo com o lugar que ocorre, como *Terno de Reis*, *Festa de Reis*, *Reisado* ou *Folia de Reis*, por exemplo. Ela também varia em sons, ritmos, sentidos, significados e personagens (Cascudo, 2001).

Na celebração, entre os santos acolhidos pela tradição religiosa, estão o Menino Jesus e seus pais, canonizados pela Igreja católica. Contudo, para alguns *festeiros*³, os três Reis Magos por aparecerem na imagem do presépio, também são santos, pois para eles Santos Reis é todo o conjunto que é retrato na imagem do nascimento de Cristo. Trata-se de uma devoção popular⁴ que como outras no Brasil, subverte os preceitos da Igreja. Assim, os chamados Reis Magos que costumam aparecer nas imagens de presépios, são considerados como santos. Na tradição popular do Nordeste Brasileiro, sua celebração é conhecida como festa a “Santos Reis”.

Brandão (1977) apresenta a Folia de Reis como uma manifestação da religiosidade popular, caracterizada por práticas informais, comunitárias e simbólicas. Para ele, essa religiosidade não se limita às doutrinas e normas da Igreja Católica, mas se manifesta em rituais, crenças e devoções próprias do povo. A festa tem um caráter sagrado e festivo ao mesmo tempo, mostrando como a fé se entrelaça com o cotidiano dos devotos. Segue enfatizando que a peregrinação dos foliões pelas casas representa um ato de evangelização popular, em que a mensagem cristã se difunde por meio da música, da dança e das preces.

Assim sendo, ao celebrarem o Reisado, os *festeiros* peregrinam com a imagem na qual é retratada a imagem do nascimento do Menino Jesus na manjedoura, onde aparecem estes personagens conforme descritos na passagem bíblica do novo testamento (Mateus 2, 1-12).

Brandão (1977) discute como a Igreja Católica muitas vezes vê a Folia de Reis com ambiguidade. Embora a celebração esteja ligada à narrativa bíblica dos três Reis Magos, ela incorpora elementos da cultura popular que nem sempre são bem aceitos pela instituição

³ Responsáveis por festejar o Reisado, podendo ser classificados também como festeiro de Reis, festeiro devoto, dono do Reisado, promesseiros de Reis, ou ainda, pagador de promessa. No texto da Tese aparecem estas variações em respeito à forma como os diversos sujeitos envolvidos na pesquisa classificam.

⁴ Manifestada e ritualizada no culto a imagens de anjos e santos, nas procissões, nas romarias e nas promessas, se constitui como elemento marcante da religiosidade e espiritualidade das duas regiões em estudo, desde de seus processos de colonização. Tais devoções populares definem, aprofundam e fortalecem os vínculos de indivíduos uns com os outros e com seus ancestrais. São devoções presentes nas ruas, nas praças, nas casas, nos lugares de memória vivenciados, praticados e consumidos por fiéis em rituais, festas e celebrações tradicionais da cultura brasileira, nordestina piauiense e maranhense (Pinheiro, 2009).

religiosa. Por exemplo: a presença do palhaço (*Caretas*) da folia, personagem que mistura o sagrado e o profano, o uso de músicas e danças, que nem sempre seguem padrões litúrgicos e a forte influência de tradições indígenas e africanas em algumas regiões.

Na sequência, reforça que a Folia de Reis não é apenas uma celebração religiosa, mas também um ritual de identidade e pertencimento (Brandão, 1977). A festa reforça laços comunitários, transmitindo valores e tradições de geração em geração. Esse aspecto destaca como a devoção popular se adapta ao longo do tempo, preservando sua essência mesmo diante das mudanças socioculturais.

No Brasil, em alguns estados da região Nordeste, dentre eles o Piauí e o Maranhão, a tradição vive e é vigorosa. A festa se inicia com o pagamento de um *ex-voto* em reconhecimento a uma graça alcançada, guardando algumas de suas características originais, como o cortejo com a imagem de Santos Reis e a participação das personagens denominados *Caretas*⁵.

Sua celebração é composta de vários elementos simbólicos, representativos para os celebrantes e típicos da região Nordeste. Entre eles estão o *boi*, o *cavalo* “*veio*” e a *burrinha*. Também estão os referidos *Caretas*, que utilizam uma indumentária composta pelo *terno ou farda*, confeccionado com a fibra de palmeiras de carnaúba e/ou buriti, sandália e máscara de couro de gado vacum.

Destaca-se igualmente o cardápio servido no dia da festa, que evidencia hábitos e costumes próprios da região, destacando-se alimentos como guisados de porco, carneiro e galinha, que são preparados cozidos, em fogo à lenha. Vale acrescentar que os alimentos servidos são ofertados aos santos em uma relação de reciprocidade diante de uma graça alcançada. Os alimentos são oriundos de criadouros e colheitas dos devotos, como também podem ser resultado das ofertas, as *esmolas*⁶, presenteados aos santos durante a peregrinação pelas casas.

No Norte do Piauí e no Leste Maranhense, regiões banhadas pelo Rio Parnaíba, cujo curso delimita os dois territórios⁷, a celebração é conhecida como Reisado ou Reisada. Na

⁵ Personagem central que anima o ritual do Reisado e sobre o qual voltaremos a falar oportunamente.

⁶ A esmola é uma oferta destinada aos Santos Reis, podendo ser uma quantia em dinheiro ou alimentos como farinha, ovos, galinha, carneiro, ovelha, porco, entre outros.

⁷ Desde do período colonial o Rio Parnaíba foi um importante para escoamentos de produtos e fluxo de pessoas entre o Piauí e o Maranhão, por consequência de modos de vidas, saberes e vivências. Andreia Rodrigues de Andrade (2021), ao escrever sobre a importância da navegação a vapor para as cidades do Piauí no Oitocentos, afirma que Zacarias de Góis e Vasconcelos, presidente da província do Piauí, em 1845, ressaltou a importância da navegabilidade do Rio Parnaíba para o Piauí, haja vista que a mesma seria capaz de mudar a face da Província, pois traria a riqueza e a prosperidade de que o Piauí tanto necessitava. Uma solução inicial seria o uso de barcas – como as que já haviam existido – e, ainda, a cobrança de impostos na passagem do rio Parnaíba, tanto na margem do Piauí quanto na do Maranhão.

primeira região que indicamos, o norte do estado do Piauí, aparecem na celebração elementos como o boi, a burrinha e a bandeira dos santos, entre outros. Já no leste do estado do Maranhão, além destes, encontramos representações do *jaguará*, da *ema*, da *seriema*, a *negra veia* e entre outros *personagens* ou *brinquedos*, figuras que no decorrer desta tese, estão descritas detalhadamente.

É possível perceber que tais símbolos presentes na celebração, revestem-se de uma expressão típica de um povo marcado por elementos de uma cultura e religiosidade popular muito características das regiões. Eles se tornaram patrimônio dos festeiros que asseguram a sobrevivência de práticas e modos de vida, de tradições e memórias que fortalecem vínculos identitários em suas comunidades. Também se observa em tais oportunidades, uma teatralização ritualística em que aparecem elementos de caráter sagrado e profano, na qual a separação é tênue, sutil, mas mesmo assim, possibilita compreender a experiência humana em relação ao divino e ao cotidiano dos festeiros. Nesta perspectiva, Eliade (1992) nos ajuda a entender as dimensões que aqui classificamos como sagrado e profano.

É importante esclarecer que nossa aproximação inicial com a temática discutida nesta tese, se deu no ano de 2004, através do Grupo de Estudos Socioeconômicos da Amazônia (GESEA). Este grupo desenvolve pesquisas junto às comunidades quilombolas em Caxias, no estado do Maranhão, em parceria com os alunos e professores do Curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Estudos Superiores de Caixas (CESC/UEMA), do qual fazíamos parte. Através do projeto “Nova Cartografia Social da Amazônia” foi possível aprofundar os estudos sobre essas comunidades, resultando, no ano de 2006, no fascículo intitulado “Quilombolas de Caxias, Maranhão”, que mapeou, além das comunidades auto-definidas quilombolas, em Caxias e outras cidades de seu entorno, algumas devidamente reconhecidas como tal, também as que se encontravam, naquele momento, ainda em processo de auto-definição (Gaioso, 2006). Nesse trabalho foi possível aprofundarmos o conhecimento sobre os saberes locais e modos de vida destas comunidades tradicionais, seus bens culturais de natureza imaterial⁸. Compreendemos que estes vêm a ser práticas e domínios da vida social que se

⁸ Com base na Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006 (IPHAN, 2006a), que complementa o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, entende-se por bens culturais de natureza imaterial, “as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social”. Tradição é tomada “no seu sentido etimológico de ‘dizer através do tempo’, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado” (Castro; Fonseca, 2008, p. 12).

manifestam de diversas maneiras, entre elas, em celebrações musicais e práticas culturais coletivas, muitas ligadas aos festejos para Santos Reis e à prática da Umbanda.

Dessa maneira, nas experiências mapeadas para elaboração da referida publicação, ganharam relevo as vivências e saberes dos remanescentes de quilombos da região estudada, o que nos permitiu compreender que os sujeitos destas comunidades não herdam somente o direito terras em que seus antepassados viveram. Com efeito, eles compartilham um conjunto simbólico evocado pelas memórias carregadas de práticas culturais, atualizadas no domínio da vida social, as quais estabelecem e fortalecem relações por meio da socialização histórica, em um “trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (Pollak, 1992, p. 17).

Com as pesquisas subsidiadas pelo GESEA, após concluir o curso de história em 2009, retorno ao Piauí, quando iniciamos um trabalho de identificação do patrimônio cultural de natureza imaterial, referente às práticas religiosas da cidade de Alto Longá⁹, localizada na região norte do Piauí, cidade natal desta autora. Na oportunidade, mapeamos inúmeras experiências religiosas, como, romarias, festejos para a padroeira da cidade, procissões, rezas, celebrações e louvores a santos, Reisados, danças de São Gonçalo e terços, práticas religiosas populares presentes, também, em outros municípios desta região.

A partir dessas duas experiências, observamos preliminarmente as manifestações de religiosidade e devoção que acontecem nestes dois territórios¹⁰, que compreendem algumas cidades do Norte do Piauí e do Leste Maranhense, considerando três aspectos que percebemos como relevantes. Primeiro, que nestes locais acontecem exemplos significativos de rituais religiosos, como celebrações e festas, que remetem uma tradição ancestral, uma história tradicional de devoção popular. Segundo, que tais aspectos fortalecem, envolvem e unem os indivíduos uns aos outros, os quais, juntos, recriam e ressignificam seus ritos de fé de maneira particular. Por último, que os indivíduos envolvidos nas celebrações, ao reelaboram suas devoções, as particularizam, pois elas estão marcadas por suas condições sociais, culturais e econômicas, identificadas em modos de criar, fazer e viver seus rituais. Isto se torna perceptível

⁹ Foi nesta que é minha cidade natal, que pude vivenciar os mais variados ritos devocionais. Em Alto Longá, conheci terços, rezas, festejos, pagamento de ex-votos, romarias e Reisados. Estes, em especial, me chamavam atenção, pois causavam um misto de medo com encanto.

¹⁰ Aqui a categoria território não aparece somente como uma tentativa de delimitar um espaço geográfico, mas também, no sentido de “territorialidade”, a qual se constrói histórica e socialmente, tomando como base relações sociais nele vivenciadas. Por territorialidade específica, o professor Alfredo Wagner, entende a resultante de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território. Vide: ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. *Os quilombolas e a base de foguetes de Alcântara*. v. I. Brasília: MMA, 2006.

nas formas como celebram o Reisado, o que o faz se diferenciar, em alguns aspectos, da forma como ocorre em outras regiões do País.

Desta maneira, a escolha por estudar a celebração religiosa em algumas cidades das regiões do Norte do Piauí e do Leste Maranhense, se abona por convergirem nestes dois territórios formas variadas de festejar aos *Santos Reis* e que ainda não foram discutidas nas pesquisas sobre os reisados. No Leste Maranhense encontramos duas produções sobre a temática, sendo uma delas a dissertação de mestrado de Cornélio (2009), intitulada “Reisado do Careta: brincadeira para louvar Santo Reis”, que estuda o “Reisado Encanto” de Caxias. A outra é o livro de Menezes (2018), intitulado “O risível no Reisado de Careta no Maranhão”, dedicado a pesquisa do Reisado do povoado Nazaré do Bruno, em Caxias. Os dois trabalhos também ajudaram a embasar e a justificar nosso estudo nesta região.

Este trabalho se justifica, também, por proporcionar a compreensão de aspectos ainda desconhecidos sobre as diversas maneiras de se realizar este festejo, e por se apresentar como uma contribuição à historiografia que, desde as décadas finais do século XX, propõe que trabalhos do campo da História Cultural se aproximem de temas da chamada “cultura popular” (Vovelle, 1991). As razões desse interesse pelo popular relacionavam-se às mudanças epistemológicas de Clio. A partir do momento em que o modo como opera a história, ou seja, o fazer historiográfico, passou a se interessar pelos anônimos em detrimento de personagens “ilustres”, reis, heróis. Vale salientar que discutimos uma perspectiva de cultura popular não a entendendo como impermeável, mas, pelo contrário, dialogando como a cultura dita erudita, como analisaram Bakhtin (1987), Ginzburg (2002) e Canclini (1997)¹¹.

No Piauí, que no período colonial esteve sob jurisdição da Bahia e depois do Maranhão, o caráter religioso e devocional foi plantado pelos primeiros missionários jesuítas, que trouxeram a arte erudita religiosa e a apresentaram aos nativos, que usando a inventividade cabocla, se apropriaram de seu conteúdo para criar manifestações artísticas, culturais e práticas devocionais diversas (Pinheiro, 2009), corroborando com Ginzburg (2002), o que classifica como circularidade cultural.

¹¹ Importa esclarecer que, embora se pretenda trabalhar a celebração do Reisado numa perspectiva da cultura popular, não podemos perder de vista que a referida celebração faz parte de uma prática cultural e, portanto, não existe isoladamente. Ela deve ser compreendida como comportando, também, elementos com as quais se comunica, se complementa, numa relação dialógica (Bakhtin, 1987). Desta forma, devemos compreender a cultura popular, como híbrida, possibilitando uma reflexão sobre realidades social e cultural multifacetadas. (Canclini, 1997). Carlo Ginzburg por sua vez, no prefácio de *O Queijo e os Vermes* (2002), usa o termo “circularidade”, para delinear a comunicabilidade que havia entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas na Europa pré-industrial. Essa comunicação se dava de forma dialógica, com “influências recíprocas, que se moviam de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (Ginzburg, 2002, p. 12).

Frente a isto, acreditamos que este trabalho venha a contribuir para reflexões acerca das relações entre os indivíduos e grupos, suas práticas culturais, seu patrimônio cultural, nos dando indicativos de como se constroem papeis sociais e culturais, consolidam ações, saberes e fazeres religiosos, inclusive a partir de interlocuções socioculturais.

Estudar a celebração religiosa que escolhemos analisar neste trabalho, ilumina a compreensão de aspectos ainda desconhecidos na historiografia sobre a festa de Santos Reis. São ausências ou, ainda, afirmações equivocadas, como a que encontramos nos escritos sobre o Reisado da cidade de Boa Hora, no Piauí, apontadas pelos pesquisadores Andrade, Oliveira e Costa, no artigo intitulado a “A identidade cultural da Boa Hora - PI”. Nele, os autores apresentam análises que necessitam de um maior aprofundamento quando afirmam que “a folia de Reis da cidade de Boa Hora se destaca pela presença do boi, elemento este que não se encontra em nenhuma outra festividade de Reis” (Andrade; Oliveira; Costa, 2019, p. 151). Como evidencia nossa pesquisa, o boi está presente em todos os Reisados que observamos no Norte do Piauí e Leste Maranhense como um dos personagens principais da festa.

Com as mudanças no campo da construção do conhecimento historiográfico, tanto temas como fontes não “clássicas” ganharam relevância. No caso particular do Reisado, usamos fontes como os cadernos de cantigas, as fotografias, os vídeos e as informações analisadas a partir da metodologia da história oral oportunizam a produção de trabalhos historiográficos de temas da chamada “cultura popular”. Desta maneira, a pesquisa contribui para reflexões sobre práticas culturais, ditas como populares, algumas ainda desconhecidas, que através deste trabalho ganham relevo. Por meio delas, atores sociais estabelecem relações fraternas e de sociabilidade através de suas manifestações de fé e de devoção. A celebração em tela constitui, ainda, um rico patrimônio cultural que, integrado à vida nestes territórios, configuram-se como referências identitárias dos próprios grupos que as praticam (Cavalcanti; Fonseca, 2008). Desta forma, entendemos que a Festa de Reis promove, nos sujeitos envolvidos, a valorização de sua história e de sua cultura, emergindo dela construções ricas para a compreensão da diversidade cultural, étnica e social da região.

Para o estudo desta temática, partimos do seguinte questionamento: como a experiência revivida na prática do Reisado, nas regiões analisadas, compõem as histórias das pessoas e dos lugares? Tal problematização, direciona a reflexão a buscar uma compreensão

sobre como esta festa popular pode ligar os praticantes à uma história, a de seus ancestrais e ainda, como remeter a uma tradição¹² religiosa reelaborada por aqueles que a vivenciam

Para discutirmos sobre prática religiosa popular, nos apoiamos em Brandão (1980), que a analisa como categoria que une os dogmas católicos e recria a sua forma, segundo experiências cotidianas dos fiéis que reelaboram práticas reafirmando sua fé. Sob a ótica deste autor, a cultura popular está intimamente ligada às questões da religiosidade:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (Brandão, 1980, p. 15).

Nestes termos, buscamos traçar como objetivo geral desta tese, a análise da diversidade da teatralização da fé nos festejos aos *Santos Reis*, entendendo-a como uma prática religiosa popular própria dos lugares em estudo.

Desta forma, ao longo dela discutiremos como a experiência é consolidada e revivida na prática do Reisado no Norte do Piauí e no Leste Maranhense, que se manifesta através de seu ritual e compõe elementos culturais representativos das histórias das pessoas e dos lugares. Do mesmo modo, discutiremos como esta tradição religiosa é reelaborada por aqueles que a vivenciam tornando-se patrimônio cultural.

A investigação envolve diretamente os festeiros devotos de Santos Reis oriundos das cidades de Alto Longá, Boa Hora e Campo Maior, que ficam localizadas ao Norte do Estado do Piauí e, no Leste do estado do Maranhão, as cidades Caxias e São João do Sóter. Embora estas regiões compreendam um número maior de municípios, elegemos como espaço de estudo apenas três cidades no Norte do Piauí e duas cidade do Leste Maranhense, por elas apresentarem maior e mais expressivas variações na forma das celebrações ao Santos Reis, e ainda por contarmos com um número considerável de fontes sobre a celebração do Reisado nestas cidades.

O acervo de fontes, é resultante das pesquisas realizadas na Graduação e na Pós-Graduação, mas que ainda não haviam sido analisadas e discutidas, para esta tese utilizamos: um

¹² Em relação ao conceito de tradição fazemos referência Hobsbawm (1997) que a percebe como uma construção, relacionada a situações circunstanciais, e não como retorno a um passado. Assim, o termo não se refere a meras repetições ritualísticas presas a um passado imemorial, como resquícios, ou meras repetições mecânicas, mas como construções, como resultados de situações do presente, sempre se atualizando.

caderno de cantigas de Reis, quarenta e cinco fotografias (registradas no período que compreende os anos de 2009 a 2024), quatro documentários, dez artigos, dezoito entrevistas e um fascículo.

Para melhor compreensão da abordagem que no propomos neste trabalho, apresentamos no quadro abaixo os nomes dos Reisados analisados, aquilo que poderíamos chamar como “campo de estudo”, a quantidade e o tipo de pagamento de ex-voto realizado pelos festeiros. Assim, ressaltamos que estas categorias são acionadas pelos próprios festeiros de Reis, que classificam o tipo de Reisado celebrado, os quais são discutidos detalhadamente no segundo capítulo deste trabalho.

Quadro 1: Identificação das cidades, números de Reisados analisados e suas categorias

Cidades	Número de Reisados analisados	Reisados	Categoria do Ex-voto			
			Promessa	Obrigação	Devoção	Missão
Alto Longá	2	Reisado do casal Fernando Batista da Rocha e da e Maria da Neves Rocha (Didi)	X			
		Reisado da Dona Romana Machado	X	X		
Boa Hora	2	Reisado Boi Ramalhete	X			
		Reisado do Sr. José Pingo	X			
Campo Maior	1	Reisado da Fazendinha	X		X	
Cidades	Número de Reisados analisados	Reisados	Categoria do Ex-voto			
			Promessa	Obrigação	Devoção	Missão
Caxias	3	Reisado Terra de Encantos	X		X	
		Reisado Sr. Luís Domingues			X	X
		Reisado sra. Francisca Freira (Dona Capotinha)	X			
São João do Sóter	1	Reisado de Dona Maria Venina				X

Fonte: Elaboração própria (2024), com base nas classificações apontadas pelos festeiros de Reis.

As nove festas acima citadas foram analisadas no período que transcorre entre os anos de 2009 a 2024. Nos anos iniciais da pesquisa, entre 2009 e 2016, os estudos se concentraram na cidade de Alto Longá - PI. Durante este tempo, foram realizadas várias visitas de campo, conversas com festeiros e trabalhadores que ocupam variadas funções nos Reisados. Para coleta de dados, utilizamos cadernos para anotações, câmera filmadora, para gravar as falas e máquina fotográfica registrar imagens dos participantes da pesquisa.

Nos anos seguintes que vão de 2017 a 2024, a pesquisa se estendeu para outras cidades do Piauí, Campo Maior e Boa Hora, nas quais inicialmente fomos conhecendo os festeiros e registrando suas expressões devocionais. Paralelamente a isto, retomamos alguns contatos estabelecidos em pesquisas anteriores que deram suporte para estudar os Reisados de Caxias e de São João do Sóter, ambas no Maranhão. Muito destas coletas de dados foram realizadas de forma individual, mas em algumas situações tivemos a colaboração de dois ex-alunos do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e dois da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Familiares e amigos auxiliaram no transporte e registros da celebração.

Desta maneira, o recorte temporal, para o estudo compreende os anos que se estendem entre 2009, quando iniciamos a pesquisa com a celebração nos territórios escolhidos para análise, estendendo-se até 2024. Contemplamos, neste lapso temporal, como as festas de Reis que ocorrem durante a pandemia de COVID-19 e da disseminação de Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). Com isto, buscamos compreender se houve modificações no ritual diante do ocorrido. O recorte temporal que adotamos demarca o tempo em que aprofundamos nossa experiência etnográfica sobre as ações, saberes e fazeres religiosos que envolvem o Reisado como manifestação cultural.

Quanto aos objetivos específicos buscamos: refletir sobre como os Festeiros de Reis se apresentam como “herdeiros da fé”, quais motivações os levam a celebrar o Reisado em sua região; analisar a devoção, as rezas e as representações do sagrado e do profano na festa; descrever as diversas maneiras de festejar *Santos Reis*, observando a indumentária das personagens, orações, cantos e danças na celebração; descrever os pratos tradicionalmente preparados no dia dos Santos e sua organização; e analisar a celebração do Reisado numa perspectiva de patrimônio cultural imaterial dos festeiros de Reis.

Nesse sentido, entendemos que a problemática e os objetivos acolhidos para investigação, nos direcionaram na busca de evidências sobre como os sujeitos envolvidos na celebração do Reisado, são capazes de apontar as interlocuções culturais que identificam os grupos que participam do “pagamento de acordos” celebrados com os Santos. Como veremos

adiante, dependendo do lugar, alguns festeiros iniciam seus rituais nas ruas e seguem visitam algumas casas e finalizando-os na casa do festeiro devoto; em outros iniciam e finalizam em capelas edificadas em homenagem aos santos, e outros em Terreiros de Umbanda.

Desta forma, observando tal variedade, podemos dizer que esta celebração se constitui numa manifestação religiosa popular, que foi em um primeiro momento introduzida pela Igreja Católica, e que sobrevive pelo domínio de leigos que recriam segundo as experiências próprias de suas comunidades. Ao festejar Reis, se reelaboram práticas que reafirmam a fé dos devotos (Brandão, 1980).

Não é possível saber quando teve início o *Reisado* ou *Festa de Reis* nessa região que compreende áreas limítrofes entre os dois estados, mas pode-se afirmar, conforme dados observado na pesquisa, que a tradição é secular, transmitida dos pais para os filhos que, ao longo do tempo, assumiram a devoção aos santos e o pagamento de ex-votos.

Os chamados promesseiros, que festejam os santos por promessa/obrigação, devoção ou missão, preparam altares no interior de suas casas, nos quais colocam um quadro como a imagem de Santos Reis, geralmente acompanhados de outros santos, que também recebem sua devoção. Entre eles aparecem com maior recorrência, São Francisco das Chagas¹³ e as mais diversas formas de evocação à Nossa Senhora. Também Padre Cícero, outro santo popular não reconhecido como tal canonicamente, figura muitas vezes nos altares domésticos.

Os Reisados que discutidos neste trabalho apresentam peculiaridades/variações quando se trata de alguns elementos que os compõem. Assim, as identidades aprendidas se formam e se transformam no interior da representação (Hall, 2003), transformando-se em experiências e vivências devocionais que foram ressignificadas pelos participantes dos Reisados.

- Percurso metodológico

A compreensão de que elementos da cultura popular faziam parte do campo de interesse da antropologia, ou mesmo do folclore, deixou de fazer sentido para os estudos acadêmicos pelo menos desde a década de 1980. Assim, para este trabalho buscamos na história e na antropologia¹⁴, conceitos e métodos que auxiliem a descrever e interpretar o ritual, as tradições religiosas, os modos de vida desses grupos, entendendo que ambos os campos têm uma maneira própria de trabalhar um dado objeto.

¹³ O Santo é assim conhecido por trazer no corpo, chagas semelhantes, as de Cristo.

¹⁴ A escolha por dialogar com a Antropologia e seus métodos decorre de minhas experiências ao tempo de minha formação acadêmica.

A antropologia busca compreender o presente do indivíduo, o conjunto de relações que vincula o grupo social, enquanto o olhar da história se concentra no tempo, na sequência e na continuidade. O estudo da alteridade para este dois campos é dado em duas dimensões diferentes: a antropologia pretende trabalhar com as especificidades culturais e estruturais de um tempo presente de um determinado grupo social, podendo se contrapor ou distanciar-se dos padrões da cultura ocidental. Lévi-Strauss (1995) compara a história a um filme, que observa os eventos em sequência, enquanto a antropologia seria mais semelhante a uma fotografia, que congela um momento para analisar suas relações internas.

Embora entendamos que partimos de indagações forjadas em uma história do tempo presente, estamos atentos aos modelos estruturais e históricos. Realmente, percebemos nessa celebração as permanências, repetições e “regularidades” de um tempo que avança em diferentes velocidades, (Schwartz, 2000).

Procuramos rastrear os sentidos e os significados (Darnton, 2010) da religiosidade dos festeiros de Reis, identificados nos ritos, impressos em signos, símbolos, danças e gestos; significados reelaborados pelos festeiros de Reis a partir de uma tradição oral, mantida pelos diversos grupos e partilhados através de comportamentos e hábitos dos que festejam. Por isso, foi preciso não apenas focar no conteúdo de suas palavras, mas também na forma como são produzidas, distribuídas, lidas e interpretadas pelos diferentes grupos sociais.

O estudo dos sentidos e dos significados nos amparam para entender como a comunicação, a cultura e o poder se entrelaçam ao longo do tempo, moldando as sociedades de maneiras complexas. Desta maneira, ajudam a compreender como os signos (como palavras, imagens, gestos) são usados para representar significados e como esses significados podem ser interpretados em diferentes contextos culturais e sociais, como enfatizou Bakhtin (1987), a partir de uma perspectiva social e dialógica, onde o significado dos signos é produzido no diálogo entre sujeitos e contextos, e não apenas na relação entre o signo e o objeto.

Com efeito, para esta tese dialogamos com grupos tradicionais que celebram o Reisado, atentos às motivações que os levam a celebrar o Reisado.

Para isto, utilizaremos como método a observação direta a partir de uma “etnografia da festa”. Isso certos de que fazer a etnografia como aponta Geertz (1989), é uma prática difícil, pois descreve a cultura humana como algo extremamente complexo e multifacetado, semelhante a um “manuscrito estranho”, e há que considerar as dificuldades e os desafios de tentar “ler” ou “interpretar” as culturas.

Para este autor, a cultura não pode ser compreendida como um texto claro e bem estruturado. Ao invés disso, ela é comparável a um manuscrito cheio de lacunas, incoerências

e emendas suspeitas. Ou seja, a cultura humana está repleta de contradições e ambiguidades, e é impossível interpretar um comportamento ou fenômeno cultural sem levar em conta seu contexto histórico, social e simbólico.

Quando Geertz (1989) nos fala em "comportamento modelado", se refere à ideia de que os indivíduos agem conforme uma série de padrões culturais que, muitas vezes, não são explicitamente codificados em normas ou regras rígidas, mas que se manifestam em ações cotidianas e interações sociais. Esse comportamento modelado não é fixo nem completamente previsível, mas tem elementos de flexibilidade e transitoriedade, o que o torna difícil de ser "lido" ou interpretado de forma linear.

Atentos a esta complexidade, interessados em compreendê-la, analisa-la, e refletir sobre o Reisado a partir de como atuam seus praticantes, lançamos mão de entrevistas, gravações e imagens. Por meio destes instrumentos, foi possível analisar as lembranças dos celebrantes sobre os modos de fazer estas festas, que são pensadas como patrimônio cultural por tratar de temas referentes as experiências vividas pelos sujeitos envolvidos.

Para os detentores do patrimônio cultural, esses bens — sejam objetos, práticas, lugares ou tradições — têm um significado profundo, muitas vezes ligado à identidade, à memória coletiva e ao sentido de pertencimento, o que coloca as comunidades e indivíduos como agentes ativos na sua preservação e valorização. Nesta perspectiva os festeiros são importantes narradores dos sentidos e significados desta celebração, através da oralidade tornam-se fontes imprescindíveis para nosso trabalho. Segundo Alessandro Portelli, a fonte oral:

[...] revela as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (Portelli, 1998, p. 57).

Conscientes de que as narrativas orais enriquecem nossa abordagem, elegemos como entrevistados, os *festeiros* e os *trabalhadores de Reis* em particular aqueles categorizados como: *sanfoneiros*, *caretas*, *cantadeiras*, além de mulheres que ajudam na preparação dos alimentos para a festa de Reis. Tais participantes foram escolhidos conforme a função que exercem na celebração. A riqueza de suas narrativas ajuda a refletir, compreender e narrar sobre a prática religiosa popular do Reisado na região.

Quadro 2: Perfil dos sujeitos da pesquisa

Nomes		Cidade	Idade	Ano da entrevista	Função no Reisado
1º	Antônio Pereira da Silva (Antônio Pequeno)	Alto Longá - PI	65 anos	2009	Festeiro de Reis
2º	Ambrósio de Carvalho Sousa	Boa Hora - PI	67 anos	2022	Sanfoneiro
3º	Luís Domingues	Nazaré do Bruno, Caxias - MA	78 anos	2022	Festeiro e Reis
4º	Fernando Batista da Rocha	Alto Longá - PI	82 anos	2017	Festeiro de Reis
5º	Francisco de Carvalho Sousa	Boa Hora - PI	52 anos	2022	Sanfoneiro
6º	Sebastião Rodrigues dos Santos (Seu Chinês)	Caxias - MA	50 anos	2022	Festeiro de Reis
7º	Raimunda Machado de Oliveira	Alto Longá - PI	44 anos	2017	Fabrica boi de Reis
8º	Raimunda Solange de Oliveira (Mundinha)	Alto Longá - PI	38 anos	2009	Cantadeira de Reis e cozinheira
9º	Maria Venina	São João do Sóter - MA	53 anos	2023	Festeira de Reis
10º	Maria Iracema Alencar	Alto Longá - PI	89 anos	2022	Recebe Reis
11º	Josefa Machado (Jefinha)	Alto Longá - PI	50 anos	2011	Cantadeira de Reis e cozinheira
12º	Gregório Ferreira	Boa Hora - PI	29 anos	2022	Brincante/ Pesquisador
13º	Lenilton Martins	Boa Hora - PI	32 anos	2024	Brincante/pesquisador
14º	Celestino Pereira Rosa	Alto Longá - PI	65 anos	2017	Sanfoneiro
15º	Antonio Mirasmar Silva Sousa	Caraíbas, São João do Sóter - MA	17 anos	2022	Careta
	Edson Soares de Sousa Ramos	Caraíbas, São João do Sóter - MA	40 anos	2022	Careta
16º	Francisco Oliveira (Chico Pinto)	Alto Longá - PI	60 anos	2011	Sanfoneiro
17º	Tancredo Alves Silva	Campo Maior - PI	36 anos	2024	Careta
18º	Maria das Neves Rocha (Didi)	Alto Longá - PI	60 anos	2017	Festeira de Reis

Fonte: Elaboração própria (2024).

Entre os “sujeitos da pesquisa” estão seis mulheres e doze homens. Na celebração predomina a participação dos homens, que atuam como “festeiros devotos”, Caretas e Sanfoneiros. Os entrevistados têm 40 a 90 anos de idade, que foram identificados, em grande medida, a partir da técnica da “bola de neve”, como sugere Weber (1996, p. 26), referindo-se a uma estratégia de pesquisa qualitativa usada principalmente para acessar grupos sociais específicos. Iniciamos nossa investigação com um pequeno grupo de participantes que serviu como “ponto de partida”. A partir dessas pessoas, obtivemos indicações de alguns festeiros e trabalhadores, que por sua vez indicaram outros, criando um efeito cumulativo semelhante ao de uma bola de neve rolando e aumentando de tamanho.

A maior parte destes participantes não são alfabetizados/as ou apresentam a condição que costuma ser chamada de “alfabetização funcional”, consistindo em saber apenas escrever o próprio nome. A maioria é de origem rural, viveu muito tempo no campo e, mesmo atualmente morando na zona urbana, continua a celebrar suas devoções como aprendeu com seus ancestrais.

Algumas das informações para construção dos dados foram adquiridas nos meses em que os trabalhadores não estavam se dedicando a celebração, outras foram colidas nos dias dedicados às festas de Reis. Contamos ainda com narrativas de *festeiros* que já haviam sido registradas em documentários que tratam das festas de Reis. Nos valemos destas entrevistas, pois nelas os sujeitos relatam dados aos quais não tivemos acesso. Desta forma, tais oportunidades permitiram compreender seus modos de vida, suas práticas de festejar aos Santos, que eclodem no movimento de vai e vem entre as experiências adquiridas no passado atualizados pelo presente.

Assim, os sentidos e significados do passado foram trabalhados, considerando-se, como dito por Alberti (1996) que o tempo é fator determinante para a rememoração e, portanto, para as atividades de compreensão e interpretação.

Como aponta Spink (2000), esses sentidos e significados não se dão de forma aleatória e não funcionam livres das influências sociais. Isto significa que eles supõem uma multiplicidade de visões, leituras, concepções, portanto, não são estáticos nem lineares. O sentido é um projeto coletivo construído com os esforços dos conhecimentos subjetivos, objetivados por interesses historicamente instituídos. Em outras palavras, “[...] as pessoas [...] constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta [...] em um repertório interpretativo” (Spink, 2000, p. 12).

Por repertório interpretativo, nos referimos costumes, concepções, valores e tradições que não existem estabelecidos sobre os pilares da imutabilidade, mas são, dentro da concepção

cultural de tempo histórico, processos revistos, refeitos, reapresentados, permanentemente. O sentido é assim, produto da permanente utilização e revisão do acervo de memória. Com base nesta premissa, a abordagem definiu-se não por uma amostra e sujeitos, aleatória, estatisticamente delineada. De fato, tratou-se, no sentido referido por Gaskel (2002), de uma seleção de sujeitos significativos, de forma intencional.

O desenho metodológico da pesquisa constituiu-se da combinação de duas formas de coleta de informações, no que tange aos Reisados: bibliográfica/documental e de campo. Na pesquisa documental (May, 2004), buscamos analisar produções historiográficas sobre os Reisados, no Maranhão e no Piauí, que versam sobre a festa em análise. Delineamos o a através da consulta a livros, artigos, documentos como cadernos, livretos, dentre outros. No trabalho de campo, procedemos às entrevistas narrativas (Gaskel, 2002; Thompson, 1992) gravadas em com uso de máquina fotográfica e celulares, transcritas à medida em que eram realizadas.

Os narradores se revelaram muitos solidários com a pesquisa. Puseram-se sempre à nossa disposição. Foi a partir do nosso primeiro entrevistado, o Sr. Antônio Pequeno, da comunidade Flor do Dia, da cidade de Alto Longá, que estabelecemos uma relação recíproca de confiança e uma rede de contatos, com os/as narradores/as que iam nos indicando e levando-nos a outros/as, no movimento de “bola de neve”, referido. Um movimento que se inicia na cidade de Alto Longá, segue para outras cidades do Norte do Piauí e chega no Leste Maranhense.

No trabalho de realização das entrevistas, em primeiro lugar, foi feito o contato com o/a narrador/a, quando combinamos, em comum acordo, o dia e hora da entrevista. Nesta fase inicial, explicamos o objetivo do trabalho de forma a permitir que o/a narrador/a o compreendesse e decidisse pela sua participação ou não, na pesquisa. As gravações e imagens realizadas pela máquina fotográfica obedeceram ao consentimento expresso do/a narrador/a e da mesma forma, a publicação das falas e fotografias. As imagens fotográficas nesta pesquisa são entendidas como documentos históricos (Kossi, 1980), e se dão de várias formas: com imagens já produzidas por outrem (Loizos, 2002), de acervos pessoais do/as próprios narradores/as, e com imagens produzidas, por nós, durante o trabalho de campo atento “no processo de produção da fotografia tem-se que combinar três elementos: conteúdo da imagem, o fotógrafo e a tecnologia utilizada” (Lisovsky, 1983), que aqui longe de representarem apenas o registro, elas são trabalhadas como linguagens (Bittencourt, 1998) que, a par da oralidade, têm significados no texto dissertativo, sendo nele, incluídas não como mero apêndice.

O roteiro elaborado para as entrevistas, longe de ser fechado, se constituiu em elementos de provocação das práticas e papéis/funções dentro da festa, sob cujo ritmo, novas questões iam sendo feitas ao longo da conversa, a depender da própria dinâmica e curso desta.

Após a gravação de cada uma das entrevistas, fizemos a transcrição do material coletado. Esta, como lembram Weber (1997) e Bourdieu (1997), por mais fiel que seja possível realizar, já é uma interpretação. Assim, assumindo este princípio metodológico, demos especial importância à fidelidade das falas. A propósito, Whitaker (2002) defende o respeito à sintaxe da fala do/as entrevistados/as, na transcrição, de modo que se algumas falas contiverem irregularidades ortográficas ou gramaticais em relação ao padrão vernacular da linguagem escrita, possam ser do mesmo modo reproduzidas. Foi exatamente assim que procedemos ao transcrever os relatos das entrevistas realizadas.

Do ponto de vista de Pierre Bourdieu, o processo de passagem do discurso oral para o escrito está submetido a aspectos difíceis de conciliar, como “[...] as obrigações de fidelidade a tudo que se manifesta durante a entrevista, e que não se reduz ao que é realmente registrado na fita magnética, que levariam a tentar restituir ao discurso tudo que lhe foi tirado pela transcrição para o escrito [...]” (Bourdieu, 1997, p. 22). Devemos, assim, compreender que o discurso do/a entrevistado/a não é isolado do contexto em que ele foi produzido (Bourdieu, 1997; Whitaker, 2002; Weber, 1997). No entanto, continua a impossibilidade da transcrição “fiel” do olhar, do riso, da tristeza, do choro, do/as narrador/as, o que não se transcreve.

Com efeito, o diálogo desse material empírico, as discussões sobre oralidade, memória e tradição oral (Alberti, 1996), numa perspectiva hermenêutica, foi fundamental à apreensão dos sentidos no processo de construção das inferências empíricas. Foram montados mapas de construção de sentidos, cujos processos foram realizadas reduções dos conteúdos e seu diálogo com referências teóricas se encontram permeados pelo uso de conceitos-chave, entre eles: memória (Pollak, 1992); religiosidade e catolicismo popular (Brandão, 1977; 1980) e (Zaluar, 1983); festas (Del Priore, 2000); Reisado (Barroso, 2007), (Cornélio, 2009) e (Costa, 2019); cultura popular, práticas e representações (Chartier, 2002). Para a construção das inferências empíricas da pesquisa: Spink (2000), Apolinário (2006) e Gaskel (2002).

Com base nos conteúdos arrolados, estes nos auxiliam a refletir, historicizar e construir uma narrativa que dialoga com outras variedades de fontes como cadernos de catingas, livretos de benditos, entrevistas, documentários e fotografias que juntos nos formam o corpo teórico desta tese.

As fotografias resultam dos registros de observação dos Reisados nas regiões em estudo. Já os documentários são provenientes de produção própria e de outros pesquisadores.

Eles foram usados como forma de ampliar a percepção e a compreensão dos rituais de forma mais detalhada.

A tese é composta por quatro capítulos. A introdução, considerando como primeiro deles. O capítulo 2, intitulado TIRAR REIS: HERDEIROS DA FÉ E FESTEJOS A SANTOS REIS, onde discutimos como uma herança devocional se estabelece e é confirmada a partir da observação de experiências de devoção e do relato de seus praticantes. Neste tocante, abordamos momentos de romarias, analisamos altares que se constituem como espaços de oração nos lares e imagens que são guardados em seus oratórios. Em seguida, indicamos as origens da devoção aos Santos Reis e da prática dos festeiros, refletindo sobre como os chamados “promesseiros de Reis” se consolidam como herdeiros de uma fé tradicional e também, o que os leva a permanecer reprisando a celebração. Discutimos, também, sobre as graças pedidas e o pagamento das promessas. São referências bibliográficas para este capítulo: Eliade (1992), Burke (2002), Costa *et al.* (2019), Durkheim (1996), Zaluar (1983), Pollak (2019), Santos (2020) e Silva Junior (2015). Na qualidade de fontes, consultamos cadernos com cantigas e “benditos” de Reis, livretos de romarias, depoimentos de romeiros, festeiros e promesseiros, além de fotografias e documentários.

O Capítulo 3, leva o nome de REZAR, VESTIR, CANTAR E SAPATEAR: REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO E DO PROFANO DO RITUAL DO REISADO. Nele, procuramos explicar como se caracteriza esta devoção, suas rezas e as representações do sagrado e do profano que ela articula. Inicialmente apresentaremos os símbolos considerados sagrados e a função que os devotos atribuem a eles. Entre outros elementos destacamos a bandeira, a imagem peregrina de Santos Reis e os cânticos que relatam as motivações da promessa feita que se está cumprindo.

Entre os aspectos que podemos considerar “profanos” e que igualmente iremos analisar, estão personagens como os *Caretas*. Iremos observar e descrever a composição das suas vestimentas e máscaras, o seu sapatear e seus cantos. Outros personagens como a *burrinha*, o *boi*, o *jaguará*, o *cavalo velho*, animais que representam o repertório sociocultural dos festeiros, também serão agregados à análise. Por último, apresentaremos as bebidas que, dependendo do lugar onde se celebra, também fazem parte do Reisado. Serão importantes para a elaboração deste capítulo, autores como: Turner (1974), Eliade (1992), Chartier (1995), Durkheim (1995), Mauss (2003) e Cornélio (2009). Complementarão a discussão, trechos de entrevistas de indivíduos que participam da celebração ocupando funções diversas, bem como de pessoas que confeccionam suas indumentárias, fotografias e documentários.

Finalmente, o último capítulo, de número 4, denominado O DIA DOS SANTOS: REZAR, CANTAR E SE ALIMENTAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL. Nele, analisamos a relação do ritual na sua dimensão sociocultural, descrevendo as diversas maneiras de celebrar o Reis e observando o sentido da “retribuição” envolvidos nas festas. Estaremos, ainda, atentos às rezas, cantos e as formas de preparo e oferta dos alimentos no dia dedicado a Santos Reis. Descrevemos, também, as diversas formas como são encerradas as festividades. Como se verá, o capítulo vem a ser uma etnografia focada em compreender e descrever estas práticas, comportamentos e crenças envolvidas, bem como as interações dos festeiros de Reis em torno do ritual, a partir de uma imersão no contexto em que esses indivíduos vivem.

Apresentamos normas particulares adotadas pelos *festeiros de Reis*, percebidos como detentores deste patrimônio cultural imaterial que é o Reisado, uma celebração fundamental para a preservação e transmissão das tradições e práticas culturais dos grupos estudados neste trabalho. Ainda neste capítulo, prosseguimos com esta reflexão, apontando as políticas públicas para o reconhecimento e a valorização da diversidade, preservação e salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial. Para tanto, organizamos informações sobre o caráter da legislação e das políticas públicas de patrimônio, sobretudo, imaterial, no Brasil – em diálogo com o que acontece no mundo. A análise se direciona, no fechamento do capítulo, para a potencialidade do *Reisado* como patrimônio de natureza imaterial, pois constitui a luz da política de preservação patrimonial, como um patrimônio cultural dos grupos que celebram os Reisados nos dois territórios.

Para tanto, estaremos amparados teoricamente em autores que nos auxiliaram em sustentar esta discussão, como: Faria (1965), Sant’anna (1995), Fonseca (1997), Mauss (2000), Belas (2005), Pergo (2010), Bourdieu (1984), Da Matta, (1986) e entre outros. Também, na Constituição Federal do Brasil (1988) e na Trajetória de Salvaguarda, do IPHAHn (2006).

As leituras acima foram colocadas em debate com as entrevistas com festeiros e outros participantes da celebração e com as fotografias que retratam seus diversos momentos. Assim, podemos comprovar que as celebrações que os festeiros de *Santos Reis* realizam nos dois territórios, contribuem para o estudo sobre patrimônio cultural, na valorização e preservação da identidade cultural dos sujeitos pesquisado, quando na produção científica sobre a temática.

2 TIRAR REIS: HERDEIROS DA FÉ E FESTEJOS A SANTOS REIS

Aí se apega com Santo Reis para não ficar paraltico, para não ficar aleijado, aí se ficar bom, vai tirar aquelas noites levando chuva, padecendo, chegando fora de hora nas casas, cantando aquele padecimento. Aí quando o dono da casa sai fora, recebe o Santo, dar a esmola pro santo. Recebe os caretas, eles vão sapatear, aí bota o boi para dançar, aí quando termina, vão para outra casa até passar a noite, quando é na outra noite, continua de novo até, até, completa as nove noites. Aí o que faz dentro daquelas nove noites (dinheiro), é para pagar os trabalhador [sic], pagar o dançador do boi, pagar o tocador e as cantadeiras.

No dia de Reis, amanhece o dia, vão matar aqueles bichos, como aqui né, amanheceu foram matar aquelas coisas, tá tudo com saúde, o povo vão [sic] chegando, vai recebendo, aquele pessoal, aí faz a merenda, bota a merenda para o povo, vão cuidar no almoço, almoçam, quando é de noite, depois da brincadeira toda bota o jantar para o povo todo é muita gente. (Sr. Antônio Pequeno. Trecho do documentário *Reis e Caretas*. Alto Longá, 2016).

Conforme citado acima, no Maranhão e Piauí, é desta forma que se festeja os Reis Magos ou Santos Reis: é a *feira do Reisado*. Segundo Luís da Câmara Cascudo, esta tradição foi introduzida no Brasil pelos colonos portugueses que celebravam o nascimento do menino Jesus, fazendo menção aos três Reis magos (Cascudo, 2001). Uma celebração festiva que se modifica ao chegar ao Brasil, evocando um conjunto de elementos de base, mas, também, uma expressão religiosa com expressões típica em diversas localidades. Com efeito, ela é ressignificada por grupos de pessoas marcados pela sua condição social, cultural e econômica, que acrescentam símbolos e objetos próprios de suas vivências.

A festa obedece a um calendário específico denominado de “epifania dos Santos Reis”, que se estende do dia 24 de dezembro (data do nascimento de Cristo) ao dia 6 de janeiro (dia dos Santos Magos). Com relação àquelas celebrações que ocorrem no norte do Piauí e leste maranhense, podemos percebê-las enquanto uma teatralização ritualística da religiosidade devocional popular, permeado por trocas, diálogos e interlocuções através de contatos interculturais. Isto porque o processo de colonização destas regiões, são resultados das aproximações entre colonizadores, os povos originários e os africanos, que juntos constituem um tecido sociocultural próprio dos lugares em questão.

No caso do Piauí, as descrições do sacerdote português, Pe. Miguel de Carvalho, encaminhadas ao Bispo de Pernambuco, Frei Francisco de Lima, em 1694, sobre as primeiras fazendas de gado do Piauí, seus moradores, e o contato destes com os sacramentos cristãos, são reveladoras neste sentido. Elas permitem perceber o contato da religião institucionalizada com um tecido social variado.

Tem o sertão do Piauí, pertencente a nova Matriz de Nossa Senhora da Vitória, quatro rios correntes, vinte riachos, com cinco riachinhos, dois olhos d'água e duas lagoas, à beira das quais estão 129 fazendas de gados, que moram 441 pessoas entre branco, negros, índios, mulatos e mestiços. Mais lagoas e olho d'água tem, em moram algumas pessoas que, por todas as de sacramento, fazem o número de 605 (Melo, 1991, p. 14).

É possível observar que a formação da sociedade piauiense se deu a partir de uma variedade sociocultural. Estes diversos grupos vivenciaram uma experiência religiosa que lhes possibilitou, a partir de filtros sociais e da junção de contribuições diversas, elaborarem e ressignificarem experiências devocionais cujas ressonâncias podemos encontrar na atualidade.

Ao tratarmos da composição social do Leste Maranhense, tomando como exemplo Caxias, Marques (1970) em seu “Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão”, afirma que o povoado surgiu a partir da criação de gado em uma região de aldeias Timbira e Gamela, percebemos que sua origem, assim, como no caso piauiense, também se constitui em um acervo pluricultural, com diversas contribuições étnicas.

Quanto as festas de Reis estudadas nas duas regiões, estas se apresentam como rito pluricultural, compartilhamos do entendimento de Turner (2005) que o compreende os ritos como comportamentos formais, não devotados à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. No caso em tela, eles agregam influências culturais das matrizes étnicas portuguesas, indígenas e africanas que, em diálogo, reelaboram esta tradição. Neste tocante, o *Reisado* pode ser definido como um ritual com fins devocionais e festivos, sendo assinalado por trocas culturais, resultado de vivências religiosas marcadas por múltiplos encontros, contatos, interação e hibridismo cultural (Burke, 2003).

Suas finalidades simbólicas são expressão de fé e devoção, sentidos e emoções, presentes nos gestos como carregar a imagem dos Santos, nos sons e nos objetos que compõem o ritual, como a bandeira por exemplo. Tal como postulado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, trata-se de “uma sequência ordenada de gestos, sons (palavra e música) e objetos, estabelecida por um grupo social com finalidades simbólicas” (Le Goff; Schmitt, 2002, p. 415).

Mary Del Priore, quando estudou as festas no Brasil colonial, alertou para a importância de rastrear os níveis de circularidade como resultado dos encontros étnicos, nas festas e rituais católicos. Afirma a autora:

Será importante rastrear os níveis de circularidade que levaram informações da elite para o povo, ou por entre culturas diferentes (no caso brasileiro, a negra e a indígenas) que se serviam da festa, da procissão, da ‘Entrada’ como espaço comum de troca (Del Priore, 2000, p. 13).

Observamos, realmente, que uma devoção e uma festa que foram introduzidas a partir da Igreja e seus representantes, que podem ser qualificados como elementos da “cultura oficial”, acabaram apropriados e reelaborados no contato com outros grupos étnicos e mesmo a partir dos setores populares da sociedade colonizadora. Estamos diante do que foi definido por circularidade cultural por Ginzburg (2002)¹⁵, situação em que as influências culturais - ideias e práticas - transitam e se transformam através do tempo e entre diferentes grupos sociais.

Nestes termos, certas devoções e rituais católicos, particularmente o Reisado, ecoam uma circularidade cultural manifestada como uma prática religiosa, “voltada para a vida na terra, que deriva tanto de uma matriz erudita, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva e anônima” (Zaluar, 1983, p. 13-14).

Neste sentido, Brandão (1977) apresenta a Folia de Reis como um exemplo vivo da religiosidade popular brasileira, marcada pela devoção espontânea, pela oralidade e pela interação entre fé, cultura e tradição. Ele ressaltava como essa prática reflete uma forma de vivenciar o sagrado fora dos espaços formais da Igreja, nos quais inicialmente foram elaborados, reafirmando a importância da cultura popular na construção da religiosidade no Brasil.

Santos (2020), ao discutir sobre as experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres, ressaltava que no início do século XIX, a província eclesial do Piauí tinha um pouco mais de 19 pequenas igrejas e capelas, mal administradas. Os fieis tinham que vencer grandes distâncias para se dirigir aos templos, A dificuldade não era apenas pelo número insuficiente de clérigos espalhados pela província do Piauí, mas pela distância da Diocese do Maranhão, então detentora do atendimento espiritual das almas que viviam na região.

Este era um cenário propício para a predominância de um “catolicismo devocional”, conforme define Áurea Pinheiro:

Antes da criação do bispado (1906), o Piauí contava com a pequena presença do clero católico, de modo que a religião não era exercida de maneira formal e organizada em torno de um centro disciplinador, visto que predominava o catolicismo devocional (rezas, novenas, promessas a santos, procissões com imagens etc.). As visitas pastorais ocorriam de forma esporádica para administrar sacramentos (batizados, casamentos etc.). Não existia ensino religioso, tampouco a orientação de práticas religiosas cotidianas (Pinheiro, 2001, p. 50).

¹⁵ Como já dissemos em outro momento, para o autor, a distinção entre cultura popular e cultura erudita deve ser tratada de maneira crítica, a partir de uma visão dinâmica da cultura, e das trocas operadas entre essas duas esferas. Elas não são compartimentos estanques ou opostos, mas como campos interligados e interdependentes, em um movimento contínuo de influências e adaptações mútuas.

A fragilidade institucional e os múltiplos encontros culturais e raciais que formaram o Brasil explicariam a diversidade e mistura de crenças que informam as mais variadas formas de religiosidade popular (Hermann, 1997). Esta situação se apresenta na prática e no sentimento religioso dos devotos contemporâneos, visíveis na forma particular como eles expressam devoções.

No que tange à região do Leste Maranhense, destacamos que no início do século XIX, a vila de Caxias se configurava como um importante centro político, econômico e administrativo do vale do Itapecuru, quando ainda era conhecida como as Aldeias Altas. Neste período, Caxias contou com o desenvolvimento de uma economia agrícola, com base na mão de obra escrava ou servil (de índios aldeados), cultivando o algodão. O algodão em um primeiro momento, terá uma importância significativa para economia local para, posteriormente, se tornar o principal produto de exportação do estado do Maranhão (Oliveira, 2002).

O cultivo do algodão em larga escala favoreceu a concentração do trabalho escravo, para seu cultivo e colheita, fazendo com que um número considerável de escravizados se concentrem em cidades maranhenses, como a nova vila de Caxias, onde havia um número significativos lavouras produtivas. Ferretti (2008), comenta que o contingente negro era um dos mais expressivos na população maranhense em meados do século XVIII, atingindo cerca de 70% dos habitantes. O mesmo, acrescenta sobre as práticas devocionais:

[...] as autoridades em certos momentos estavam mais preocupadas com as revoltas de escravos do que com o “fetichismo” dos negros, mas em períodos de intranquilidade, ordenavam o fechamento dos batuques e a destruição dos tambores. [...] leis municipais em diversas cidades como em Viana, de 1846 e em Codó (1848), em Caxias (1846), em Matões (1841) proibiam batuques e outras manifestações dos escravos, como por exemplo: a Lei 225, de 1846 em Caxias, definindo que “Fora dos lugares que pela autoridade competente forem marcados, ficam proibidos os batuques, cantorias e danças de pretos (Ferretti, 2008, p. 2).

Desta forma, em meados século XIX, se configuraram circunstâncias de perseguição às religiões e tradições ancestrais dos negros na região de Caxias, o que demonstra que havia por partes estes sujeitos a prática de batuques e outras manifestações culturais. Isto talvez explique, por que em algumas formas de celebração Reisado, nesta região, foram acrescentados, ao ritual, elementos da cultura afro-brasileira.

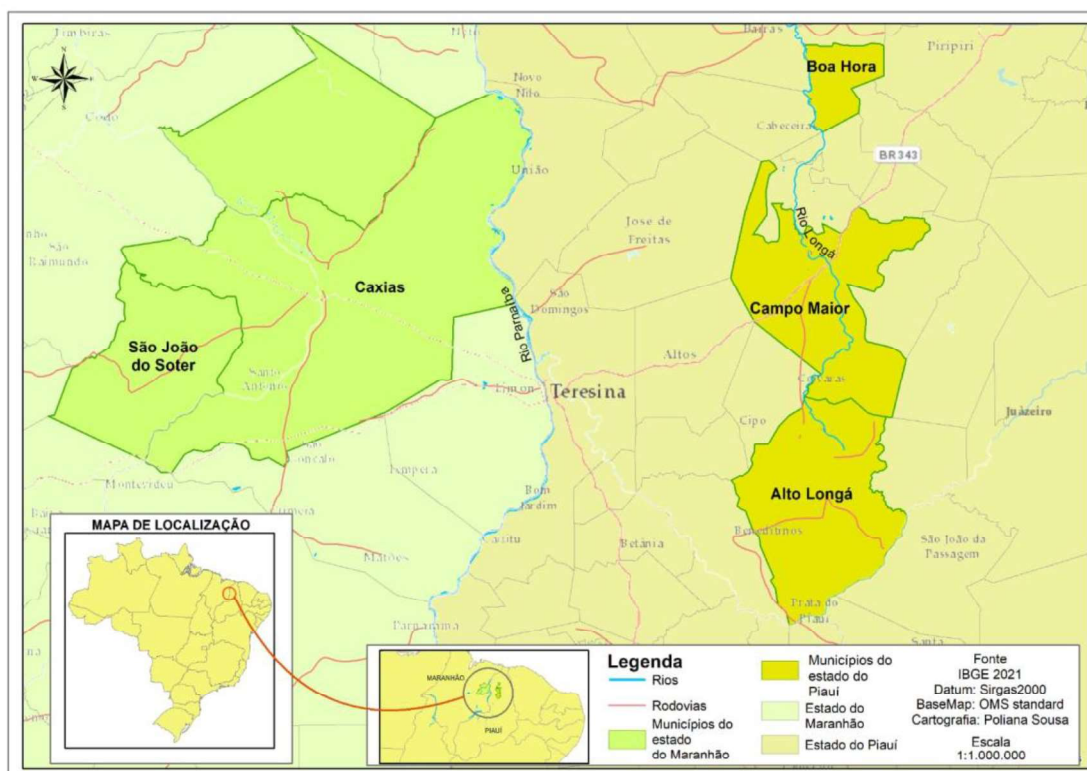
Como já esclarecemos, nossa análise se centrará no estudo do *Reisado*, tal como ele vem sendo praticado em algumas cidades dos estados do Maranhão e do Piauí apresentadas no mapa abaixo. Concretamente, trata-se de Caxias e São João do Sóter, no Maranhão e Boa Hora,

Campo Maior e Alto Longá, no Piauí.

Nestas regiões, a festa se desenvolve a partir de uma estrutura comum, que estão presentes nas várias regiões do país: ela começa com a saída do cortejo liderado pelo “promesseiro” responsável pelo pagamento de um ex-voto¹⁶. Entre seus principais elementos e personagens, encontramos a bandeira de Reis, as cantadeiras, os músicos, o mandador¹⁷, os *Caretas*, o boi, a burrinha entre brinquedos.

Os grupos peregrinam, visitando as casas de suas cidades, carregando a representação dos Santos Reis, que pode ser em um quadro, em uma escultura em gesso, ou impresso na bandeira que acompanha o rito. Como veremos, os circuitos festivos dedicado aos Santos Reis, colocam em circulação um conjunto heterogêneo envolvendo santos, pessoas comuns, objetos sagrados e seculares, conhecimentos e rezas, todos englobados em um saber caro à folia.

Figura 1: Cidades do Norte do Piauí e do Leste Maranhense em que ocorre a celebração do Reisado, estudadas na tese



Fonte: Souza (2024).

¹⁶ O *ex-voto* constitui-se em uma expressão religiosa e cultural caracterizada pela prática de oferendas aos santos como forma de agradecimento por graças alcançadas. O *ex-voto* pago aos Santos Reis mostra um modo de subjetividade própria, não incluindo objetos como retratos, fios de cabelos ou representações de partes do corpo acometidos pelas enfermidades que foram curadas, constituindo-se em rezas, danças e esmolos.

¹⁷ Cantador de Reis, responsável para puxar os versos que vão acompanhar os sapateados dos *Caretas* e o bailado do boi. Encontramos este personagem nos Reisados das cidades de Boa Hora e de Campo Maior, ambas no Piauí.

A região que compreende o Norte do Piauí e o Leste Maranhense, é seccionada pelo Rio Parnaíba, particularizando costumes e vivências, servindo de caminho para colocar em contato pessoas, saberes, práticas e preceitos populares, inclusive, no que se relaciona ao catolicismo devocional.

2.1 Festeiros e devoções: santos fora da Igreja e dentro de casa

É possível observarmos nas festas dedicadas aos Santos Reis, que ocorrem em cidades como Caxias, Aldeias Altas e São João do Sóter, no estado do Maranhão, e em Boa Hora, Campo Maior e Alto Longá, no estado do Piauí, tem como ponto comum as devoções a estes Santos. Isto a ponto deles serem, inclusive, cultuados no interior das casas, havendo lugares reservados a eles, seja em pequenos altares e oratórios ou em paredes, onde se expõem aqueles de principal devoção.

Figura 2: Altar da casa do Sr. Sebastião “Seu Chinês”, festeiro de Reis da cidade de Caxias - MA



Fonte: Elaboração própria (2022).

O altar na casa do Sr. Sebastião, “Seu Chinês”, na cidade de Caias - MA, por exemplo, fica em um local reservado. Nele estão imagens de seus santos de devoção: Santos Reis, em um quadro grande, no topo, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Graças, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, além de Santa Dulce dos Pobres. Também, São José com um terço pendurado no pescoço, e São Jorge. Mesmo personagens cultuados pela tradição popular, mas não canonizados como o Padre Cícero, encontram lugar ali, junto a imagens dos Reis Magos.

Ornam também este altar, um quadro com a imagem de uma criança, uma caixa com gavetas e um livro grosso, que Seu Chinês¹⁸ encobre com a mão. Pelo volume ele lembra uma Bíblia, mas a atitude do dono da casa parece querer escondê-la. Se assim for, ele pode ser um livro de orações, uma leitura que ele procurar ocultar. Compõem ainda, o espaço de piedade, uma toalha florida e dois pires que amparam as velas que são acesas quando os donos da casa rezam seus terços e demais orações.

Faz realmente parte da cultura popular, que as imagens dos santos estejam não só nas igrejas, mas dentro das casas do povo, perto de seus devotos. É para eles que os mesmos recorrem em momentos de aflição, que fazem pedidos, súplicas, que acendem velas, rezam o terço. Quando se sentem atendidos, pagam promessas e fazem romarias aos lugares ligados aos seus padroeiros. Os padroeiros fazem parte de seu cotidiano e em suas experiências religiosas¹⁹.

A devoção popular, manifestada e ritualizada no culto a imagens de anjos e santos, nas procissões e nas promessas, foi e ainda é elemento marcante da religiosidade e espiritualidade da sociedade piauiense desde a colonização. Procissões ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres - PI e Oeiras - PI (Procissão de Bom Jesus do Passos) (Pinheiro, 2008).

Esta autora em outra obra complementa, que às cidades de Canindé e Juazeiro, no Ceará, têm feito parte do calendário litúrgico, devocional e turístico de grande contingente da população piauiense, sobretudo do meio rural, deixando marcas profundas nas práticas religiosas e nos ambientes urbanos (Pinheiro, 2009).

Pela alegria da graça alcançada, as promessas são pagas pelos devotos das mais diferentes maneiras, e, dependendo do santo, há uma forma de pagamento específica. O agradecimento à São Francisco, Padre Cícero e Santa Cruz dos Milagres, se dá através de romarias ou com

¹⁸ Senhor Sebastião, mais conhecido por Chinês, pela característica do formato dos olhos semelhantes aos povos do leste asiático, repuxados ou amendoados. Daí ser conhecido desta forma.

¹⁹ Oportunamente falaremos sobre o papel dos festeiros na celebração do Reisado. Por agora cabe afirmar que eles têm algumas experiências com as romarias; participaram diretamente delas, ou o fizeram seus familiares, com quais aprenderam a devoção aos Santos Reis.

pagamento ex-votos, que podem ser representações da parte do corpo que sofreu e foi curada; ou ainda, usando vestimentas nas cores dos hábitos usados pelos santos de devoção. Por exemplo, para agradecer a São Francisco, usa-se uma túnica marrom com um cordão branco amarrado à cintura (Figura 2). O agradecimento a Padre Cícero do Juazeiro, se faz portando um vestido longo, aberto na frente e com uma fileira de botões. Ele pode ser na cor preta ou branca, fazendo referência ao paramento litúrgico do padre.

Figura 3: Romeiros de Alto Longá, no Piauí, a caminho de Juazeiro do Norte e Canindé, ambas cidades do Ceará



Fonte: Machado (2023).

A imagem acima retrata pessoas em romaria para Juazeiro do Norte. A vestimenta preta de senhor, Antônio Pequeno, é sinal de devoção ao Padre Cícero. A cor marrom das demais, se refere ao hábito da Ordem de São Francisco. De fato, a mesma romaria se estenderá até Canindé, em devoção a São Francisco das Chagas²⁰.

As romarias para lugares santos no Nordeste do Brasil são práticas religiosas que envolvem a peregrinação de fiéis a locais sagrados, buscando bênçãos, graças ou um maior aprofundamento da fé. Esses lugares, em sua maioria, estão relacionados ao catolicismo, e muitos são locais de forte tradição e história religiosa.

²⁰ Segundo a Igreja Católica, São Francisco recebeu, no fim da vida, as chagas de Jesus Cristo durante um momento de oração no Monte Alverne, na Itália.

O sr. Antônio Pequeno a quem nos referimos, é um lavrador aposentado, de 70 anos de idade. Trata-se de um senhor franzino, sorridente, de voz mansa, experiente nas práticas de devoções populares. Ele reza, “tira Reisado” e faz roda de dança de São Gonçalo²¹; também batiza os chamados “anjinhos” pagãos²², quando é requisitado. Ele recebe grande consideração da comunidade de Alto Longá, sendo uma espécie que se pode definir como “guardião de memórias” deste coletivo²³.

Isto é, ele não é alguém que retém apenas memórias individuais, mas guarda memórias coletivas sobre celebrar devoções populares. Assim, não carrega somente suas próprias experiências e recordações, mas também é portador da memória social que está profundamente enraizada em sua cultura e história.

Nosso primeiro contato foi para na oportunidade da pesquisa para este trabalho, em setembro de 2009, em sua residência, no momento em que ele fazia uma reza para curar dor de cabeça de uma senhora. Esta prática ele chama de “tirar sol da cabeça”. Para este processo de cura, o “Seu Antônio” utiliza um tecido branco dobrado que põe na cabeça do queixoso, e sobre o tecido uma garrafa transparente com água, conforme imagem abaixo. Com isso, inicia a reza de cura.

²¹ Dança em devoção ao Santo são Gonçalo, realizada para o pagamento de ex-voto a este Santo.

²² Crianças que vem a óbito antes de serem batizadas.

²³ O conceito de "guardião de memória" aqui atribuído ao Sr. Antônio Pequeno, se refere à ideia dele como um sujeito que retém memórias individuais e coletivas sobre celebrar devoções populares. Assim, ele não carrega somente suas próprias experiências e recordações, mas também é portador de uma memória coletiva que está profundamente enraizada em sua cultura, história e contexto social.

Figura 4: Sr. Antônio Pequeno “tirando sol” da cabeça de uma mulher



Fonte: Elaboração própria (2009).

Na sequência, após terminar de benzê-la, e na presença de outras pessoas que também se encontravam em sua residência, em um terraço na frente da casa, ele começou a falar sobre suas experiências com Reisado. Contou de situações em que ele estava pagando promessa, ou quando estava auxiliando outras pessoas com o ritual.

Em seguida, entrou em casa, foi até seu oratório e pegou um quadro com a imagem que retrata a cena clássica do menino Jesus no Presépio, inclusive com os três Reis Magos. Com a imagem no colo, e relatou: “Esses três aqui são os Santos Reis, e é por isso que no Reisado tem os *Caretas*, porque eles acompanham o menino Jesus. Não existe Reisado sem careta.” (Antônio Pequeno, Sr., 2009)²⁴. É possível, perceber que classifica a figura dos Reis Magos, como santos e os associa aos *Caretas*, uma relação também recorrente nos demais Reisados abordados neste trabalho.

Na sequência, Sr. Antônio Pequeno comparou o “tirar Reis” de outros tempos com os atuais. Disse, sobre isso, que: “os *Caretas* e os tiradores de Reis, quando vão tirar Reisado,

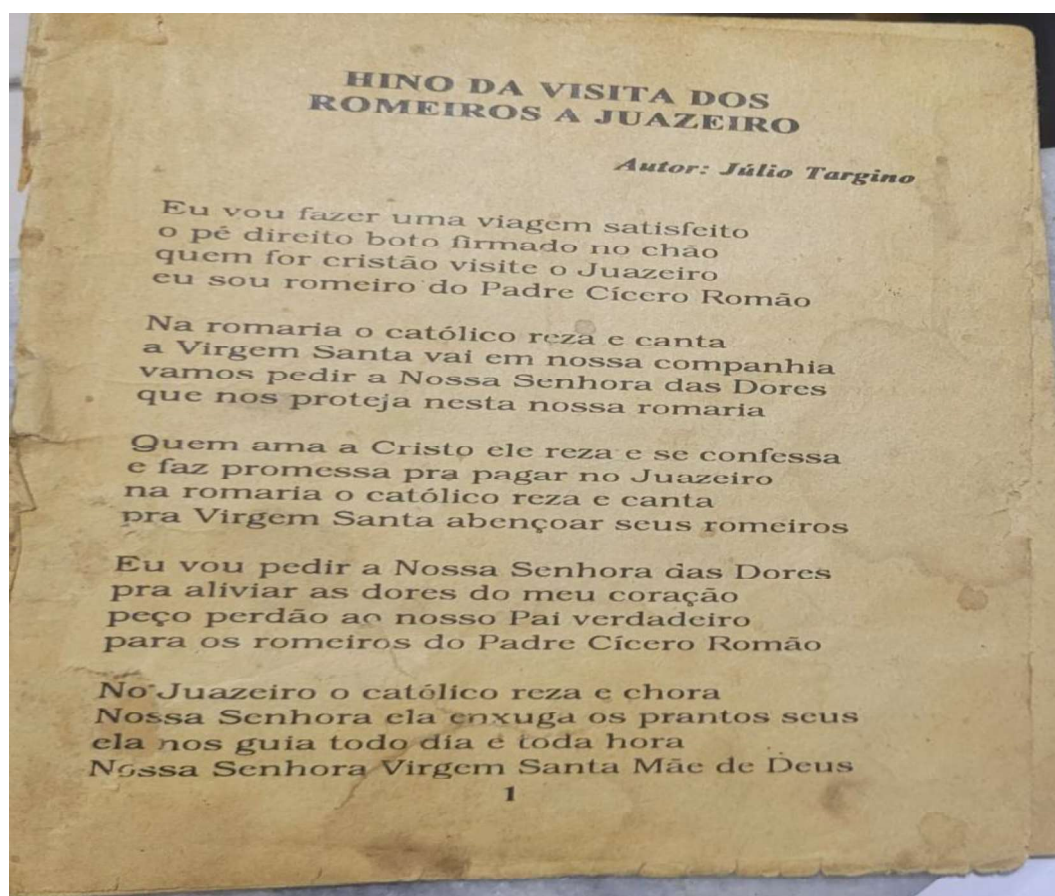
²⁴ Entrevista concedida pelo senhor Antônio Pequeno, Alto Longá, 2009.

passam a noite padecendo [*sic*], de casa em casa, que só quem tira Reisado é que é mesmo devoto e quer pagar a promessa porque não é fácil, você faz porque o Santo é forte.” Acrescenta: “antigamente era mais difícil ainda as casas ficavam longe das outras, aí que o padecimento era grande mesmo, a gente passava noite toda andando e tirava o Reis em poucas casas.” Perguntado se sabe dizer se as pessoas que pedem seu auxílio são devotos de outros santos, considerou que: “sim, essas pessoas são devotas de Santa Cruz, Padre Cícero do Juazeiro e de São Francisco. Fazem promessa para estes outros padroeiros, só que as promessas são mais fáceis, porque é para usar uma roupa ou fazer reza e leilão. Se for outras promessas se eu souber eu ajudo a pessoa pagar.” Disse ainda: “as vezes a promessa é rodear a estátua de Padre Cícero três vezes rezando, aí eu ajudo, dizendo quais as rezas e a pessoa vai acompanhando, rezando ou cantado, conforme seja.” (Antônio Pequeno, Sr., 2009).

O Sr. Antônio Pequeno, além de auxiliar as pessoas no cumprimento de suas promessas, como mencionado anteriormente, também tem se dedicado à organização de romarias nos últimos anos. Ele aluga ônibus para levar os romeiros às cidades de Juazeiro e Canindé. O veículo que ele freta, é um dos primeiros a atingir a lotação na cidade, pois muitos romeiros preferem viajar com ele, pois sabem que podem contar com sua ajuda caso necessitem de auxílio durante a peregrinação. Durante as viagens há grande animação. Ele entoia os benditos que memorizou ao longo do tempo, já que não sabe ler nem escrever. Os demais romeiros por saberem ler e escrever, acompanham as cantigas lendo nos livretos como o que reproduzimos no Figura 5.

Estes eventos indicam a forte devoção da comunidade a santos como São Francisco da Chagas, padroeiro de Canindé no Ceará e em Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte também no Ceará.

Figura 5: Livreto com “benditos” de romarias



Fonte: Elaboração própria (2016).

A primeira estrofe do “Hino da visita dos romeiros à Juazeiro”, de autoria de Júlio Targino, apresentado acima, reafirma sua devoção ao Padre Cícero, bem como sua fé na virgem Santa, sob a avocação de Nossa Senhora das Dores. Ela é a padroeira de Juazeiro e a santa de devoção de Padre Cícero. Na página seguinte do mesmo livreto, antes de finalizar a oração, uma estrofe diz:

*“Em trinta e um, trinta e dois e trinta e três
O meu padrinho aconselhava seus romeiros
Ele dizia eu vou fazer uma viagem
A minha imagem vou deixar no Juazeiro.”*

Embora não canonizado pela Igreja, Padre Cícero é considerado por seus devotos como o “santo nordestino” e Protetor do Juazeiro do Norte e do povo que visita aquele o lugar. No cântico, aparece como conselheiro e padrinho de seus romeiros. Diante de sua imagem em Juazeiro, os devotos se confessam como se ele estivesse ali para escutá-los.

Silva Junior, ao se referir a cidade de Juazeiro a classifica como uma cidade mística:

O que a fez diferenciar das demais foi a produção de uma *hierofania* em seu entorno, a formação de uma cidade mística, espaço de adoração e peregrinação que atraiu e ainda atrai, de várias partes do Nordeste, um número considerável de romeiros, peregrinos que todos os anos “invadem” a cidade de *Padim Ciço*, [sic] a fim de agradecer as graças alcançadas ou para confirmar sua fé durante o sepulcro do Patriarca de Juazeiro (Silva Junior, 2015, p. 303).

A fé que os peregrinos/romeiros devotam ao “Padim Ciço”, faz com que estes visitem Juazeiro anualmente em reconhecimento da intercessão divina do Santo Padre em suas vidas. As romarias se constituem como reavivamento da devoção, são momentos dedicados a experiências devocionais repetidas ao longo da vida.

É o que nos contou Maria Iracema Alencar²⁵ sobre uma experiência que começou na sua infância:

Hoje eu tenho 87 anos, comecei a ir para Santa Cruz dos Milagres quando ainda era criança, meus pais me levavam num jigue²⁶ no lombo dos jumentos, eu e minhas irmãs, eu era bem molinha ainda, muito criancinha que ainda nem tinha entendimento, mesmo assim meus pais me levavam e até hoje ainda vou para minhas romarias, visitar meus padroeiros, para mim é uma felicidade, quando estou em Santa Cruz, ou Juazeiro ou Canindé, a gente nem lembra que tem casa, eu faço isso todo anos e ainda vou até quando Deus e eles permitirem. A gente passa o ano todo se apegando com eles no momento de precisão e eles vem acudir, a gente sabe que eles estão com a gente, olhando por nós. Aqui em casa tem muitas imagens deles, a maioria fica em meu quarto eu rezo para eles e eles olham por mim e minha família. (Alencar, 2020).²⁷

Percebemos que a fé nos santos padroeiros é aprendida por meio de experiências que acompanham as pessoas em sua história, tornando-se referências para a vida.

A cada viagem que os romeiros fazem a lugares como Canindé - CE, pagando promessa para São Francisco das Chagas, ou a Juazeiro do Norte - CE, para visitar a Estátua de Padre Cícero Romão Batista, ou ainda, para Santa Cruz dos Milagres, em visita à Divina Santa Cruz, os devotos registram sua estada junto às imagens destes santos. Além das fotografias que tiram, compram algumas imagens dos padroeiros para colocar em seus oratórios, ou nas paredes junto às fotos de seus familiares.

²⁵ Dona Maria Iracema Alencar, faleceu em abril de 2024.

²⁶ Cesto confeccionado em fibra de carnaúba que, colocado no lombo de animais de médio porte, serve para transporte de mercadorias.

²⁷ Entrevista concedida por Maria Iracema Alencar, Alto Longá, em Setembro de 2020.

Figura 6: Imagem da parede do interior da casa de um devoto, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Patrícia Santos, ao estudar a romaria da Divina Santa Cruz, observou que a festa em homenagem a esta santa atrai feirantes de outras regiões, os quais montam barracas para venda de imagens e fitinhas. “As barraquinhas com imagens de santos eram as mais numerosas, mas alguns mais ousados deixavam as barracas ao pé do morro e vendiam as relíquias no adro da Igreja, competindo com a missa com seus gritos para atrair os fregueses” (Santos, 2020, p. 157). Desta forma, as barracas tornam-se atrativas para os devotos comprarem imagens e fitas para si e para dar de lembrança aos familiares que não puderam ir naquele ano a peregrinação.

Figura 7: Altar da casa do Sr. Antônio Pequeno, montado com as imagens que comprou ou ganhou nas romarias, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2009).

O Sr. Antônio Pequeno, tem vários santos de devoção, como São Francisco e Padre Cícero. Além de cumprir suas próprias promessas, ele também auxilia aqueles que desejam ou precisam cumpri-las, e não sabem como realizar os rituais necessários.

2.2 A graça alcançada e o pagamento aos Santos Reis: promessa, obrigação, devoção, missão

No norte do estado do Piauí e Leste Maranhense, o ritual devocional ao Reisado se apresenta como o agradecimento às graças alcançadas a partir do pagamento de ex-votos. Assim, a fé destes fiéis é manifestada através da festa em devoção aos *Santos Reis*.

O ritual, como veremos, está permeado de múltiplos sentidos que remontam a um tempo distante do nosso. Nele aparecem ressignificados símbolos, cantigas, falas e gestos, elementos culturais de tradições ancestrais atualizados pelos que festejam os santos.

Ele também é uma das festas mais populares da região, ligado ao âmbito do sagrado, ancorada no passado e constantemente passando por processos de recriações e atualizações. Claval (1999) percebe a cultura como herança transmitida, que pode ter sua origem em um

passado longínquo. Porém, lembra que ela não se constitui em um sistema fechado e imutável de técnicas e comportamentos. A concepção de cultura como sistema aberto permite compreender o dinamismo de algumas manifestações culturais que preservam alguns elementos do passado, ressignificados no tempo presente.

É o que ocorre nos *Reisados* que estudamos. Este é um ritual que é plural e diverso, amplo, sincrético, heterogêneo e plástico, hoje está intimamente vinculado à cultura e identidade brasileira (Pereira, 2013). Como dissemos, seu início remete ao pagamento de um ex-voto em reconhecimento a uma graça alcançada.

Assim como varia o tempo durante o qual o *festeiro* vai pagar a promessa, mudam também os motivos e os tipos de pagamentos dos ex-votos. Há *festeiros* que pagam as promessas que eles mesmos fizeram em decorrência de uma graça alcançada em benefício próprio como é o caso de Dona Didi; há também festeiros que pagam a promessa por outra pessoa, assim como aqueles que pagam promessas que alguém fez em benefício da saúde dele. Desta maneira, o pagamento do ex-voto, assume várias formas que os festeiros classificam como, promessa, obrigação, devoção e missão, a qual pode ser cumprida em um único ano ou em anos consecutivos; ou enquanto o devoto viver, dependendo de como, em súplica, ele estabeleceu seu “acordo” com os santos. Isto é, no momento em que pede a intercessão do Reis, por exemplo para uma cura, o pedinte estabelece como será feito o pagamento da graça.

Agora eu tô [*sic*] pagando uma promessa minha mesmo, outro tempo aí, eu passei por uma cirurgia de vesícula, quando estava com cinco dias ela abriu, não tem, com três meses de cirurgia foi preciso outra cirurgia mais, aí eu tive mesmo vendo o caminho fundo, aí me lembrei de Santo Reis, que ele me ajudasse que eu ficasse boa, que eu ficasse contado aquela história, eu prometia tirar esmola com ele três anos. Então esse é o primeiro, mas em nome de Deus e de Jesus e de Santo Reis, eu vou tirar os três anos, os outros dois anos que falta (Dona Didi. Trecho do documentário *Reis e Caretas*. Alto Longá, 2016).

O devoto também estabelece se o *Reisado* se será realizado durante o dia, no qual o dono da promessa e mais uma ou duas pessoas saem visitando as casas pedindo ofertas para os Santos, ou durante a noite, quando as visitas são acompanhadas das cantadeiras, dos *Caretas*, do *boi* e de outros personagens, elementos sobre os quais traremos esclarecimentos mais adiante.

Quadro 3: Tipos de Reisados

Promessa	Quando o festeiro faz um voto pedindo intercessão em algum processo de cura. Ao ser atendido, precisa pagar a promessa com o Reisado, como agradecimento a graça alcançada.
Obrigação	Este caso específico se refere a alguém que se comprometeu a pagar uma promessa de Reisado por outra pessoa, assumindo o compromisso de realiza-lo.
Devoção	Neste caso o festeiro tem devoção aos Santos Reis. Ele pode até ter iniciado sua devoção quando fez o pagamento de ex-voto, mas mesmo tendo concluindo sua promessa, continua a festejar os santos, sem compromisso de pagamento de ex-voto. É um devoto dos Santos.
Missão	Aqui os festeiros assumem o compromisso de levar a diante a devoção que foi herdada ou imposta por alguém. É o caso de filhos que pagam a promessa feita por seus pais, por exemplo.

Fonte: Elaboração própria (2004), com o auxílio dos festeiros dos territórios em estudo.

A seguir analisaremos alguns *Reisados* conforme a classificação acima. Iniciaremos com o exemplo da festa de Reis realizada pela família de Dona Martinha Machado²⁸, moradora da cidade de Alto Longá, região norte do Piauí, que pagou, com ajuda de seus irmãos, a promessa de sua mãe. Este é um caso bem elucidativo para se compreender o fato de uma pessoa pagar a promessa por outra.

- O Reisado de Dona Martinha Machado

No seu leito de morte, Dona Romana (92 anos), matriarca da família Machado, que vivia na comunidade Flor do Dia, bairro periférico da cidade de Alto Longá, revelou a sua filha Dona Martinha, que havia feito uma promessa para Santos Reis e não tinha pago.

Mamãe passou umas duas semanas muito doente, na última semana antes dela morrer, falou que queria saber se os filhos podiam tirar o Reisado para pagar a promessa dela, eu falei eu tiro se todos os filhos e netos e genros ajudar. Falei para ela descansar que a gente ia pagar a promessa dela, pois todos nós sabemos tirar Reisado. Eu já paguei uma promessa pra mim há muito tempo e crescemos vendo os mais velhos tirar, aquilo fica em nossa memória. Ficamos com a obrigação de tirar o Reisado por ela até encerrar os anos que ela prometeu o Santo [*sic*]. Aquilo foi nossa obrigação. (Machado, 2010).²⁹

Por meio do relato de Dona Martinha, nos vemos diante de um caso em que os filhos e netos se comprometem a pagar a promessa feita pela matriarca, assumindo um compromisso do qual se consideram herdeiros, assim como o são da fé que a mãe professava. Desta maneira,

²⁸ Entrevistada também já é falecida.

²⁹ Entrevista concedida por Dona Martinha Machado, em janeiro de 2010, na cidade de Alto Longá.

este pagamento pode ser classificado por promessa, pois é o que Dona Romana estabelece com os Santos. Mas também como missão, já que seus descendentes, a pedido, assumem a tarefa de cumprir o que a matriarca havia solicitado no leito de morte.

Figura 8: As filhas de Dona Romana Machado



Fonte: Elaboração própria (2010).

O registro fotográfico acima [Figura 8], foi feito na antiga casa de Dona Romana, retratando parte do grupo de Reisado, antes da saída para o pagamento da promessa feita por ela enquanto estava viva, compromisso que as filhas assumiram em honra da memória de sua mãe.

Em pé, sorrindo, está dona Martinha que, por ser solteira e sempre ter morado com a mãe, herdou a casa e a responsabilidade de estar à frente da família nos cuidados com os irmãos e com os muitos sobrinhos. Alguns ela chegou até mesmo adotar como filhos, ajudando os irmãos a cria-los. Sentadas estão Dona Raimunda e Dona Francisca, ambas com um pedaço de tecido que usam para proteger as cabeças do sereno, pois irão acompanhar a festa do Reisado durante a noite toda, caminhando ao relento de casa em casa, em uma espécie de peregrinação.

- O Reisado de Dona Maria Venina Oliveira

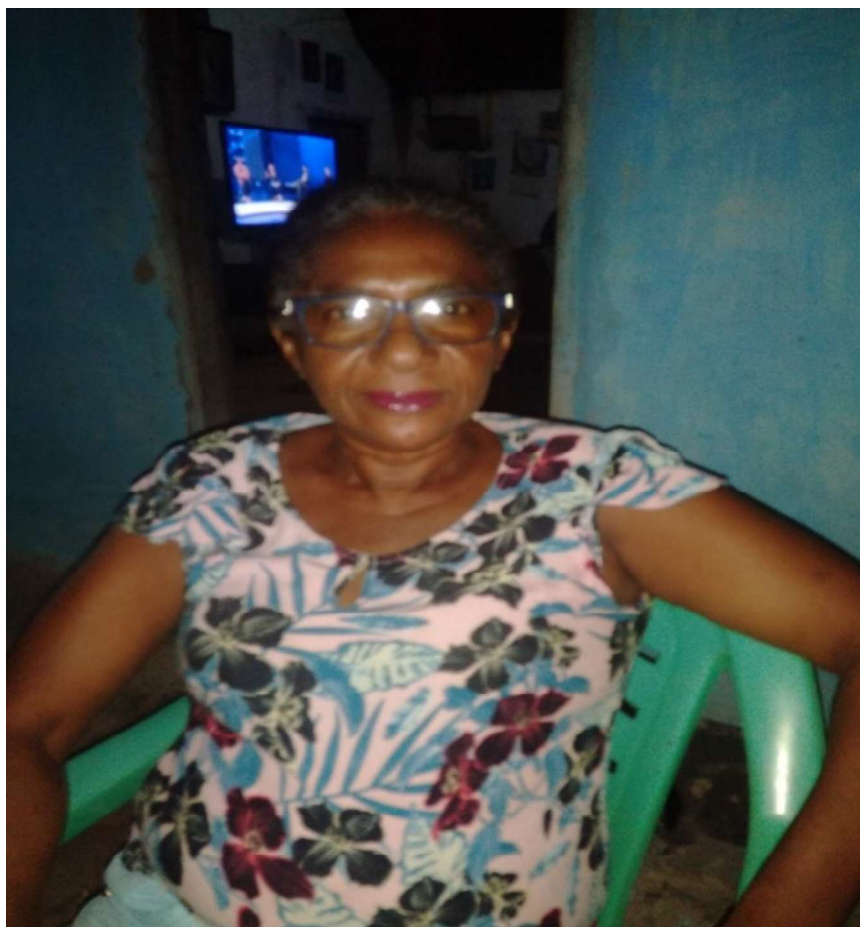
No povoado Caraíbas, zona rural da cidade de São João do Sóter, no Leste Maranhense, conhecemos o Reisado de Dona Maria Venina Oliveira, uma lavradora de 53 anos. Nesta localidade, os Santos Reis têm uma capela em sua homenagem, ganham festejos, missas, rezas, novenas, hasteamento de bandeira e procissões.

Assim como na família de dona Martinha, Dona Maria herdou a missão de “tirar Reisado”. Neste caso, não se trata de pagar uma promessa resultado de um “acordo” que a mesma estabeleceu com Santos Reis. Ela o faz porque, com a morte de sua mãe, que já havia herdado a devoção da mãe dela, sua vó, que festejava os Santos todos os anos para cumprir uma promessa, o compromisso passou para ela. Desta forma, Dona Venina, ao atender um pedido de sua mãe, acabou tomando para si a missão de festejar o Reisado e hoje se considera devota de Santos Reis. Assim tornou-se responsável pelos festejos que acontecem anualmente em Caraíbas.³⁰

Na figura 9 apresentamos a imagem de Dona Maria Venina, como dissemos, guardiã da devoção á Santos Reis em sua localidade. Para nos conceder a entrevista ela se preparou especialmente. Arrumou o cabelo, colocou batom, sentou-se em uma cadeira e permitiu que a fotografasse. Foi assim, na sala de sua casa, que falou de como se iniciou a devoção que ela celebra ainda hoje.

³⁰ Afirma, mesmo com a pandemia da COVID-19, não deixou de realizar atos devocionais. Não podendo tirar o Reisado como fazia antes, rezavam pelo menos terços e novenas dedicados aos Santos. Entrevista concedida por Maria Venina Oliveira. Caraíbas, município de São João do Sóter - MA, em setembro de 2023.

Figura 9: Dona Maria Venina



Fonte: Lima (2023).

O festejo começou foi com minha vó que fez uma promessa para o filho dela, meu tio, aí ela fez o festejo e quando minha mãe tinha doze anos de idade ela tomou de conta ela fez até quando ela faleceu. Ela faleceu em dois mil e dezesseis, aí ela pediu muito que não queria que terminasse o festejo aí então nós somos muitos, mas só eu tive a coragem de enfrentar, os outros não quiseram e aí eu dei continuidade do festejo, esse festejo já tem mais de oitenta anos aqui, e enquanto eu puder eu vou fazer, quando eu não puder mais se tiver um dos meus filhos que queira continuar, vai continuar até o dia que Deus quiser (Oliveira, 2023).³¹

A data estimada por Dona Maria Venina, para esta devoção aos Santos Reis na localidade, tem por volta de oitenta anos, possivelmente levando em consideração a idade do seu tio, em favor de quem sua vó faz uma promessa. É importante considerar, contudo que, assim sendo, possivelmente ela teve contanto com a devoção antes do fato narrado. Desta forma, podemos considerar que o Reisado neste lugar possa ser secular, e que sua vó o tenha conhecido

³¹ Entrevista concedida por Dona Maria Venina Oliveira. Caraíbas, município de São João do Sóter - MA, em setembro de 2023.

por meio de seus antepassados, dando-lhe continuidade.

- O Reisado do senhor João Pingo

Outra forma de pagar ex-voto é a realizada pelo senhor João Pingo, da cidade de Boa Hora, no Piauí. Ele pagou uma promessa feita por sua mulher, que pediu aos Santos Reis para salvar a vida e a visão de seu esposo.

Abaixo de Deus e Nossa Senhora é Santo Cristo Reis, tive o olho que baixou a visão, minha visão não voltava mais, quando cheguei aqui não conhecia a casa, não conhecia ninguém, não sabia onde eu estava se era na Boa Hora ou se ainda estava em Teresina. Minha mulher fez uma promessa e Santo Reis, ele me segurou, eu não perdi minha visão por completo (João Pingo. Trecho do documentário *Reisado de Boa Hora: fé, amor e devoção*. Boa Hora. 2014).

No relato da promessa em favor do senhor João Pingo, percebe-se a fé e a confiança dos devotos nos Santos. Quando alguém se compadece do estado em que o outro se encontra, neste caso a esposa que pede pela saúde do marido, e com a manifestação do milagre, da cura, da recuperação do enfermo pela intercessão dos Santos, ocorre o pagamento da promessa, seja por quem fez o pedido, ou por quem foi curado.

- O Reisado do senhor Sebastião Chinês

O Sr. Sebastião “Chinês”, morador do Bairro Campo de Belém, da cidade de Caxias, aprendeu a “Tirar Reisado” com seu irmão quando este ainda morava na zona rural desta cidade. Seu Chinês como é conhecido, começou a festejar Santos Reis por promessa no ano de 1994. Desde então, celebra o Reisado e sua promessa é por tempo indeterminado.

Ele é fundador do grupo de Reisado “Caretas Encanto da Terra”, que além de celebrar o Reisado por devoção, reúne os “*Caretas*”³² e os outros personagens que compõem o grupo se apresentando em festividades juninas. Esta é uma maneira encontrada para complementar a renda de seus brincantes.

Cornélio (2009) em estudo sobre o Reisado realizado por Sr. Sebastião Chinês, intitulado, Reisado Careta, afirma que os componentes de grupo, apesar de morarem na zona urbana de Caxias, são trabalhadores rurais. Suas rendas dependem do que plantam, sendo que alguns também se dedicam à criação de poucos animais como porcos e galinhas que engordam apenas para consumo próprio.

³² Personagens que animam o ritual do Reisado; conforme os festeiros, representam, na celebração, Santos Reis.

Desta forma, podemos perceber que são pessoas que vivem na cidade, mas que mantêm as práticas culturais e devocionais aprendidas no campo.

- O Reisado do senhor Luís Domingues

Luís Francisco dos Santos, conhecido como Luís Domingues, é lavrador aposentado e umbandista, de 78 anos. Residente no povoado Nazaré do Bruno, em Caxias, estado do Maranhão. Ele nos informa que desde 1989, tem a missão de tirar o Reisado, ou, como ele próprio denomina, a "Reisada". Relata que, desde a infância, quando morava no povoado São Martin, já acompanhava o ritual como “caretinha”.

No dia 24 de dezembro de 2023, próximo a iniciar sua Reisada, Sr. Luís Domingues, deitado em uma rede à sombra de várias árvores que ficam na frente de sua casa, descreveu como se deu sua aproximação com a devoção aos Santos Reis.

Figura 10: Sr. Luís Domingues



Fonte: Kauaan (2023).

Eu tenho ela como uma devoção que o velho meu deu, o Mestre Bruno de Moraes, foi quem me deu essa premissão [*sic*]. Eu vim visitar o Delmiro aqui no Nazaré aí ele chegou lá mais o finado Vicente, aí eu dei benção a ele, e ele com a bengala dele, ele bateu na minha cabeça, ele disse para mim que eu vinha morar aqui no Nazaré e eu disse para ele que eu não vinha, aí ele tornou bater de novo com a bengala na minha cabeça, aí eu teimei com ele dizendo que não vinha, aí ele me procurou. Por que eu dizia que não vinha morar aqui no Nazaré? Aí eu disse para ele seu Zé Bruno, eu não venho para cá por aqui é um lugar sofredor. Ele falou meu fi já foi, porque aqui vinha muita gente doente para mim tratar e para mim dar a provação do meu serviço eu tinha que partir o mau do povo era aqui no meu, que para o pessoal ficarem bom e irem se embora e o mal deles ficava aqui repartido com o pessoal meu, aí eu fiquei assim e disse pois seu Zé Bruno eu não venho não. Aí ele disse olha meu fi você vem pra cá ou que queira ou que não queira você vem, aí eu disse por que? aí ele disse é que vai nascer uma missão com você lá donde você estiver, mas você vai vim para cá, aí eu disse que não vinha, ele falou até onde eu ia morar na rua da Guia. Certo que ele faleceu em 1986, em 1989 eu comecei a tirar Reisada, fiquei até 1993 lá no São Martin em 1994, ninguém me segurou mais lá, eu vim para o Nazaré, do jeito que ele disse e “tou” [*sic*] aqui até hoje tirando Reisada (Domingues, 2023).³³

O relato se constitui em um texto denso, rico em detalhes, que define de forma particular como festeiro Luís Domingues teve revelado que no futuro teria a missão da devoção da prática da Reisada. Na fala o festeiro diz “que o velho meu deu, o Mestre Bruno de Moraes, foi quem me deu essa “premissão” reforçando que tanto a missão, quanto o lugar de morada, são dadas a ele pelo Mestre Bruno, fundador do povoado Nazaré, atual Nazaré do Bruno. Esta reafirmação não é neutra; é uma das estratégias necessárias para que ele seja aceito no povoado.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, discutiu sobre os diferentes fatores que teriam contribuído para a eclosão de uma dezena de movimentos messiânicos e milenaristas em várias partes do mundo. Em uma nota de rodapé de sua escrita ela se refere ao Mestre Zé Bruno:

Se instalou em Nazaré do Bruno, no interior do Maranhão, por volta de 1940. Um sonho o levou a se dedicar inteiramente à religião e a sair pelo interior em busca de um lugar em que instalaria o paraíso terrestre, que encontrou a 50 quilômetros de Teresina, mas no Maranhão. Informações datadas de 1958, afirmam que ali havia então três mil moradores, setecentos dos quais, alfabetizados e obedecendo às ordens eleitorais do messias, o que deu certa importância ao lugarejo aos olhos dos políticos. Bruno exerce chefia econômica semelhante à de Pedro Batista. Religiosamente, porém, é muito mais ativo e fez uma associação curiosa entre catolicismo (oficia na igreja imitando os padres) e umbanda (ao lado da igreja tem um terreiro) (Queiroz *apud* Silva, 2018).

³³ Entrevista concedida por Luís Domingues, a Kairo Kauan, aluno do Curso de História da UEMA. Nazaré do Bruno, município Caxias - MA, dezembro de 2023.

Vê-se que Mestre Bruno, chefe político e religioso, se estabeleceu na comunidade de Nazaré onde construiu seu terreiro de umbanda e passou a receber centenas de pessoas que procuravam por curas, conselhos ou alguma orientação espiritual. Muitas pessoas tratadas ou curadas por ele acabaram se estabelecendo em Nazaré por vontade própria ou a pedido do Mestre.

Na comunidade Nazaré, durante os anos de 1937 e 1981, ano do seu falecimento, José Bruno de Moraes iniciou dezenas de homens e mulheres na umbanda praticada por ele; são os seus “discípulos”, aqueles que aprenderam as “doutrinas do padrinho”, os procedimentos de adivinhação, as orações de cura, os banhos sagrados e todo tipo de benzimentos (Andrade Júnior; Nascimento, 2020). Ainda hoje seus discípulos exercem trabalhos com a umbanda dando continuidade ao aprendizado recebido.

Sr. Luís Domingues é um destes discípulos. Anos depois da morte do Mestre Bruno, mudou-se para Nazaré do Bruno, dizendo da missão que Mestre Bruno o havia dado, que era como *festeiros* de Reis e que também, o mesmo havia determinado o lugar onde iria construir sua casa. Com base nisto, veio a reivindicar morada no local em que o Mestre Zé Bruno havia descrito.

O contato do Sr. Luís Domingues com Mestre Zé Bruno, vai influenciar a forma pela qual ele realiza a celebração do Reisado, a qual reúne signos católicos, como santos com a prática umbanda como as giras, ocorrendo um diálogo entre diferentes estruturas religiosas (Menezes, 2018).

2.3 Preparativos para iniciar a festa

Os preparativos para “tirar Reisado” nas comunidades do norte do Piauí se iniciam com alguns meses, ou até mesmo um ano de antecedência. É o que ocorre na cidade de Alto Longá, em que os promesseiros confinam animais como galinhas, porcos e carneiros “para engorda”, a fim de serem abatidos no dia da festa aos Santos.

Figura 11: Porcos preparados para festa de Santos Reis, na casa do Sr. Antônio Pequeno



Fonte: Elaboração própria (2017).

O costume de engordar os animais é um importante elemento para se compreender a maneira como se festeiros se organizam e arcam com as despesas da festa aos Santos. Muitos dos animais confinados costumam ser ofertados, mas a maioria deles chega pequenos, com pouco peso, razão pela qual só poderão ser abatidos na festa do ano seguinte.

Outro passo é contratar os *Caretas* e acertar como serão feitos os pagamentos para que estes acompanhem a celebração do Reisado. Alguns destes personagens vem por contrato, neste caso o dono da promessa procura saber o valor que irão cobrar antes de celebrar o acordo. Há casos também em que os *Caretas* participam da festa pela “sorte do lenço”³⁴, uma forma de receber dinheiro de quem está assistindo.

Os valores arrecadados nos lenços ficam para os organizadores da festa, ajudando no

³⁴ “Sorte do lenço” é uma expressão conhecida entre os praticantes do Reisado no norte do Piauí. Os lenços fazem parte da indumentária dos *Caretas*. São pedaços de tecidos, geralmente de chita, amarrados às suas vestimentas. Quando estão fazendo suas apresentações, eles desamarram seus lenços e os jogam nos ombros das pessoas que estão assistindo. Quem recebe um lenço deve colocar nele uma “esmola”, uma quantia de dinheiro; após terá que dar um nó no lenço e devolvê-lo. Em algumas apresentações, o dinheiro arrecado é satisfatório para o grupo que se apresenta, ou até superior ao que poderia receber se fossem contratados. Contudo, por ser incerto o ganho, as vezes eles preferem estabelecer um contrato pela sua participação.

pagamento dos *Caretas*, do sanfoneiro e das *cantadeiras de Reis*. Realizados estes acertos com o grupo, o *dono da promessa* já pode iniciar o ritual de pagamento de ex-voto a Santos Reis.

O *promesseiro* responsável pela festa tem que arcar com as despesas que ela gera. A maior parte dos recursos financeiros vêm das ofertas, das *esmolas* que os Santos recebem, durante a celebração, na ocasião das visitas às casas. Assim, o *promesseiro* conseguirá pagar aos integrantes do grupo sem precisar tirar todo dinheiro do próprio bolso.

Vale acrescentar que por mais que o Santo ganhe muitas ofertas, ainda assim o *promesseiro* arca com algumas despesas, pois pagamento de ex-voto a Santo Reis tem um custo alto. Estão envolvidas aí despesas com a compra de alimentos como arroz, feijão, farinha, macarrão, verduras e legumes para serem preparados e servidos no dia dos Santos.

Na cidade de Boa Hora, por exemplo, os preparativos para a festa de Santos Reis iniciam no mês de dezembro de cada ano, um mês antes da realização do ritual. É o tempo necessário para organização e ajustes das despesas, embora o Reisado só se dê entre os dias primeiro a seis de janeiro.

Dezembro se aproxima e com ele vem aquela expectativa que chega [*sic*] mais um Reisado para ser idealizado, que é realizado de primeiro a seis de janeiro. Durante o período do mês de dezembro acontecem os ajustes finais[*sic*] para todos os utensílios que serão utilizados durante a peregrinação. Os trabalhadores vão recorrer aos materiais naturais [*sic*] ao extrativismo que é a retirada da palha do buriti [*sic*], para confecção de suas indumentárias, do couro do bode para que sejam feitas as *Caretas*. Passando-se mais um pouco de tempo, no dia 25 de dezembro todos os trabalhadores vão para casa do tirador de promessa, neste dia acontece o chamado ajuste do Reisado. O que seria este ajuste? O valor que cada trabalhador irá receber para trabalhar para este tirador de promessa, neste dia, todos já saem sabendo qual valor irão receber por seus trabalhos durante as seis noites. Há também [*sic*] o ensaio, ele acontece da seguinte forma: no dia primeiro de janeiro, todos os trabalhadores, são três *Caretas*, dançador, o sanfoneiro, o mandador, as cantadeiras e o tirador de promessas. [*sic*] Inicia a peregrinação onde a primeira casa a ser dançada é a do tirador de promessas, é um ensaio ali, tirando Reis na casa do tirador de promessa, eles fazem a encenação um teatro a céu aberto, depois deste ensaio durante as seis noites irão de casa em casa, de porta em porta, juntamente com uma multidão que acompanham [*sic*] o seu Reisado favorito (Ferreira, 2024).³⁵

Durante o período em que se festeja o Reisado é possível encontrar vários grupos compostos por *Promesseiros*, *caretas*, *cantadeiras de Reis*, *mandador* e os sanfoneiros, seguidos por vários populares. A celebração em Boa Hora movimenta a economia local:

³⁵ Entrevista concedida por Gregório Ferreira, historiador/pesquisador do Reisado da cidade de Boa Hora - PI, em janeiro de 2024.

Narrando sobre o caráter festivo do reisado em Boa Hora [sic] deve se pontuar que ele possui uma grande representatividade econômica no município, pois a festa de reis com a sua religiosidade e originalidade atraem um público [sic] diversificado que além de prestigiarem [sic] a romaria ainda aplicam capital na economia mediante o aquecimento do comércio local, através do aumento do fluxo de compra e venda de produtos (Costa *et al.*, 2019).

A prefeitura da cidade também promove um festival de Reisado. Na oportunidade, vários grupos se apresentam, motivados pelas premiações, o que faz com que muitos turistas vão à cidade para assistir a teatralização da fé, que faz parte do repertório cultural da região. Isto movimentando a cidade de Boa Hora, que por esta razão, é conhecida por Capital do Reisado.

Figura 12: Composição de um grupo de Reisado da cidade de Boa Hora - PI (Promesseira, Caretas, Sanfoneiros, Boi, Cantadeiras, Mandador e Boi), recebendo a premiação pela participação no Festival



Fonte: Elaboração própria (2024).

O festival acontece todo dia cinco de janeiro. Nesta data todos os grupos de Reisado da cidade param por algumas horas sua celebração aos Santos Reis, para se apresentarem e garantirem um determinado valor em premiação, que varia a cada ano, ajudando nas despesas com o Reisado.

A questão dos altos custos para se realizar o ritual do Reisado é uma realidade que se apresenta em todos os grupos estudados nesta pesquisa, pois para ser realizado ele necessita de vários componentes, cada um exercendo uma função. Quase todos precisam receber pelo serviço prestado. Somente o promesseiro, não recebe pagamento, pois já recebeu seu pagamento na graça alcançada.

Para o pagamento da graça alcança os festeiros põem em prática seu repertório de ritos e louvações, reforçando suas crenças e orientando o cumprimento de suas devoções. Um exemplo disso, é o que faz o já referido Sr. Luís Domingues, antes de iniciar sua Reisada. Com o grupo que classifica como de romeiros, ele se dirige até um morro que fica no povoado para fazer suas orações e pedidos de proteção para iniciar a “jornada”.

No dia 25 de dezembro é necessário subir o morro, acender uma vela no pé do cruzeiro, rezar e “recomendar o trabalho”, pedindo aos seres espirituais, representados pelos apóstolos, irmão de luz, Nossa Senhora de Nazaré, para que tudo corra bem e em paz pelos romeiros.

Este é um procedimento obrigatório, se o grupo não puder ir todo, Luís Domingues, tem por função executar tais atividades, o que se configura como uma das características das crenças religiosas (Menezes, 2018, p. 71).

Em seu diálogo conosco, o senhor Domingues acrescentou que além de visitar o cruzeiro e a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, ele também vai até a sepultura do mestre Bruno: “vou lá também, vou pedir proteção para que minha Reisada seja de paz” (Domingues, 2023).³⁶ Na fala do entrevistado fica evidenciada a devoção e a confiança nos protetores, o que faz parte das crenças religiosas que carrega. Para Durkheim (1996), as crenças religiosas se constituem como representações que exprimem a natureza das coisas sagradas. Neste tocante, no Reisados destas duas regiões, fica evidente como os festeiros exprimem suas relações com o que consideram sangrado dentro das festas.

Podemos estabelecer como ponto comum nos grupos de Reisados estudados que, em maior ou menor grau, os festeiros executam atos de devoção como preparação. Alguns rezam seus rosários, outros acendem velas ou visitam lugares considerados sagrados. Assim, buscam fortalecer sua fé pedindo proteção para eles e seus grupos, enquanto festejam os Santos Reis.

³⁶ Entrevista concedida por Luís Domingues, Nazaré do Bruno/MA, em dezembro de 2023.

2.4 Tirando Reis

Ao iniciar a celebração, os grupos percorrem as ruas das cidades ou das zonas rurais, “batendo”, de porta em porta para “tirar Reis”. Neste momento é que inicia a peregrinação, ou seja, a visitação das casas. Há cidade, como Alto Longá, em que a maior parte das casas visitadas fica na zona urbana, o que difere dos Reisados realizados nas cidades de Boa Hora e Campo Maior, por exemplo, em que a maior parte da visitação é realizada na zona rural. Nestas duas localidades, os grupos partem da zona urbana e vão iniciar as visitas no meio rural. Somente nos últimos dias dedicados à festa retornam para a cidade e visitam algumas casas no entorno da residência do promesseiro onde o ritual é finalizado.

Já no Leste maranhense há maior proporcionalidade entre as festas no campo e na cidade. A Reisada do senhor Luís Domingues por exemplo, inicia no povoado mais distante de Nazaré do Bruno e vai se desenrolando até retornar ao povoado.

Sabe-se que seja no campo ou cidade, as celebrações do Reis despertam a curiosidade de populares, que vão chegando de diversos lugares, porque se identificam como a celebração, seja por fé, seja porque se trata de uma festa tradicional, podemos assim pensar nesta festa como uma série de eventos que “permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos” (Del Priore, 2000, p. 10).

Ao se aproximar das casas, o grupo deve se dirigir àquelas que estão às escuras; este é o sinal de que desejam receber o cortejo. O festeiro chega com a imagem dos santos no colo e põe a bandeira na porta da casa. Feito isto, as cantadeiras, que são guiadas por seus cadernos de cantigas, orquestradas pelos sons de instrumentos como sanfonas e pandeiros, começam a cantar até que os donos da residência abram a porta.

A imagem abaixo retrata as cantadeiras do bairro Flor do Dia em Alto Longá, aguardando os donos da casa visitada, abrirem a porta.

Figura 13: Cantadeira e seu caderno de Reis, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

No Reisado “pago” por Dona Maria, do Bairro Flor do Dia, em Alto Longá, os versos das cantadeiras³⁷ relatam passagens como a saudação que se faz quando o grupo chega na casa visitada: “Ôi, de casa, ôi de fora nas horas de Deus amém”. E complementam: “Quando o santo pede a esmola é para nos pedir também”, justificando o pedido da oferta para os santos ali representados pelo grupo.

E continuam “Ôi de casa, ôi de fora, ôi de casa outra vez oi de casa outra vez”, insistindo para que os donos da casa abram a porta. Pedem para os moradores não se preocuparem: “Não pense que é muita gente, são apenas três reis magos vindo lá do Oriente”, Mas a família visitada reluta até escutar: “Graças a Deus que já estou vendo uma luz clarear”, É hora de acender a luz e abrir a porta. Nesse momento, a Bandeira é retirada dela e entregue imagem dos Santos entregue aos donos da casa que vão receber ajuda para enrolá-la. Fica assim liberada a entrada da imagem dos Santos a quem eles fazem reverência e beijam.

³⁷ As cantadeiras deste Reisados são Raimunda Solange a “Mundinha” e Josefa Machado, a “Zefinha” ambas moradoras do Bairro Flor do Dia, e sobrinhas de dona Martinha Machado.

Cantiga de Reisado

Ôi, de casa, ôi de fora nas horas de Deus amém.

Repete: ôh, nas horas de Deus amém

Quando o santo pede a esmola é pra[sic] nos pedir também

Repete: é pra [sic]nos pedir também.

Ôi de casa, ôi de fora, ôi de casa outra vez oi de casa outra vez.

Repete: ôi de casa outra vez.

Meu senhor dono da casa, anos bom festa de reis.

Repete: ôh anos bom festa de reis.

Quando o Santo pede a esmola é pra nós pedi também.

Repete: ôh é pra nós pedir também.

Não pense que é muita gente, são apenas três reis magos vindo lá do Oriente

Repete: ô vindo lá do oriente.

Graças a Deus que já estou vendo uma luz clarear

Repete: uma Luz clarear.

(Caderno de Reisado da promessa de Dona Maria, 2016).

Todo o ritual é acompanhando pelo ritmo dos instrumentos e com a musicalidade que é peculiar ao Reisado destas regiões. Vale ressaltar, que a cada refrão da cantiga de Reis, os *Caretas* respondiam em tom hilariante, fazendo com que todos os presentes rissem muito.

Figura 14: Promesseira de Santos Reis, na celebração de Reisado no bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

No momento que os Santos são acolhidos, observa-se grande silêncio; quem recebe a imagem mantém sinal de respeito. Percebemos que quase sempre é a mulher, ou seja, a dona da casa visitada é quem recebe os santos e a bandeira, dois símbolos importantes no Reisado. Primeiro ela beija a imagem, depois o esposo repete o gesto. Juntos fazem suas orações e dão a esmola, uma espécie de oferenda que é entregue ao “promesseiro”.

Figura 15: Devota acolhendo a imagem de Santos Reis



Fonte: Elaboração própria (2016).

A cada casa, os santos repousam por alguns minutos, geralmente ao lado de uma vela acesa, em sinal de respeito. Enquanto isso, os donos da casa são “surpreendidos” pelos *Caretas*, que se apresentam de forma irreverente. Eles pedem permissão ao *capitão ou patrão*³⁸, denominação que atribuem ao dono da casa, para oferecer a apresentação de versos e sapateado³⁹.

Está em curso um “jogo”, uma teatralização. O *capitão* demonstra desinteresse, então

³⁸ Termo que os *Caretas* utilizam para identificar o dono da casa visitada e que acreditam, dar distinção, patente superior aos demais homens que acompanham o ritual, para que se sinta envaidecido. Uma forma de bajulação, que tem um propósito, o bom pagamento pelas apresentações.

³⁹ É hora negociação entre os *Caretas* e o *capitão*, pois esta parte do ritual é paga. Não há um valor estabelecido, o dono da casa entrega o valor que acha que valeu a apresentação. Quanto mais engraçado forem os versos e melhor o sapateado, maior será o pagamento.

os *Caretas* procuram em seu repertório os versos mais engraçados para agradá-lo. Neste embate, enquanto o dono da casa decide ou não pela apresentação, divertem-se tanto *capitão* quanto o público, que acompanha o desenrolar dos acontecimentos. No final, o *capitão* se rende aos apelos dos *Caretas* e permite que dancem.

Figura 16: Careta cumprimentando o dono da casa visitada, o *Capitão ou Patrão*



Fonte: Elaboração própria (2017).

Os *Caretas* então começam a sapatear ritmado ao som da sanfona, orquestrada pelo barulho estridente que fazem em suas “alparcatas” (sandálias de couro) algumas, recheadas com latas, que marcam o ritmo da percussão. Eles sapateiam, dançam sozinhos, às vezes se agarram, rodopiando em dupla; transpiram muito, se divertem e contagiam com sua alegria os que os observam.

No caso particular do leste maranhense, é importante destacar que além dos *Caretas* e dos bois, há outros personagens como a burrinha, a ema, e o “*cavalo veio*” entre outros que também ajudam animar o ritual, os quais serão descritos mais adiante, no capítulo seguinte.

Os ritmos entoados pelos personagens ao som dos instrumentos são envolventes. Difícil é ouvi-los e não se contagiar; os pés começam involuntariamente a pisar no chão com mais firmeza, na esperança de que os calçados consigam emitir o mesmo som do sapateado dos *Caretas*; o corpo começa a mexer-se, mesmo que timidamente.

Ao final do sapateado, os *Caretas* jogam lenços de tecidos no ombro do *capitão*, sinal

de que querem o pagamento pela apresentação. O dono da casa na tentativa de vê-los dançar mais um pouco, diz não ter ficado satisfeito com o que viu; daí condiciona o pagamento da dança a mais um pouco de sapateado. Os personagens, na tentativa de satisfazê-lo, sapateiam novamente para a alegria de todos.

Figura 17: Caretas e Capitão



Fonte: Elaboração própria (2015).

Não demora muito e o *capitão* lhes traz o pagamento, enrolado nos lenços que são devolvidos aos *Caretas*; isso é suficiente para que façam a maior festa. Após serem pagos, eles oferecem outra apresentação; agora eles falam de um passarinho que veio de longe, que já nasceu cantando e perguntam se o mesmo não quer conhecê-lo.

O *capitão* experiente, acostumado com a celebração do ritual, já sabe que se trata da representação de um boi, feito de madeira, carcaça de boi e coberto de chita, ornado com fitas e espelhos, que quer se apresentar.

O *capitão*, sabendo que este personagem também vai requerer pagamento para dançar, deve decidir se o permite ou não. O boi dança na toada da sanfona, ritmado na musicalidade puxada pelos *Caretas* que mais uma vez alegram o rito. Eles, com seus “chicotes”, provocam a ira do boi, que como resposta aos insultos, corre atrás dos mesmos, na tentativa de chifrá-los.

Na fuga, eles se misturam aos que estão assistindo que também procuram correr para

escapar das chifradas do bicho, arrancando risos dos demais que assistem a apresentação.

Chega um momento em que o boi se distrai e um dos *Caretas* simula perfurar seu pescoço com o cabo do chicote, ou bate em sua cabeça, matando o boi dançarino que cai, facilitando a retirada de sua língua. Os *Caretas* se sentam para tirar a língua do bicho, um segura no rabo e outros seguram a cabeça do boi. Toda essa encenação é para tirar um lenço vermelho, simbolizando a língua que é entregue ao *capitão* para que envolva nele o pagamento da apresentação e depois o devolva.

Após o boi ser pago, eles entoam uma nova canção que tem o poder de ressuscitar o bicho; ele vai ganhando vida, dançando, e se levanta; abençoa a “Aiá”, que é dona da casa e o *capitão*, como forma de agradecimento. Assim termina a encenação do rito e o *Promesseiro* recolhe a “caixa do Santo” e a bandeira e convida os donos da casa para que no dia 06 de janeiro, venham rezar com ele e festejar o dia de Reis.

Toda essa celebração se repete a cada casa em que o reisado se apresenta, iniciando a noite e só terminando com o clarear do dia. Todo este processo se dá até o dia de Reis.

Frente a isto, compreendemos a celebração dedicada aos Santos Reis como um ritual em que convergem o material, o simbólico e o espiritual, tornando-se tais elementos indissociável. “Misturam-se relações de parentesco, formas de criar animais e plantas, maneiras de convivência social, provérbios, cantos, danças, etc.” (Ribeiro Junior, 1982, p. 23), revelando uma forma de representação de uma identidade social e grupal. Entendemos que para celebrar o Reisado, os grupos estabelecem relações sociais, pois ele se torna impossível sem a participação e empatia de outras pessoas, que não tem envolvimento direto como os festeiros, mas se identificam com a celebração.

Tanto o festeiro como os populares conseguem identificar no Reisado os elementos que compõem esta celebração. Sabem sobre os símbolos e entendem os significados, o sentido que cada um tem ritual; conhecem o momento exato em que cada elemento entra em cena, sejam eles considerados sagrados, dignos de reverência, ou profanos e mote de brincadeiras que complementam o sentido da festa.

3 REZAR, VESTIR, CANTAR E SAPATEAR: REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO E DO PROFANO DO RITUAL DO REISADO

O sagrado e o profano na experiência religiosa dos festeiros de Santos Reis, envolvem aspectos presentes nos sentimentos e nas práticas devocionais que estes atores sociais estabelecem com a celebração, manifestadas através de suas demonstrações de fé. São aspectos perceptíveis na diversidade como são apresentadas as imagens dos santos, nos tipos de bandeiras, nas rezas, orações, nas danças, cantigas que são entoadas e nos personagens representados nas maneiras como festejam Santos Reis.

Os festeiros em geral categorizam como elementos sagrados da festa a imagem dos Santos, a bandeira, as rezas, as cantigas e as velas, que em conjunto a outros elementos, do campo do profano, que são oriundos de suas construções históricas e culturais, que fazem parte de suas experiências cotidiana incorporadas à festa. Na categoria do profano, encontram-se representados os *Caretas* com sua irreverência, personagens como o *boi*, o “*cavalo veio*”, a *burrinha*, a “*negra veia*” e outros tantos que foram sendo adicionados à celebração. Assim, os elementos destas duas categorias, são no entender dos festeiros, necessários para que haja a celebração aos Santos Reis.

Neste capítulo, discutiremos as representações dos elementos classificados⁴⁰ pelos festeiros como sagrados e profanos que estão presentes nos rituais dos Reisados. Faremos isto, amparados nos modos que classificam cada elemento dentro do ritual. Isto, observando os símbolos e os significados atribuídos que atribuem a cada elemento presente na festa.

3.1 O encontro entre o sagrado e profano na festa de Santos Reis

Eliade (1992) afirma que a compreensão do fenômeno religioso se dá a partir da dicotomia entre o sagrado e o profano, compreendido este último como tudo aquilo que não compõe o universo do primeiro. Assim, é preciso compreender a natureza do sagrado como representação divina que se opõe ao profano, ao mundano.

Ainda segundo a autora:

⁴⁰Observe-se que a primeira parte do Reisado é toda dedicada a fé e a devoção, enquanto na segunda encontramos os versos, as danças e as risadas. No entender dos festeiros, contudo, embora aconteçam em momentos distintos, elas não têm sentido separadamente. Como diz o Sr. Antônio Pequeno: “Os Santos são acompanhados dos Caretas”. Nossa reflexão não deixa de considerar este aspecto.

[...] O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. [...] Todas as definições do fenômeno religioso apresentadas até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas opõe o sagrado e a vida religiosa ao profano e à vida secular (Eliade, 1992, p. 17, 20).

No entender dos festeiros, contudo, embora aconteçam em momentos distintos, eles não têm sentido separadamente. Como disse o senhor Antônio Pequeno: “Os Santos são acompanhados dos Caretas” (Antônio Pequeno, Sr., 2016), o que dar a ideia de unidade, ou seja, o Reisado.

Como estamos demonstrando até aqui, reiterada pela fala do Senhor Antônio Pequeno, nas Festas de Santos Reis, a experiência do sagrado não é apenas uma questão de crença, mas também de vivência prática através de rituais e símbolos. E ainda que, para os participantes da festa, sagrado e profano são duas faces que se complementam, dialogam e tornam-se o todo.

Vale ressaltar ainda que esta configuração é adequada para os que participam e se identificam com a celebração, pois conseguem entender o que cada símbolo representa dentro do ritual. Portanto, os observadores externos que não vivenciam a mesma experiência, não necessariamente atribuem a eles o mesmo significado.

Como disse Roger Chartier, o “popular”:

[...] não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados (Chartier, 1995, p. 184).

Desta forma, podemos chegar a detalhes que poderiam passar despercebidos numa perspectiva menos atenta. Aquilo deve ser lógico e compreensível para o repertório de quem o manipula, pode ser entendido, interpretado e explicado sobre uma outra ótica. Assim, o dito “popular”, que seria entendido como lógico, pode ser recebido, compreendido e manipulado de diversas maneiras; para o olhar mais atento ele adquire outros sentidos.

Quando figuras como o boi, o cavalo e a burrinha são recriadas em representações culturais, elas vão além de sua forma original. Elementos criativos e artifícios são adicionados para lhes conferir vida e integrá-las às celebrações. Dessa forma, se tornam personagens

carregadas de vivências, experiências e expressões culturais, refletindo o imaginário e a criatividade de quem as concebe.

Na imagem abaixo, temos Dona Raimunda Machado vestindo o *boi*, auxiliada por outras mulheres que ajudam a ornamenta-lo. Ela aprendeu muito jovem, o ofício de “fazer o boi”.

Desde de muito cedo eu aprendi a fazer o boi e a roupa dele também, minha mãe tirava *Reisado*, eu ainda era muito pequena, via as pessoas fazer o boi, pegava uma cabeça de boi e depois fazia o corpo dele de talo de buriti, fazia a armação eu via e aprendi a fazer, e agora eu faço o boi, para quem precisa (Machado, 2017).⁴¹

Figura 18: Vestindo o boi de Reisado da Dona Judite, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

Nos encontros entre dois universos, um ancorado pelo que categorizamos como sagrado e um outro manifestado pela que usualmente entendemos como profano, percebemos sua complementariedade que equilibra o todo (ritual) da celebração de Santos Reis. Como temos dito, esta é uma festa que inclui um conjunto de cerimônias religiosas, cortejos,

⁴¹ Entrevista concedida por Dona Raimunda Machado, Alto Longá, 2017.

procissões, rezas, mas que abre espaços para risos, danças, bebidas e encenações. Quando o sagrado atua, o profano silencia e vice e versa. Na performance do ritual os dois lados se completam e se tornam um todo inteligível para quem festeja os Santos Reis.

No panteão dos elementos classificados pelos festeiros como sagrados estão os Reis Magos, materializados em um quadro, que chega nas casas pelas quais peregrina. A imagem vai em uma caixinha adornada como papel colorido e forrada com tecido⁴², mas pode ser uma escultura feita de gesso. Os Reis são seguidos da bandeira, que traz em algumas versões os desenhos de uma cruz, um galo ou a imagem dos santos. A bandeira colocada na porta da casa visitada, é sinal que o sagrado está presente. Diante dela, que é colocada em penumbra, estabelece-se um forte silêncio; os moradores ficam contritos e em oração, mas, ao mesmo tempo, atentos ao que ocorre do lado de fora da casa.

Antes que a bandeira seja retirada da porta do visitado, é comum que todos queiram que ela passe sobre suas cabeças. Com este gesto, acreditam que podem ser ainda mais abençoados pelos santos que são recebidos com beijos, sinal da cruz e orações silenciosas. É um momento de intimidade, devoção e preces, e de “agradá-los” com uma oferenda. Este último gesto pode ser considerado como uma espécie de contrato estabelecido com os santos, onde cada um faz sua parte.

Desta forma, a religiosidade presente no ritual a Santos Reis, constrói um universo de reflexão todo especial na vida individual ou social por envolver um contrato, em que o elemento esperança e o sentido da vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano em sua trajetória terrestre (Bernadi; Castilho, 2016).

Com a chegada do *Reisado*, a casa passa a ser espaço sagrado, ela é um presépio. As famílias renovam as esperanças de serem abençoadas com a visita. É natal, é tempo de renovação, de bondade, amor e fraternidade na Terra.

A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar. Claro que essa interdição não poderia chegar ao ponto de tornar impossível toda comunicação entre os dois mundos, pois, se o profano não pudesse de maneira nenhuma entrar em relação com o sagrado, este de nada serviria (Durkheim, 1996, p. 24).

O cortejo formado por devotos e apreciadores da celebração, o coro de rezas e cânticos, a vela, a bandeira e a imagem dos santos se unem à sonoridade da sanfona, do pandeiro, orquestrado pelo sapateado e pelas as rimas em versos e prosa, entoadas pelos *Caretas*, que

⁴² Geralmente uma caixa de sapato que serve para abrigar a imagem de Santos Reis.

algumas vezes sob o efeito do consumo de bebidas alcoólicas⁴³, tentam potencializar suas performances.

Como vimos no capítulo anterior, quando a primeira parte termina, depois da “entrada” da imagem e da bandeira, entram em cena os *Caretas* que, com seus versos improvisados, arrancam risos dos populares. São eles que convencem os donos da casa a receber as apresentações dos personagens como a burrinha, boi, ema, “cavalo veio” ou outros, que variam dependendo da região em que o Reisado se apresente.

Tendo a permissão para se apresentarem, inicia-se a dança, em alguns casos, orquestradas pelo o som da sanfona. Algumas vezes acrescentam-se outros instrumentos de percussão como pandeiros e tambores acompanham as cantigas criadas pelos *Caretas* e *mandador* ou *tirador* de promessa.

Ao som das cantigas, os *Caretas* começam a sapatear; calçados com suas sandálias de couro, conseguem emitir um som que dar ritmo a performance. À medida que vão sapateando, rodopiam, cantam versos e arrancam risos alegrando os donos da casa e o grupo de pessoas que assiste sua performance.

As apresentações do grupo se repetem por várias casas durante uma noite. Para suportarem com desenvoltura o, trabalho é comum que eles e o *dançador do boi*⁴⁴, ingiram bebida alcoólica a fim de terem mais resistência para suportar as inúmeras repetições do ritual.

Ao acompanhar um Reisados realizado em Alto Longá, nos anos de 2011 e 2012, percebemos esta prática de ingestão de bebidas alcoólicas pelos brincantes. Foi durante este período, que durante a peregrinação, observamos que havia uma pessoa que carregava em uma motocicleta, um cesto feito de fibra de carnaúba. Nele havia várias garrafas de bebidas, que os foliões chamavam de “botequim”, fazendo referência ao um local destinado à venda de bebidas alcoólicas.

Com a chegada da noite há queda na temperatura. Não só os brincantes fazem uso das bebidas, mas também algumas pessoas que acompanham o ritual o fazem para de “espantar o frio”. Percebemos, que alguns trabalhadores de Reis habituados com o consumo de bebidas de forma que ele não altera seu comportamento. Ou, talvez, seja por ingerirem uma quantidade mínima, isto não atrapalhe o desempenho de suas funções na festa. Observamos, ainda, que em algumas casas, é comum os donos, servirem bebidas aos *Caretas*.

⁴³ Bebidas variam pode ser cervejas, bebidas destiladas industrializadas, ou preparadas pelos próprios que adicionam especiarias nas bebidas destiladas industrializadas.

⁴⁴ Pessoa que fica dentro da estrutura do boi. É ela que dá vida ao brinquedo, trazendo movimento e bailado a este personagem.

Este consumo varia de festa para festa. Em algumas festas como as que acontecem na cidade de Boa Hora, não presenciamos tal prática, talvez em respeito aos santos, ou em cumprimento ao acordo que fizeram com o promesseiro por quem foram contratados, que pode ter exigido que não houvesse consumo de álcool durante as apresentações.

3.2 Em cada lugar uma forma de festejar: símbolos e sua função na celebração do Reisado

Nos *Reisados* das regiões em análise a beleza e a simplicidade dos festejos encantam quem assistir à festa. Ela traz, além da presença de maior significado que são os Santos Reis os promesseiros, personagens e brincadeiras que se são uma riqueza cultural dos grupos que celebram. Com isto, é possível identificar parte do repertório sociocultural dos brincantes, suas referências, da fauna, da lida com gado e mesmo das pessoas, que se constituem em formas particulares de festejar.

Nestes *Reisados* tais símbolos são carregados de significados que orientam e ordenam a celebração. Os *festeiros* se organizam, cuidando de tudo que vão precisar para que seus ex-votos estejam em conformidade com que aprenderam sobre o ritual, onde cada símbolo carrega um sentido e tem sua função.

A simbologia da imagem de Santos Reis é a presença da fé, da devoção, da manifestação da graça alcançada. Para tanto, é na peregrinação que o promesseiro dá visibilidade a sua conquista, como no caso de vitória sobre alguma enfermidade pela intercessão dos santos. Neste momento também que revela sua humildade, ao pedir esmola, de casa em casa em nome deles, com a seguinte frase: “uma esmolinha para Santos Reis”.

Este pedido é mais comum nos Reisados “tirados” durante o dia. Com o que é ofertado, os promesseiros geralmente fazem um almoço para os parentes e vizinhos no dia 6 de janeiro. Outra alternativa é utilizar o dinheiro obtido, para comprar um animal, seja caprino, ovino ou um suíno, e oferta-lo a algum outro promesseiro que esteja celebrando o Reisado durante a noite, e que vai fazer uma grande festa. Assim, o promesseiro que peregrinou com a imagem de Santos Reis durante o dia, pode retribuir a graça alcançada fazendo este gesto.

Quadro 4: Composição do Reisado durante dia x noite

Reisado Dia	Promesseiro, um acompanhante e a Imagem com os Santos Reis.	Norte do Piauí
Reisado Noite	Promesseiro, Imagem com os Santos Reis, bandeira, cantadeiras, <i>caretas</i> , tocadores, bois e outros personagens, e grupo de admiradores do ritual.	Norte do Piauí e Leste Maranhense

Fonte: Elaboração própria (2024).

Figura 19: Promesseira de Reis. Reisado durante o dia, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

Como foi apresentado anteriormente, nas festas de Reis ocorridas à noite, muitos populares participam do cortejo. Ao contrário, dos Reisados que se passam durante o dia, geralmente só participa o promesseiro e um acompanhante.

Lembremos que ao fazer uma promessa, a pessoa comprometida deixa estabelecido, “acordado” com o santo, como vai realizar o Reisado, caso alcance a graça que solicitou. É estabelecido, também, se vai ofertar um almoço ou jantar no dia dedicado aos Santos Reis. No momento do pedido pela graça desejada: “Santos Reis já fica sabendo como vai ser” (Machado, 2017).⁴⁵

⁴⁵ Entrevista concedida por Raimunda Machado. Alto Longá, dezembro de 2017.

Acompanhando a formulação de Marcel Mauss, sobre trocas sociais como um fenômeno social universal, podemos dizer que “as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (Mauss, 2003, p. 41). As esmolas ofertadas durante a peregrinação da noite, são retribuídas à comunidade que foi visitada, enquanto na que é realizada durante o dia, este tipo de retribuição é facultativo. De qualquer forma, o promesseiro sabe como partilhar. Como se costuma dizer, nos Reisados “Santos Reis ganham, Santos Reis dão”.

Ainda considerando o autor Marcel Mauss, é necessário destacar:

[...] o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, imposto e interessado dessas prestações. Elas têm tomado quase sempre a forma do presente, do regalo ofertado generosamente, mesmo quando, no gesto se acompanha a transação, há tão somente ficção, formalismo e mentira social; quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico (Mauss, 2003, p. 42).

O “esmolar” além da finalidade de pagar um ex-voto, é também uma forma de ajudar o promesseiro na compra dos alimentos a serem ofertados, pois independente do que os Santos Reis ganhem de oferta, o festeiro vai ter que cumprir o que prometeu, sendo o valor arrecado suficiente para os custos da festa ou não.

Figura 20: Imagem de Santos Reis com esmola em dinheiro, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

Embora as esmolas possam ser ofertadas na forma de dinheiro, há outros tipos de donativos como ovos, cereais ou até mesmo galinhas. Por esta razão, os promesseiros carregam bolsas ou sacolas, pois assim fica mais fácil de transportar os presentes.

Enquanto no Norte do Piauí e em outros festejos do Leste Maranhense, a imagem de Santos Reis é representada em um quadro, no Reisado de Dona Francisca Neide, conhecida como “Capotinha”, realizado no bairro Nova Caxias, cidade de Caxias, Maranhão, ela é representada em “vultos”⁴⁶, na forma de escultura e também na bandeira da festa. Outra particularidade na celebração é que alguns dos membros do grupo carregam os Reis Magos na cabeça, quando, em outras festas, estes são carregados no colo.

Figura 21: Representações de Imagens de Reis, em Caxias - MA



Fonte: Souza (2024).

Como vimos, as bandeiras acompanham a peregrinação, sendo colocadas na porta das casas visitadas como forma de representar a presença dos santos. Durante a pesquisa, pudemos nos deparar com alguns modelos diferentes, embora todas tivessem o mesmo significado e função.

⁴⁶ Termos que promesseiros utilizam ao se referirem à imagem de santos feita de gesso.

Quando o devoto recebe a bandeira com a imagem de Santo Reis [*sic*] em sua casa, é como se estivesse recebendo o próprio santo. Ela é beijada e reverenciada com toda sacralidade. Alguns grupos andam com um andor onde podem levar o santo em uma espécie de desenho fotográfico ou em imagem. Apesar de os próprios caretas simbolizarem os Reis Magos e sua peregrinação está sempre relacionada com o caminho que eles fizeram para chegar até Belém, a imagem trazida no andor e na bandeira é detêm o maior poder simbólico para a devoção local (Cornélio, 2009, p. 55).

No lado piauiense, as bandeiras dos Reisados aparecem de três formas: uma na cor branca, com uma cruz desenhada em tinta; outra também na cor branca, mas com a um quadro com a imagem de Santos penduradas, e por últimos confeccionada com um pedaço de tecido floral. Desta forma, percebemos que não há unidade no tipo de bandeira mesmo que o Reisado ocorra no mesmo território.

Figura 22: Bandeira de Santos Reis, a marca da presença do Reisado, em uma das casas do Bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Na imagem acima, podemos observar uma *promesseira* apoiando um quadro com a imagem dos santos no colo; em sua mão direita há uma vela acesa, enquanto se posiciona em

frente à bandeira de Santos Reis. Na bandeira é possível perceber que além da imagem de uma cruz, tem também as iniciais S R O, que abreviam o que no entender dos festeiros significa “Santos Reis do Oriente. Em algumas bandeiras encontramos também, além da cruz e destas iniciais a figura de um galo, imagem disposta em um dos braços da cruz.

Na localidade Fazendinha, bairro da cidade de Campo Maior, a bandeira utilizada no festejo, traz flores pintadas à mão contornando o tecido. No centro é preso o quadro com a imagem dos santos e abaixo a inscrição “Santos Reis da Fazendinha”.

Desta maneira, as bandeiras trazem uma rica diversidade, com especificidades relacionadas às memórias, às vivências e práticas devocionais dessas comunidades. Após os encerramentos dos festejos, elas são guardadas cuidadosamente para que sejam utilizadas outras vezes. Há casos em que são emprestadas para que outros festeiros possam “tirar o Reisado”, quando estas, claro, não trazem identificação a qual Reisado ela pertence.

Outro símbolo emblemático no Reisado, são os muitas vezes já referidos *caretas*, personagens que os festeiros associam à figura dos Reis Magos. Eles preservam suas identidades se disfarçando com indumentária feitas com palhas, compostas também, por máscaras confeccionadas com materiais como tecido, couro, borracha ou papelão.

A importância deste personagem reside na sua associação à imagem dos Reis Magos. Assim, a inserção deles no ritual, ressignifica uma tradição religiosa. Para fazer a analogia com os reis citados, os personagens se fantasiam. Suas indumentárias protegem suas identidades, para não serem descobertos e perseguidos pelos soldados do rei Herodes, enquanto seguem a estrela que anuncia o nascimento de Jesus.

Durante o trajeto, encontraram o rei Herodes com o qual compartilharam a informação de estarem a caminho de presenciar o nascimento do Rei dos Reis e lhe presentear com ouro, incenso e mirra. De acordo com a tradição cristã, os Reis Magos teriam sido avisados em sonho para retornarem por outro caminho, a fim de evitar que Herodes matasse o menino. Dessa primeira peregrinação citada na Bíblia surgiu a tradição de recriar essa jornada no afã de comemorar o cumprimento da promessa de Deus para com os seus filhos (Oliveira, 2023, p. 6).

Como já dissemos, não há a presença dos *Caretas*, Reisados que ocorrem durante o dia. Entretanto, nos Reisados noturnos são eles que animam, promovem e conduzem o espetáculo, com seus sapateados, gritos e versos improvisados. Com suas performances, eles mantêm viva uma narrativa histórica e cultural sobre as práticas religiosas de seus territórios.

Usam palha e do couro em sua indumentária, mas também encontramos, vestimentas feitas com barbante de nylon⁴⁷. No do ritual, estes personagens têm “devem proteger o Menino Deus e confundir os soldados do rei. Eles despertam a curiosidade das pessoas e são responsáveis pela proteção da bandeira e da folia” (Guimarães, 2015, p.17).

Figura 23: Careta com sua indumentária, em Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2023).

Um *Careta* pode realizar a função no Reisado por promessa ou como trabalhador de Reis. No Reisado de Dona Venina, no povoado Caraíba, encontramos dois *caretas* exercendo a função para pagar uma promessa; este caso, o Dono do Reisado não precisa pagá-lo. Ambos relatam como iniciaram suas funções no Reisado. “Iniciei no Reisado com dez anos, como

⁴⁷ Material também conhecida como poliamida, um plástico sintético.

careta, porque fizeram uma promessa para mim, e pretendo continuar enquanto eu estiver por aqui” (Sousa, 2022).⁴⁸ Outro, morador do mesmo povoado, relata exercer a função “por causa de uma promessa, terminei minha promessa e estou continuando, que eu tinha uma dor aqui no estômago e eu achava que era gastrite, não podia fazer quase nada e peguei com Santos Reis para ficar bom e fiquei. Assim eu comecei a sapatear e a dizer versos improvisados” (Ramos, 2022).⁴⁹

Em Boa Hora, o senhor Francisco Ambrósio, habilidoso na arte confeccionar os trajes deste personagem, ofício que aprendeu vendo os mais velhos fazer o fardamento do vaqueiro, além de confeccionar os trajes atua também como “*careta*” na qualidade de trabalhador de Reisado. Segundo ele, todos os *Caretas* elaboram versos de improviso. Os versos são compostos por pequenas frases com situações que eles vão observando na visita as casas, como na passagem abaixo:

*“Boa noite meu Capitão, venho chegando agora, com o romper da aurora.
Quanto mais os passarinhos cantam, quanto mais alegre chora.
Boa noite lá por dentro, boa noite aqui por fora.
Como vai meu patrão? Como vai? Como passou?”*

É possível perceber que os improvisos são executados demarcando vários momentos em que há a sua participação. Na frase “Boa noite meu *Capitão*, venho chegando agora”, temos uma saudação feita pelos *Caretas* ao dono casa, logo quando inicia a atuação dos personagens, ao tempo que pedem desculpa pela demora.

Na sequência ao pronunciarem “Boa noite lá por dentro” porque sabem que a família que vai receber o ritual, está no interior da casa, aguardando a apresentação do Reisado, como também, ao falarem “boa noite aqui fora” entende-se que ainda não foi permitido aos *Caretas* entrarem na casa para sapatear, pois a autorização quem dar é o Capitão, ou seja, o dono de casa.

Também já vimos que outros personagens ganham vida nas festas de Reis. Cada um deles, tem uma representação própria que caracteriza o universo cultural da comunidade. Deste modo, presença destes personagens acrescenta particularidades e pluralidade a festa, tornando-a uma experiência cultural própria.

⁴⁸ Entrevista concedida por Antônio Mirasmar Silva Sousa. São João do Sóter, outubro de 2022.

⁴⁹ Entrevista concedida por Edson Soares de Sousa Ramos, outubro de 2022.

A sequência de aparição e as próprias personagens mudam de um Reisado para outro e até mesmo dentro de um mesmo grupo, no decorrer do tempo. Cada uma tem sua música específica que é entoada na hora que elas devem entrar em cena. As formas de dançar e os passos são também exclusivos de cada personagem, assim como a vestimenta e o boneco (Cornélio, 2009, p. 49).

Na medida em que os personagens vão aparecendo, eles são acompanhados por toadas, letras e músicas específicas. São elas que irão acompanhar o bailado de cada brinquedo. Quanto ao boi, por exemplo, a letra tem que permitir que a pessoa que dá vida a este personagem possa fazer movimentos considerando o peso da estrutura que ela carrega sobre os ombros. Por ser um dos elementos centrais da festa é um personagem carregado de simbolismos e tradições.

O Reisado *Encanto da Terra* é um dos mais tradicionais da cidade de Caxias, no Maranhão, que tem como responsável o Sr. Sebastião Chinês, para quem a figura do boi, que se apresenta na festa, está associada ao nascimento de Jesus, sendo um dos animais presentes ao lado da manjedoura. Ele é uma figura que atravessa diversas outras manifestações culturais no Nordeste do Brasil, como o Bumba Meu Boi que ocorre especialmente nas festas juninas de São João.

Vale acrescentar que sua figura além do significado atribuído a ela pelo Senhor chinês, remete, também, à importância do gado no período colonial em tais territórios, cuja ocupação pelos colonizadores iniciou com a introdução da pecuária.

Há um momento, nos Reisados, em que o boi é sacrificado, morto, depois ressuscita, podendo estar ligada a uma lenda conhecida como “Catinira” (Silveira, 2004), mulher de um vaqueiro, que grávida, desejou comer a língua de um dos bois de que seu marido cuidava. Era o boi mais bonito de toda a fazenda, mas o homem, para atender o pedido de sua esposa, sacrificou o animal do patrão. Arrepentido, por medo de ser punido, chamou curandeiros da região para fazer com que ele voltasse a vida, o que ocorreu depois de muitas rezas. Muito alegres, todos dançaram em volta do boi.

No Reisado de Sr. Sebastião Chinês, percebemos outro personagem importante que é a burrinha, simbolizando o animal que levou Maria até Belém, numa relação com a tradição bíblica. Nos altares dos devotos de Santos Reis, é comum encontramos quadros com imagens retratando esta passagem, como a imagem de Nossa Senhora do Desterro. A burrinha, permite que os festeiros revivam e celebrem, de sua maneira, uma construção narrativa da fé cristã e da cultura popular.

No Reisado *Encanto da Terra*, encontramos, também, a representação de aves como a ema e a seriema, cada uma trazendo características que lhes são próprias como as plumagens,

acrescidas de elementos como a fala. Aparecem também, como forma de entreter o público, figuras como Jaguará e o Curupira, personagens folclóricos que adicionam uma riqueza à tradição popular do Reisado.

Figura 24: Representação da ema, no Reisado Encanto da Terra, em Caxias - MA



Fonte: Elaboração própria (2022).

O *Jaraguá* é apresentado como uma criatura lendária, muitas vezes associada ao folclóricos brasileiro. Com sua aparência singular e movimentos enigmáticos, o Jaraguá cativa o público. Ele aproxima-se dos expectadores de forma ameaçadora, enquanto os brincantes cantam, o que faz parte da performance pensada para apresentação.

Outro personagem ganha espaço dentro do Reisado de Sebastião Chinês é a “*Nega Veia*” que, para ele, representa a *Mãe dos Caretas*, ela estaria ligada à história que remonta ao período da escravidão e representa uma escravizada fugitiva.

Figura 25: “Nega veia”, dançando entre os *Caretas*, no Grupo de Reisado Encanto da Terra, em Caxias - MA



Fonte: Lima (2023).

A personagem apresenta traços do que o Sr. Sebastião Chinês compreende pertencerem à etnia negra, como o tom a pele do rosto e interior das mãos, e os lábios grossos. Seus cabelos trazem um trançado, fazendo referência a estética adotada por algumas mulheres negras. Na personagem o comprimento dos cabelos é algo importante pois ao dançar, rodopiar, eles ganham movimento.

Apresentamos no quadro quatro, as representações dos personagens que aparecem nos Reisados, os elementos que são comuns nas duas regiões e outros que são acrescentados, como o caso dos que aparecem no Leste Maranhense.

O surgimento do Reisado e dos personagens a partir da ótica do Sr. Sebastião Chinês.

A folia de Santos Reis começou com o nascimento de Jesus, aí o espetáculo dos *Caretas*, o pessoal fala que no tempo de Jesus, os Zerodes [sic] andavam na perseguição de Jesus, mas andavam outros Reis, procurando ele. Aí eles se vestiram de outra forma para não serem reconhecidos. Assim são os *Caretas* no grupo de Reisado hoje, com essa farda aí as vezes, muita gente não sabe quem é quem. Dar se o nome de Reisado. A burrinha é o jumentinho que carregou o menino Jesus, Maria e José puxando o menino Jesus, puxando o jumentim com o meninozim [sic] em cima dele. Maria caçando uma maneira de esconder o Jesus Cristo, para não ser morto, para não ser pego. Como até provavelmente nós temos a história, no Reisado também, nós faz [sic] também este espetáculo com Maria o menino Jesus, os Reis o Zerodes [sic] que foram abençoados por Jesus Cristo. Cada um dando seus presentes. Assim nós faz [sic] aqui também. Assim se dar a folia de Reisado hoje. Depois que comecei aí eu fico só aprendendo as coisas. A tempo atrás não sabia o que era cultura direitinho, hoje a gente tá dentro da cultura e desenvolvendo mais a cultura e cada dia que passa aprende mais. Assim tudo é formado da gente mesmo, é farda, é brinquedos, é tudo, eu faço as roupas, faço os brinquedos. (Sr. Sebastião Chinês. Trecho do documentário *Reisado encanto da terra: pequeno documentário*. Caxias, 2021).

O relato acima evidencia uma conexão com passagem bíblica que narra a visita dos Reis ao menino Jesus e como este fato dar origem ao ritual que denominam como Reisado. Na passagem também, percebemos como este festeiro faz relação dos Reis Magos com os *Caretas*, a partir da vestimenta, ressaltando como estratégia de desface, tal qual é utilizado no espetáculo pelo personagem. Dando sequência, vemos a descrição que faz sobre outro personagem, burrinha, como ela é também associada a passagem bíblica. Por último temos o ponto em que narra como a partir do momento iniciou sua devoção e a celebrar o começou a entender mais e mais sobre o rito. No tocante a cultura ressalta que ao entender sobre esta temática, deixa transparecer que compreende que tudo é formado por eles, e por consequência criar os brinquedos e suas roupas e fardas, através do que entende que cultural para este.

Desta maneira, entendemos que a liberdade de inserção de alguns brinquedos (personagens) na festa, pode estar associado também ao entendimento do conceito de cultura e seu significado para ele.

Quadro 5: Reisados e personagens

Reisados	Personagens/Representações
Norte do Piauí	<i>Caretas</i> , bois
Leste Maranhense	<i>Caretas</i> , bois, burrinha, Aves, cavalo veio, nega veia, jaguará, ema, seriema. Curupira.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Com é perceptível no quadro acima, os personagens como bois e *caretas*, são comuns nos Reisados das duas regiões, e apresentando características semelhantes, como no caso das indumentárias de ambos. Entretanto, no Leste maranhense, observamos que os festeiros se utilizam de sua liberdade criativa para inserir outros elementos. Já Norte do Piauí, os Reisados limitam seus personagens a elementos tradicionais como *caretas* e *bois*, ao perguntar aos participantes da pesquisa sobre este assunto, não souberam responder, o porquê de não ter outros personagens. Assim, consideramos que pode estar ligado ao desejo dos festeiros manterem somente os elementos que costumavam presenciar nas festas de Reis de seu território.

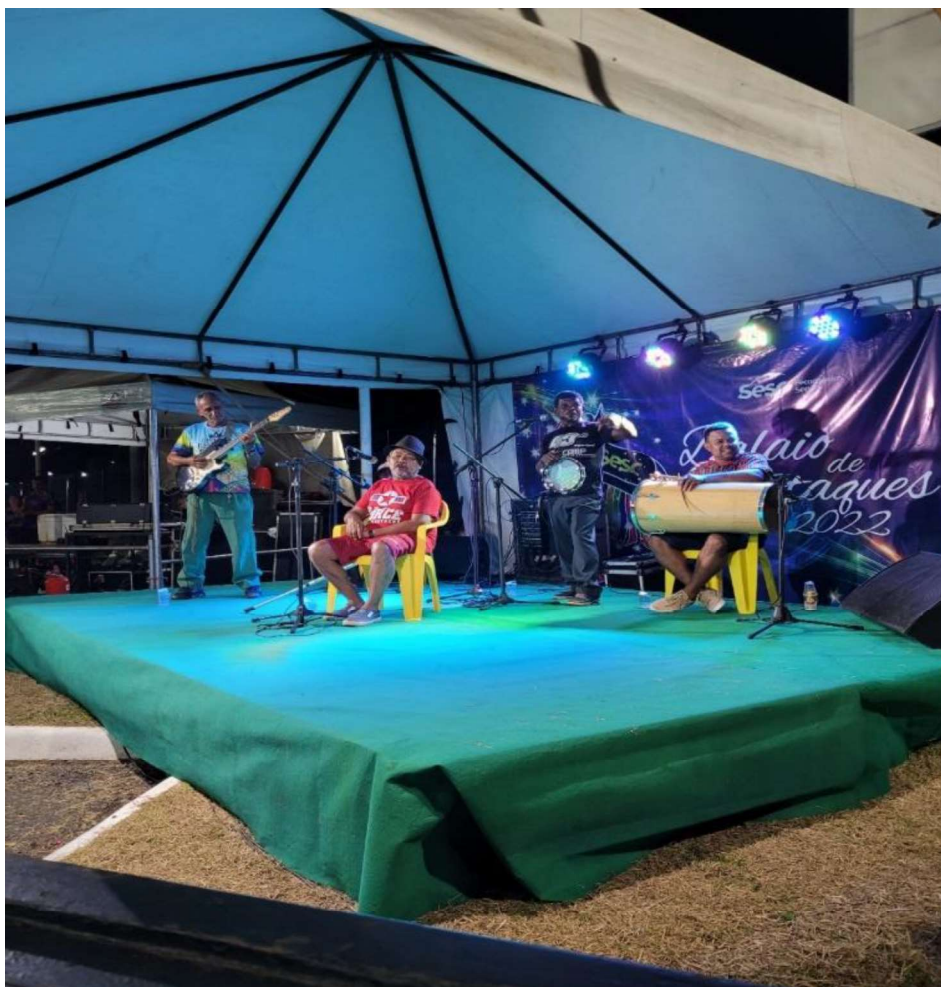
Nos Reisados tanto do Norte do Piauí, quanto do Leste maranhense, não podem faltar um acompanhamento sonoro no ritual, neste quesito a sanfona é um instrumento musical de primeira ordem na festa. Ela empresta a sonoridade ao ritual, muitas vezes é o único instrumento presente no rito, acompanhando os versos entoados pelas cantadeiras e *caretas*. Na região Leste maranhense aparecem, além delas, instrumentos percussão como tambores, instrumentos de cordas como a guitarra elétrica e o bandeiro, especialmente quando os personagens se apresentam nas festividades foram do circuito festivo do dia de Reis.

Quadro 6: Instrumentos musicais dos Reisado

Norte do Piauí	Leste Maranhense
Sanfonas e triângulos	Sanfona, triângulo, bandeiro, guitarra, tambor

Fonte: Elaboração própria (2024).

Figura 26: Grupo de percussionistas do Reisado Encanto da Terra de Caxias - MA



Fonte: Elaboração própria (2022).

Em meio aos percussionistas e guitarristas do *Encanto da Terra*, está o Sr. Sebastião Chinês, que pode ser considerado como um mandador de Reis. Sentado e de chapéu na cabeça, ele é responsável pelas letras das cantigas de Reisado e por cantá-las. Mesmo com as limitações físicas adquiridas em decorrências de um acidente vascular cerebral (AVC), ele não deixa de participar das apresentações do grupo.

As letras compostas fazem parte seu universo simbólico⁵⁰ e dos outros apreciadores da festa de sua região. Assim, antes mesmo que os personagens iniciem suas apresentações, pelas descrições sobre o “brinquedo” contidas nas letras, a plateia já sabe que personagem vai se apresentar.

⁵⁰ São animais e pessoas, os quais são apresentados com características próprias do universo cultural da região. Como por exemplo os personagens da *nega veia* e do *cavalo veio*, que aparecerão descritos a seguir no texto.

Bois e Reisados utilizam formas cênicas características das sociedades tradicionais, nas quais prevalece o espírito religioso, a visão sagrada do universo e onde o mundo preserva o seu encanto. Originam-se de ambientes onde o homem e natureza, arte e vida, ainda não estão todo apartados (Barroso, 2013, p. 307).

Neste Reisado, após a primeira parte da celebração dedicada aos elementos sagrados da festa, começa a parte categorizadas como profana no ritual, são os *Caretas* iniciam as danças e acompanham as apresentações de todos os personagens. São eles que fazem as interações com o público. Todos que acompanham o Reisado entendem que esta parte trata da diversão e não mais da fé, da devoção. São personagem que estão presentes tanto nas festas tradicionais dedicadas aos Santos Reis, como nas apresentações culturais das cidades do Leste maranhense.

Nas passagens abaixo podemos perceber como se dar a interação entre personagens e as letras das cantigas:

Burrinha

*O “careta” veio e o careta novo e traz a burrinha para o meio do povo.
Êie, êie vamos vadiar (refrão)
E a burrinha pôs (botou) um ovo lá em cima do fogão,
Ovo duro, ovo mole, ovo de camaleão
Eie, eie vamos vadiar (refrão).*

O Reisado de Sebastião Chinês é o único destas regiões, em que há “*caretas* de todas idades: adultos, jovens e crianças, fardados e dançando ao mesmo tempo. O adulto é o mais experiente, sendo ele que conduz e orienta os mais jovens. Por esta razão, na estrofe acima, o canto faz referência ao “careta velho” e ao “careta novo”. São eles que conduzem os brinquedos nas apresentações.

Para o boi

*Êie meu boi não dorme na cama
Ele dorme na limeira debaixo da rama
Eie meu boi vamos vadiar, Boi do brejão
Vamos vadiar (refrão)
Tu sapateia e riniteia (teima), vamos vadiar,
Olha o bicho do rabão, vamos vadiar
Cuida do boi meu bom Careta, não deixa este boi te machucar
Porque se este boi te bater longe, amanhã mando matar (refrão).*

Na canção, Na toada o bicho é convidado a vadiar, a brincar. A demonstrar seu bailado. Nesta parte da encenação, a função dos *Caretas* se assemelha a dos vaqueiros, os trabalhadores

responsáveis pela lida com o gado nas fazendas da região. Efetivamente, quando um animal do rebanho desaparece, geralmente embrenhado no mato, dois ou mais vaqueiros se organizam para a capturá-lo. A resistência do animal pode trazer lesões graves aos vaqueiros ou a ele próprio, que terá que ser sacrificado. Na brincadeira o boi corre atrás dos *Caretas*, simulado que vai atacá-los, enquanto eles correm com medo de serem atingidos sendo que a cantiga os adverte para não serem machucados; se isto acontecer, por mais que o dono do boi tenha apreço pelo bicho, ele poderá abatê-lo.

Ainda sobre símbolos encontramos na encenação a figura de duas aves, a ema e seriema.

*“Ô ema ô ema, vou dançar sariema [sic] (refrão)
Olha, o bico da ema, olha o papo da ema,
Olha asas da ema, olha o pelo da ema
Vou dançar sariema (refrão)
Eu trouxe minha ema quando eu vim lá do sertão,
Quando cheguei no Maranhão encontrei a sariema[sic]
Sariema [sic] canta no terreiro, sariema canta no mar.”*

Segundo a canção, a ema era uma ave que já conhecida, enquanto a seriema só o foi quando o autor da letra chegou o Maranhão. Como dissemos anteriormente, também as letras das cantigas de Reis revelam parte do repertório cultural de seus autores.

A “nega veia”, a qual já aludimos, é descrita numa canção como malvada.

*“Ô nega malvada tu quer matar meu gavião
Foi tudo nega. Não foi eu, não foi eu não (refrão)
Foi tu nega, por que matou meu Gavião?
A nega veia quando vem das Arueras, ela vem toda ligeira que deixa a poeira voar
Quando vem das Arueras, vem toda ligeira para matar meu gavião.
Foi tudo nega não foi eu, não foi eu não (refrão).”*

Mesmo ela negando ter matado seu gavião, a acusação é mantida.

Outro personagem da festa é o Galo.

*“Senhora dona da casa o galo tá no seu terreiro (refrão)
“Caretas” dançam, na porta e o galo canta no terreiro (refrão).”*

O galo se constitui em um dos símbolos presentes nas festas dedicadas aos Santos. No Reisado de Caxias - MA, ele aparece como um brinquedo que tem a função também de animar o rito; seu canto está ligado ao despertar do dia, ao anúncio do nascimento do Cristo Menino.

Ele está presente em diversos Reisados, aparecendo também, nas bandeiras dos Santos e nas cantigas.

Sobre o cavalo “veio” o canto diz:

*“Eu botei meu milho no coxo para chamar “cavalo veio”
 Meu cavalo “veio”, meu cavalo “veio” (refrão)
 Cavalo “veio” do Vintura tem palmo e meio de gordura
 “Caretas veio” abre o olho se não o bicho te come
 Ele vem com a boca aberta que vem danado de fome
 Meu cavalo “veio”, meu cavalo “veio” (refrão)”.*

O autor diz com ironia que ele tem um palmo e meio de gordura. Entretanto, quando vemos a materialização do personagem, percebemos uma figura, magra e envelhecida. Tanto é, que podemos perceber, na última estrofe cantada, que o mesmo está tão esfomeado que pode até devorar os “Caretas”, para saciar sua fome.

Frente a isto, entendemos que todos os personagens descritos acima, com exceção do boi, do galo e da burrinha, foram criados e incorporados ao rito pelo Sr. Sebastião Chinês, responsável por um dos mais importantes Reisado do Leste maranhense, são mais do que simples figuras de entretenimento da festa de Reis, carregam uma intencionalidade que visam envolver o público.

No que diz respeito ao misto de fé e entretenimento nas festas que fazem menção aos Santos, nos remetemos à cidade de Boa Hora, no Piauí, aonde há vários grupos de Reisados. Em média 15 grupos a cada ano que festejam Santos Reis.

Por conta desta quantidade de grupos de Reisado na cidade, o município criou um festival de Reisado, pois entende que as pessoas do lugar se identificam com os festejos dedicado aos Santos Reis.

Anualmente, cada edição da festa o poder público lança um edital com os critérios estabelecidos para que os grupos Reisados da região participem do evento, com isto nesta cidade, acontece algo que foge do que costumasse em outras festas, que é na véspera do dia dos Santos, antes de iniciarem suas peregrinações pelas casas, os grupos primeiros se apresentam no festival.

Uma dessas exigências para participação no evento promovido pela prefeitura é que todos os grupos devem apresentar os símbolos considerados pelos organizadores como tradicionais, que são: a imagem dos Santos, a bandeira, o boi, os *caretas*, o sanfoneiro, o mandador, os promesseiros e as cantadeiras. Um corpo de jurados deve observar nas apresentações dos grupos para observar se atendem a estes critérios.

Atentos a esta particularidade apresentada nas festas de Reis, de Boa Hora, o festival nos oportuniza diversas reflexões um deles é pensar que talvez seja este, um dos motivos dos Reisados desta cidade, não terem a inserção de outros personagens na festa, ao contrário do que ocorre na região Leste maranhense, pois isto impossibilitariam de receber a ajuda de custos disponibilizada aos grupos que participem do evento e cumprem todos os critérios. Desta maneira, se considerarmos que isto seja um dos motivos, o festival, além de retirar a finalidade do pagamento de ex-voto, pois esta é modificado, por algum momento, para que os grupos participem do evento, também de tola a criatividade em inserir outros personagens nos Reisados de Boa Hora. Assim, o evento ao exigir o cumprimento de tais critérios, cria um controle sobre os modos de apresentação e quais elementos devem permanecer nas festas de Reis na cidade.

Ainda sobre o festival, julgamos importante esclarecer que todos os grupos de Reisados da cidade participam do evento, pois ganham uma premiação inicial que ajuda nas despesas com as festas. Além disso ainda concorrem, a uma premiação maior, caso fiquem classificados em primeiro, segundo ou terceiro lugar. Um dos pontos que faz a diferença para que o grupo tenha chances de ganhar entre os primeiros colocados é a qualidade do sanfoneiro do grupo, como este conduz a sanfona, instrumento importante no ritual, pois é ele que vai potencializar as apresentações do mandador e dos “Caretas”. Isto, faz com que estes trabalhadores sejam bastante disputados pelos tiradores de Reis.

Nestes termos, a devoção que é categoria do sagrado, por alguns minutos vira concurso, tornando-se profana em sua totalidade. Aqui é necessário observar que tudo não passa de uma estratégia que os grupos utilizam para manterem viva suas tradições em festejar os santos, pois os prêmios ajudam a custar as despesas como a festa.

Figura 27: Grupo de Reisado Boi Aurora, recebendo a premiação pela participação no festival



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na imagem acima, o “Boi Aurora”, composto por três caretas, mandador, sanfoneiro, promesseiro, cantadeiras, a pessoa que dança embaixo da estrutura do boi e um representante pela organização evento, recebe o valor referente à sua participação no festival.

A programação do Festival de Reisado de Boa Hora, publicada no site da Prefeitura, do ano de 2023 informou:

Com o tema: “Uma mistura de cultura e religiosidade”, a Prefeitura de Boa Hora divulgou a programação da 24ª edição do Festival de Reisado. Tudo começa dia 31 de dezembro com a missa de benção aos Bois na Capela de Santos Reis no Bairro Mato Seco a partir das 8 horas da manhã. Do dia 1º de janeiro até o dia 05, os grupos de reisado saem em peregrinação na cidade e no interior durante a noite. No dia 05 de janeiro, acontece na Arena do Boi, a 24ª Edição do Festival de Reisado a partir das 17 horas, reunindo 13 grupos que disputam uma premiação de mais de 30 mil reais. Dia 06 a partir das 10 horas da manhã acontece a apuração de Festival. Às 16 horas acontece a tradicional morte dos bois nas residências dos pagadores de promessas. A partir das 22 horas acontece a escolha da musa do reisado 2024 e a tradicional festa de Reis na Praça Matriz com as bandas: Toca do Vale – Álvaro Neto – Chaguinha Desejo – Parceiros do Forró – Garage Rock e Esquema G (Prefeitura de Boa Hora, 2023).

Com efeito, a cada edição do festival, o município propõe um tema ligado as festas de Reis. O evento conta com uma intensa programação que inicia em 31 de dezembro, com a benção dos bois, e se estende até dia 6 de janeiro. No último dia, considerado o dia dos Santos, a partir das 16h, acontecem as mortes simbólicas dos bois nas casas dos festeiros, encerrando assim as festividades.

Contudo, podemos notar que o festival traz para festividade do Reisado uma pausa no que podemos denominar de fé e devoção. Desta maneira, quando os grupos se apresentam nas edições, eles sabem que ali, não se trata do Reisado como ritual que celebram, mas de um evento, promovida pelo poder público, que utiliza das apresentações para atrair turista e promover divulgação festividades culturais da cidade.

3.3 Personagens: vestir para se esconder, entreter, dançar e sapatear

No universo simbólico que permeia as celebrações do Reisado, os personagens ganham formas, vidas e beleza própria. Materializados com suas vestimentas emblemáticas, apresentam uma releitura dos elementos que os festeiros entendem ser necessários para a festa.

Soma-se a isto, uma estética cuidadosamente elaborada. Ornamentos confeccionados com materiais como a fibra de carnaúba e buriti, tecidos e couros, acrescentando elementos coloridos e brilhantes como fitas, flores e estampas, como forma de chamar a atenção dos apreciadores da festa.

Os adornos das vestimentas dos personagens da festa de Reis, além de belos, representam uma riqueza e diversidade sociocultural. Desta forma, através de tradições locais, dão relevo a saberes ancestrais, como a maneira de celebrar a festa, símbolos que vão sendo ressignificados.

A vestimenta é definida comumente como proteção que o homem criou contra as intempéries. Esse pode ser o motivo pelo qual a humanidade veio a cobrir-se pela primeira vez, porém, o ato de cobrir o corpo — seja com pele animal ou tecidos rústicos — tornou-se um fator de diferenciação sociocultural. O ato de vestir-se vai além do ato simples e mecânico de proteção do corpo, o ser humano veste e adorna sua corporalidade com símbolos que ele sabe que os outros de sua sociedade saberão ler. Ele escolhe o que vestir (Sant’anna, 2009, p. 50).

Nestas festas, o vestir, a roupa e seus ornamentos, vai além da função de proteção ou pudor, por serem importantes comunicadores de crenças e ideias a respeito do universo de seus

festeiros. São marcadores, dimensões culturais, sociais, históricas, que os *promesseiros* sabem que são compreensíveis para os que tem experiências com a devoção.

Assim é que o “careta” precisa manter sua identidade preservada, sendo necessário que esteja com o rosto coberto. As máscaras têm esta função. Para a confecção deste adorno, lança-se mão de uma matéria prima abundante em partes destas regiões, que é a pele de animal. Entretanto há também alguns lugares nos quais o couro é substituído por papel, por exemplo. Ainda assim, as máscaras ainda cumprem sua função. Neste caso, o importante é que tanto os festeiros como os apreciadores compreendam que independentemente do material utilizado para sua confecção, na indumentária do “careta” o adorno é indispensável. São as máscaras que dão ares de mistério e caráter assustador o ritual do Reisado.

Figura 28: Máscara do Careta, no Reisado Encanto da Terra



Fonte: Elaboração própria (2022).

Figura 29: Máscara do Careta, no Reisado de Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2022).

Nunes (2007), ao estudar sobre esta celebração no estado do Ceará, pontua que embora alguns autores considerem a origem das máscaras como sendo indígena, portuguesa ou europeia, a história demonstra ser uma manifestação de base africana, fazendo parte do teatro urbano africano e das danças de cortejos. Afirma que elas têm características marcantes do

catolicismo preto. Corroborando com esta proposição, Alves, Lima e Albuquerque (2003) consideram que a inserção de elementos africanos ao catolicismo brasileiro como na Congada é a continuação do catolicismo português, mas incorporando as danças de máscaras e cantos profanos nas festas religiosas.

O Sr. Francisco Ambrósio que atua como “careta” e na confecção da indumentária deste personagem, relatou ter aprendido a arte de fazer as peças, observando um conhecido fazer; atualmente confecciona a indumentária dele e de outros “*Caretas*”⁵¹. Embora envolto ao falar sobre como confecciona as peças, ele se mostrou envergonhado em dizer um verso, só ganhando encorajamento ao colocar a máscara no rosto. Com a segurança que esse adorno lhe proporciona, improvisou vários versos e os terminou com uma grande risada.

O ocorrido reitera o que já havíamos percebido em outros Reisados. A máscara, por preservar a identidade, encoraja quem a veste, dando liberdade de atuação. Assim, percebemos que as indumentárias dos personagens, para além da estética, emprestam também um código legitimador aos participantes.

Além disto, imprimir um código da vestimenta aos personagens se configura como importante para identificar a qual Reisado pertencem os participantes. Na cidade de Boa Hora, no Piauí, os grupos de Reis são identificados por camisetas que trazem o nome do boi ao qual o grupo pertence, pois os grupos são identificados pelo nome deste personagem.

Alguns grupos adotam a camisetas fornecida pela prefeitura do município, que a cada ano tem cor diferente; outros mandam confeccionar suas próprias camisetas. Há ainda outros, que os ganham de algum devoto de Santos Reis. As camisas são usadas tanto nas apresentações no festival, como durante a peregrinação com os Santos.

⁵¹ Entrevista com Francisco Ambrósio, janeiro de 2022, Boa Hora - PI.

Figura 30: Sr. Ambrósio, sanfoneiro, vestindo sua camiseta do Boi Ramalhete, em Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2022).

Desta maneira, para as festividades de Reis desta cidade, os grupos elaboram uma identidade visual, aplicada nas camisetas que os componentes do Reisado usam. As cores e o nome boi identificam a qual pertencem e fazem com que os grupos se diferenciem dos demais.

Ainda tratando das vestimentas usadas no Reisado de Boa Hora, o boi, nesta festa em específico, tem seu corpo encoberto com um tecido todo floral, com detalhes em tecido na cor branca, abaixo da cabeça e na barra, contornando a vestimenta do brinquedo. Encontramos em outros Reisados das regiões em estudo, bois com vestimentas floridas, mas com este detalhe na barra, somente percebemos nos festejos desta cidade, tornando-se um elemento indenitário dos bois desta localidade.

Na imagem abaixo é possível percebemos o detalhe na cor branca na vestimenta do boi. Desta maneira, este elemento cria uma identidade visual, que caracteriza o boi da cidade de Boa Hora - PI.

Figura 31: Vestimentas dos bois de Reisado da cidade de Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2024).

Vemos na figura 31 os integrantes aguardando o momento de suas apresentações no festival de Reisado de Boa Hora. Como se pode verificar, a vestimenta dos bois sempre tem muita cor, presente nas fitas, nas estampas, nos adereços, na identificação do grupo. Há muito capricho na confecção de cada um. Embora sejam todos muito parecidos, a variedade de estampas dos tecidos e sequência de cores, marcam a diferença entre os personagens.

Na sua criação é usada uma cabeça de gado vacum, da qual são preservados os chifres que cuidadosamente limpos, são usados como adorno. Em seguida, constrói-se o corpo do boi, a partir de uma armação com material que seja leve e flexível, geralmente são talos⁵² de palmeiras comuns em ambas as regiões, usadas ainda frescos, quando são mais maleáveis. Assim, constrói-se um “boi” e depois confecciona a sua roupa, obedecendo uma modelagem própria para este brinquedo.

Para os *Caretas* encontramos variações nos nomes e composições de suas vestimentas. Sua indumentária é um capítulo à parte para o ritual, confeccionado com fibras de palhas das

⁵² Lascas da palha de palmeiras de carnaúba, buriti ou coco babaçu.

palmeiras de carnaúba e/ou buriti⁵³ ou até mesmo com fitas. Ela é denominada pelos brincantes de várias formas, como *farda*, *terno* ou *paião*⁵⁴, que é acompanhado de sandálias, máscaras, chicotes e lenços. Este traje requer o domínio pelo artesão de técnicas que vão desde do extrativismo e beneficiamento da fibra vegetal, do couro, trançado de fitas, até conhecimentos sobre modelagem e ergonômias, aplicadas às peças.

Figura 32: Indumentária dos *Caretas*, no Reisado da cidade de Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na parte inferior de sua vestimenta é possível observar uma modelagem ampla, que permite que as pernas fiquem livres para dançar, sapatear e rodopiar. Já na parte superior da

⁵³ O buriti está presente da Amazônia até São Paulo, sendo abundante na Região Norte – Pará e Amazonas – e no Nordeste do Brasil – Maranhão, Piauí e Ceará.

⁵⁴ Denominação atribuída pelos festeiros ao traje por ele ser confeccionado com palha.

peça percebemos detalhes como o trançado que adorna desde a cintura do brincante até o peitoral.

O artesão que confecciona o traje, desenvolve as peças atento às necessidades e características próprias para este brincante. Assim, o domínio das técnicas se torna fundamental para este processo. Frente a isto, a vestimenta é desenvolvida para que os braços fiquem liberados para realizar atividades inerentes à sua função: chicotear, pegar o boi, segurá-lo, simular queda e jogar os lenços nos apreciadores que assistem ao ritual; correr se necessário. Tudo isto precisa ser facilitado pelo figurino.

Figura 33: Queda do Careta, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2016).

As sandálias e máscaras do figurino utilizam o couro de gado como principal matéria prima. Mas também se encontram máscaras confeccionadas com outros materiais como papelão e borracha, pois o preço do couro inviabiliza sua utilização por alguns grupos. Elas precisam ser confeccionadas com os materiais que além de oferecer conforto, façam barulho ao sapatear. O couro desidratado, desempenha bem esta função, mas encontramos também algumas confeccionadas com outros materiais como borrachas de pneus, material tem uma certa

resistência e que também oferece barulho ao entrar em contato com o piso de cimento ou cerâmica.

Figura 34: Sandália do Careta, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2015).

Vale acrescentar que em alguns Reisados, encontramos “*caretas*” calçados em sapatos que trazem ainda mais conforto ao dançar, sapatear e, principalmente, correr, como os tênis. Quando utilizam este tipo de calçado, usam também meias, para proporcionar maior conforto. Tal mudança quanto ao tipo do calçado usado pelo personagem indica que o ritual acompanha a dinâmica das transformações da vida econômica e social.

No Piauí, pela própria cultura dos currais e criação de diversos tipos de gados, o consumo de carnes e, conseqüentemente, a oferta de couro é maior. Assim, o preço é mais acessível, colaborando para que nas celebrações de Reisado, as máscaras e sandálias sejam ainda confeccionadas em couro, mantendo características tidas como tradicionais pelos festeiros, devotos e brincantes.

Frente ao que foi discutido neste capítulo, podemos perceber que festejar aos Santos Reis nestes dois territórios, implica em articulações entre *sagrado* ou *profano*, ainda que cada símbolo tenha uma função específica, atribuída por estes mesmos sujeitos, que tornam o ritual emblemático e representativo para quem o celebra.

4 O DIA DOS SANTOS: REZAR, CANTAR E SE ALIMENTAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

As festas devocionais como o Reisado, se configura como uma das formas de manifestar a religiosidade popular, ainda muito presente nos territórios do Norte do Piauí e do Leste maranhense. Em linhas gerais, celebrar Santos Reis, denota um modelo festivo que valoriza, além dos ritos de natureza religiosa propriamente dita, dimensões lúdicas e estéticas como já apresentado em capítulos anteriores. Ele envolve preservar saberes, experiências e práticas devocionais, que divulgam e estimulam o fortalecimento e a valorização de identidades culturais, dos participantes das festas de Reis, se constitui como um patrimônio de imaterial, que pode ser entendido como:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, e contribuindo assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

Entender o conceito de patrimônio cultural imaterial, como sendo transmitido de geração a geração, permitem refletir sobre historicidades e a percepção de que o patrimônio cultural guarda em suas nuances as múltiplas experiências dos festeiros devotos no tempo, torna a sua preservação uma garantia para que futuras gerações tenham acesso à herança cultural, a uma memória coletiva plural.

Deste modo, se constituem como representações de saberes e práticas de devocionais, em sua complexa “teia de significados”, termo emprestado de Geertz (1989) para expressar os sentidos amarrados ao homem e por ele construídos, como a entoação de cantigas, acompanhados pela sonoridade de instrumentos musicais, versos em rimas, cortejos e apresentação de personagens, convencionou-se nestas duas regiões, chamar de Reisado.

Assim, depois de dias celebrando o ritual do Reisado, é chegado o dia propriamente de Santos Reis, data em que acontece a culminância da celebração, na casa do devoto. É dia de cumprimentar os visitantes dos Reis com a saudação “meus reis”. No entender dos envolvidos, são votos que tem o mesmo valor de desejar feliz ano novo.

Assim, para os festeiros é depois do dia de Reis, que o ano verdadeiramente se inicia, o que colide com o costume cristão de retirar os ornamentos que se colocam nas casas a partir do dia do Advento⁵⁵ e fizeram parte da espera natalina e da chegada do ano novo. No caso especialmente dos Reisados que analisamos, o ciclo se fecha com festividade, a qual envolve agradecimento, diversão e muita comida.

Neste capítulo, refletimos sobre a relação deste ritual na sua dimensão sociocultural, descrevendo as diversas maneiras de celebrar a festa e observando o sentido da “retribuição” (Mauss, 2003), envolvido na festa. Estaremos atentos sobretudo às partes finais da festa aos Santos Reis, às rezas, os cantos, o momento da morte do boi. Também às formas utilizados pelos festeiros e vizinhança para os preparos dos alimentos que serão servidos aos convidados, e que iremos descrever de forma detalhada no decorrer do texto. Buscaremos ainda, relacioná-las ao conceito de patrimônio cultural imaterial e os valores a ele atribuídos nos dias atuais.

Nesta direção, evidenciaremos nas práticas de celebrar o Reisado, as condições imprescindíveis para a consolidação e efetivação de políticas patrimoniais. Assim, buscaremos refletir como o conceito de patrimônio imaterial pode aglutinar as diferentes práticas culturais na festa dedicada a Santos Reis.

Frente a isto, entendemos que tal conceito pode ser entendido sob diversas perspectivas, sobretudo pela forma como os festeiros de Reis celebram suas devoções aos Santos. Neste esforço, discutiremos sobre as políticas públicas de preservação do patrimônio, analisando as políticas de reconhecimento e valorização, assim como celebrações de outra natureza que já foram reconhecidas e salvaguardadas como patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro. Nosso esforço, é demonstrar que se for da vontade dos festeiros de Santos Reis, as diversas celebrações dedicadas a estes santos, realizadas por eles preenchem os requisitos, as exigências legais, para o reconhecimento desta festa que, no futuro próximo, podem ser registradas como patrimônios culturais e dos lugares onde vivem.

⁵⁵ A palavra “advento” vem do latim *adventus* e significa chegada, aproximação ou vinda. Para os cristãos, o Advento é um tempo antes do Natal (4 semanas) em que os fiéis se preparam para ele. A tradição da Igreja diz que a vivência do Advento entre os cristãos começou entre os séculos IV e VII em vários lugares do mundo.

4.1 Dia de Reis: amanhecer na casa do festeiro devoto

No dia 06 de janeiro, o prazer em retribuir e a animação tomam conta dos devotos. A casa dos festeiros se enche de alegria ao receber as pessoas que foram visitadas durante a peregrinação do Reisado, sendo nesta ocasião que o ritual de encerra. “Hoje eu fico cheio de prazer em ver a casa cheia de gente, e esperamos chegar mais, com fé em Deus e aonde faltar, Santos Reis vai ajudar e Deus lá em cima primeiro” (Batista, 2016).

Para bem celebrar o ritual, é necessário cuidar para que tudo saia conforme planejado para este dia. A preparação envolve a criação de um ambiente adequado, o estabelecimento de uma intenção clara e a sequência de uma série de passos simbólicos e práticas que ajudam a conectar os participantes ao propósito do ritual. Eles podem variar conforme a tradição religiosa, espiritual ou cultural, mas, em geral, o processo segue uma estrutura similar.

Assim ainda no alvorecer, é possível ouvir o barulho dos fogos que anunciam a festa, o momento de alegria que toma da casa do “promesseiro”. Logo cedo começam a chegar os homens e mulheres que irão ajudar na lida, especialmente no abate dos animais, como os porcos, galinhas, carneiros e, em alguns casos, até bois. Nestes termos o festejar, é um ato solidariedade, de partilha, de reciprocidade.

Todos os trabalhos que são realizados nas primeiras horas do dia, são feitos pelos vizinhos dos festeiros e por parentes, que normalmente chegam ainda no dia anterior para já amanhecerem na casa onde ocorrerá a celebração, e assim adiantarem os trabalhos.

O estudo dos festejos populares é um campo promissor para a pesquisa antropológica urbana. O exame do contexto sócio-histórico em que emergem eventos festivos revela a ocorrência de intensas trocas sociais, as quais, no entanto, não se resumem às trocas baseadas no contato entre as pessoas no interior do evento. Elas podem ir mais longe e tendem a abranger, no meio urbano, por exemplo, as relações entre grupos de vizinhança (Costa, 2011, p. 198).

Para abater os animais, como os porcos por exemplo, é preparado um fogão a lenha, usando-se geralmente três pedras que chamam de “trempe”. Embaixo dele acendem o fogo e colocam-se pedaços de lenha. Quando as chamas estiverem acesas, coloca-se um recipiente com água para ferver. Enquanto alguns cuidam do fogão, outros se envolvem no abate dos animais. Se forem porcos, carneiros ou bois, são dadas cajadadas na cabeça do bicho e, para concluir, os apunham na jugular.

Quando o animal estiver morto, jogam água fervente sobre o corpo do animal para retirar pelos, processo que é realizado com o auxílio de uma faca. Depois de limpo é hora de abri-lo; neste momento são retiradas suas vísceras. A parte interna retirada, será “tratada”, depois de limpa, dará origem a alguns pratos muito apreciados pelos os convidados da festa, como “sarapatel” e “buchada”.

Do porco é extraída também a parte que encobre a carne, o toucinho, que é fatiado, salgado e colocado no sol para desidratar. Posteriormente, ele será derretido para a extração do óleo que é bastante utilizado no cozimento de alguns alimentos. A pele que sobra deste processo, o “torresmo”, servirá de tempero para ser colocado no caldo de feijão ou para ser servido com farinha ou cuscuz. Já a carne será cortada em pedaços pequenos para posteriormente ser temperada e colocada para cozimento, tarefa geralmente das mulheres. Cabe a elas igualmente os trabalhos com a limpeza da casa, dentro e fora. O lado de fora, o “terreiro” onde concentrará os espectadores do ritual, precisa estar organizado.

Figura 35: Mulheres iniciando preparando das carnes para festa de Reis, no bairro Flor do Dia, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

São as mulheres também, que prepararam os alimentos que são servidos na parte da manhã, o que inclui, café, bolo, cuscuz e a “fritada” feita com algumas partes internas dos animais abatidos, como o fígado. A primeira refeição tem que está pronta logo cedo, pois desde as primeiras horas do dia as pessoas começam a chegar na casa do *promesseiro*. Entre eles estão os músicos e os *Caretas* que iniciam logo cedo a animação com músicas e sapateados. “E como não poderia deixar de ser, o mundo das comidas nos leva para casa, para os nossos parentes e amigos, para os nossos companheiros de teto e de mesa. Essas pessoas que compartilham intensamente de nossa vida e intimidade” (Da Matta, 1986, p. 23). Desta forma, o preparar comidas aparece como um elemento de solidariedade e união, uma prática profundamente significativa que pode ter um grande impacto tanto em termos de conexão comunitária quanto de fortalecimento dos laços entre as pessoas. A comida tem o poder de reunir as pessoas, de promover a empatia, e de ser uma forma poderosa de compartilhar e cuidar dos outros. Esse conceito de preparação de alimentos vai além da simples nutrição. Ele também simboliza apoio, acolhimento e o desejo de proporcionar algo de bom aos outros.

Figura 36: Almoço servido no dia de Reis para os visitantes, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Na figura 36, vemos o almoço servido para as pessoas que foram visitadas pelo Reisado, por vizinhos, parentes e amigos que passam o dia na casa do *promesseiro*. O número de pessoas foi relativamente pequeno, comparado ao que o festeiro esperava para o encerramento da peregrinação que aconteceu na parte da noite.

Essas pessoas compartilham intensamente da vida, intimidade e dos processos de patrimonialização de saberes e sabores, que envolvem a produção e o consumo, parte importante das prescrições de muitas tradições, envolvendo formas de sociabilidade e práticas rituais.

4.2 Santos Reis ganham, Santos Reis dão: preparo e ofertas dos alimentos

As festas de religiosidade popular desempenham um papel crucial nas manifestações culturais e espirituais de diversas comunidades ao redor do mundo. Nessas celebrações, os alimentos não são apenas elementos de nutrição, mas também símbolos carregados de significados religiosos, sociais e culturais. O preparo e a oferta de alimentos nestas celebrações, refletem práticas ancestrais e, ao mesmo tempo, se renovam conforme as transformações sociais e econômicas das comunidades.

Assim, terminado o abate dos animais nas festas de Reis, é hora de definir o cardápio para ofertar quando do encerramento da peregrinação, bem como a função cada pessoa irá desempenhar para preparação dos alimentos. Os cardápios das festas nestas regiões representam a dimensão sociocultural dos festeiros. São compostos pelo tradicional guisado de porco, carneiro ou de bode; galinha caipira ao molho; arroz; saladas; espaguete, farofas, saladas e refrigerantes.

A diversidade de preparos alimentares é reflexo da história de cada povo, das influências indígenas, africanas, portuguesas e de outros imigrantes que, ao longo do tempo, incorporaram a sua culinária à culinária local, criando um verdadeiro mosaico de sabores e práticas. Os alimentos, muitas vezes preparados de forma comunitária, também se tornam um meio de perpetuação de tradições e de fortalecimento de laços entre os membros da comunidade.

Como assinala Bourdieu (1984), eles servem de elemento de análise do comportamento e da diferenciação social, e nos ajudam, de certa forma, a nos debruçarmos sobre a vida cotidiana dos festeiros destes territórios. Assim, a prática de consumo alimentar, entendida como parte dos conhecimentos destes sujeitos, comporta representações das crenças e padrões sociais (Brandão, 1981).

Em muitas culturas, as festas de religiosidade popular, como as celebrações de padroeiros, festas de cultos afro-brasileiros, festivais indígenas ou outras manifestações culturais de fé, são momentos de grande expressão coletiva e fortalecimento dos laços comunitários. Como temos buscado evidenciar, o preparo e a oferta de alimentos nessas festividades vão além da função de simplesmente alimentar os participantes. Eles carregam simbologias profundas que refletem a relação da comunidade com suas tradições religiosas, suas crenças e sua ancestralidade.

Desta maneira, entendemos que as comidas, assim como os ingredientes com que são preparadas, tem um poder profundo de nos conectar ao cotidiano e refletir sobre a vida, tanto individual quanto coletivamente. Além de nutrir o corpo, elas envolvem rituais, memórias e emoções, proporcionando uma lente através da qual podemos observar e analisar as dinâmicas sociais.

Faz parte das crenças e costume dos sujeitos visitados pelos Santos Reis, além de dinheiro, também ofertar cereais e animais vivos; estes últimos farão parte dos cardápios que serão servidos aos visitantes dos Santos, “porque tudo que Santos Reis ganham, Santos Reis dão” (Antônio Pequeno, Sr., 2009).⁵⁶ A observação está de acordo com a postulação de Marcel Mauss, quando o mesmo afirma: “o mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido” (Mauss, 2003, p. 48). Em alguns casos, quando o que os Santos ganharam não é suficiente para cobrir as despesas do dia, os festeiros complementam as ofertas, o que está entre seus compromissos.

A manifestação da satisfação de ofertar alimentos é uma experiência profundamente humana e significativa, pois envolve tanto o ato de dar, quanto o de cuidar. Quando oferecemos comida a alguém, seja em momentos de necessidade, celebração ou como um simples gesto de carinho, oferecemos mais do que sustento físico. Estamos transmitindo solidariedade, atenção e generosidade, criando laços e fortalecendo relações.

Para os festeiros, maiores foram as graças alcançadas em virtude disto. Imbuído por este sentimento de gratidão e de reciprocidade, eles devem conferir a quantidade de comida que deve ser preparada e o tamanho das panelas. Como é esperado um grande número de pessoas, este utensílio deve ser grande para que se evite o preparo do mesmo alimento em pequenas quantidades e as cozinheiras não desperdicem tempo que, nos dias de festa, é precioso. Em algumas das festas analisadas neste trabalho, especificamente naquelas da cidade de Boa Hora

⁵⁶ Entrevista concedida pelo Sr. Antônio Pequeno, Alto Longá.

- PI, em que os alimentos são servidos no horário do almoço, há necessidade de otimizar o tempo para tudo esteja pronto no horário determinado.

O Sr. Ambrósio de Carvalho Sousa, um de nossos sujeitos da pesquisa, da cidade de Boa Hora, quando perguntado em entrevista, no ano de 2022, se este já havia festejado os Santos, pediu logo que a esposa fosse buscar uma panela de alumínio que estava guardada, para mostrar orgulhosamente o tamanho do recipiente no qual eram preparados os guisados para os visitantes no dia de Reis. Ele, assim, manifesta que sua festa é um lugar de concentração de muitas pessoas e que seu Reisado é bastante prestigiado, com seu grupo de Reisado tendo destaque em sua cidade.

Figura 37: Panela utilizada para o preparo de guisado para as festas de Santos Reis, em Boa Hora - PI



Fonte: Elaboração própria (2022).

Os utensílios para preparo de alimentos desempenham um papel essencial na cozinha, facilitando o processo de corte, mistura, cozimento e armazenamento. Dependendo do tipo de comida que se está preparando, os utensílios variam. Em todos os encerramentos dos Reisado analisados neste trabalho, observamos com recorrência o uso panelas de alumínio de variados tamanhos. Nelas são preparados alimentos como arroz, carnes e espaguete.

As comidas típicas servidas nos dias de Santos Reis, são apreciadas pelas pessoas que visitam a casa do promesseiro, que em sua diversidade, englobam preparos de alimentos regionais que podem refletir tanto as tradições culinárias locais quanto a adaptação dessas práticas a contextos específicos.

Figura 38: Guisado de carne de porco feito *à lenha*, no Reisado da Flor do Dia, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Na imagem acima as panelas estão sustentadas por uma base feita de três pedras e tijolos, que os festeiros denominam como “trempes” fazendo referência ao número três destes suportes. Embaixo destes utensílios fica a lenha acesa, que vai sendo repostada conforme é consumida pela chama. Este tipo de “fogão” é usado ainda com frequência pela população rural destes territórios.

Como está retratado, a pouca lenha é uma estratégia utilizadas pelas cozinheiras, pois aqui os alimentos já estão cozidos, sendo necessário somente manter a temperatura. Esta é uma forma mais lenta e controlada de cozimento, o que pode resultar em alimentos mais saborosos e aromáticos. O calor do fogo é geralmente mais suave e distribuído de maneira controlada; do contrário iria requerer mais atenção e cuidado das responsáveis por este serviço.

Figura 39: Mulheres preparando arroz no dia de Santos Reis, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

O arroz, mostrado em preparação na figura 39, é uma das bases alimentares das populações desta área; por esta razão não pode faltar nas festas de Reis. Prepará-lo em grande quantidade requer habilidade. Na imagem, as mulheres retiram o arroz da panela maior e o redistribuem em outras menores, para levá-lo novamente ao fogo, de forma a garantir que fique cozido por igual e possa ser bem apreciado pelos visitantes.

As cozinheiras não executam as tarefas com auxílio de uma mesa, mas ficam agachadas, o que para muitas pessoas que não estão habituados a este costume, parece desconfortável.

Os festeiros de Santos Reis, ao receberem os visitantes, a todo momento perguntam se todos comeram. Cuidam de que haja comida nos pratos e cuidam logo de repor, se necessário. Para eles é importante que todos percebam a mesa é farta. Não importa se a comida é servida no horário do almoço para as pessoas que chegaram logo cedo na casa do festeiro; no horário do jantar percebemos que a preocupação é a mesma. A oferta de alimentos tem que parecer um banquete.

No dia seis, na casa do pagador de promessa já estar sendo preparado o grande banquete que é para morte do boi, como eles chamam. Então as pessoas que estão na casa do pagador de promessa começam a matar os animais, preparam comidas, passam o dia todo preparando, para ofertar o banquete, uma espécie de jantar, então no caso de Boa Hora, por volta das 16h, as pessoas começam a chegar, porque por onde o Reisado andou, eles convidam e dizem: olha no dia 06 no dia tem um banquete, vamos matar o boi para vocês comerem, é como se matassem o boi de Reisado onde o baquete é ofertado para todo mundo, é claro que o boi é morto simbolicamente (Martins, 2024).⁵⁷

O preparo e a oferta de alimentos é umas das formas de agradecer aos visitantes por terem recebidos a peregrinação em suas casas; o convite é uma maneira de retribuir a gentileza, como também de retornar o que o Santo ganhou. Por isso percebemos todo cuidado que os festeiros têm com as pessoas que chegam às suas casas.

É necessário que não falte nada nos dias dedicados aos Santos. Dia da matança, de comida em abundância, de festa e de animação. É dia também da morte simbólica do boi, que por ser um animal de grande porte, representa fartura. É uma maneira de dizer aos visitantes que vierem celebrar com os pagadores de promessa, que estão preparados para recebê-los.

4.3 Rezar, festejar e se alimentar

Do dia cinco para o dia seis, é tradição que a última comunidade que o Reisado visita seja a comunidade do pagador de promessa, como eles chamam aqui. Eles já chegam e obrigatoriamente eles andam em todas as casas vizinhas e a última casa que eles rezam, festejam, é na casa do pagador de promessa, isso as vezes já beira as nove da manhã do dia seis, quando encerram, geralmente nos outros dias enceram as seis horas da manhã a peregrinação. A partir daí, os brincantes, param, descansam, até o evento final que é a hora da morte simbólica do *boi*. (Martins, 2024).⁵⁸

⁵⁷ Lenildo Martins, Historiador, professor e pesquisador do Reisado da cidade de Boa Hora - PI.

⁵⁸ Idem.

Lenildo Martins, pesquisador de Reisado de Boa Hora, descreve como é feita a finalização do ritual do Reisado. De acordo com o mesmo, o grupo de Reisado vai visitando as vizinhanças dos *promesseiros* no dia de Reis. Neste dia, o ritual se repete nas casas do entorno da residência do *promesseiro*, finalizando as visitas na casa do pagador de promessa. Tudo isso acontece nas primeiras horas do dia seis de janeiro, encerrando assim a primeira parte do ritual prevista para aquele dia.

Na passagem do pesquisador, podemos apontar algumas diferenças sobre essa primeira etapa da finalização do ritual, se comparada a outros em estudo. Uma delas é quanto ao horário em que acontece a conclusão da peregrinação, pois diferentemente do que acontece na cidade de Boa Hora, nos outros Reisados, a finalização da visita às nas casas se ocorre à noite. Como em Boa Hora, também nas outras cidades, as peregrinações terminam nas casas dos *promesseiros*, com exceção do que ocorre no povoado Caraíbas em São João do Sóter, em que o ritual encerra na capela dedicada aos Santos Reis.

Nesta ocasião, os festeiros de Reis, assim como o que acontecem com as famílias visitadas, irão receber o Reisado. Para tanto, uma outra pessoa assume o seu lugar no ritual, para que ele possa receber o Santo, como fez o capitão quando foi visitado, pela peregrinação. Na imagem abaixo Dona Didi, recebe Santos Reis, como forma de finalizar sua promessa no ano de 2017.

Figura 40: Dona Didi, prometteira, recebendo Santos Reis em sua casa, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Na cidade de Alto Longá, após o festeiro receber o Reisado em sua casa, coloca o santo em um altar preparado na sala. O espaço é ornado com flores e outros santos de devoção da família. Feito isto, inicia-se a reza ao terço, que pode ser “dito” ou cantado. A cada mistério do terço – composto por um Pai Nosso e dez aves Marias – dito, outro é cantado, alternando-se assim, até que se concluem os cinco mistérios do terço.

Figura 41: Altar ornado para Santos Reis, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2017).

Finalizando a reza, iniciam-se os cânticos dedicados aos Santos Reis e a outras devoções, como São Francisco, Maria a mãe de Jesus, Santa Cruz dos Milagres. Este momento também é o de beijar⁵⁹ o altar, fazer reverências em agradecimento e pedir benções, saúde e proteção.

⁵⁹ É o momento em que o festeiro se ajoelha diante do altar e beija o tecido que cobre uma mesa, que quase sempre é a bandeira que acompanha a cerimônia, a qual serve de altar para os Santos. Ele ergue a mão em direção aos Santos Reis, faz suas orações em silêncio e dá uma esmola em dinheiro antes de levantar. Depois dele, as outras pessoas presentes na reza repetem o gesto.

Figura 42: Participantes do Reisado no altar, em Alto Longá - PI



Fonte: Elaboração própria (2012).

Enquanto o terço está sendo rezado, um grande número de pessoas, aguarda fora da casa para assistir, a continuação do ritual, com a apresentação dos *Caretas* e do *boi*. Os sanfoneiros⁶⁰ começam a tocar cantigas de Reisado e os *Caretas* a realizar sua performance. Atiram lenços nos ombros dos expectadores, que muitas vezes correm para não serem alvejados e assim, não contribuírem com as apresentações. Concomitante o boi está bailando ao som da sanfona e também sendo provocado pelos *Caretas* que, em resposta, intenciona dar-lhes chifradas. Para não serem atingidos pelo bicho, eles correm em meio ao povo que assiste a encenação. As pessoas também saem também em disparada, fazendo com que a outra parte da plateia cai na risada.

A brincadeira segue por algumas horas, até quando é servido o “banquete” ofertado aos presentes. Depois do jantar, o ritual se encerra com a morte simbólica do *boi*. Desta forma, é finalizado o Reisado por aquele ano.

⁶⁰ Encontramos conduzindo os Reisados em Alto Longá, os Srs. Francisco Oliveira (2011), conhecido como “Chico Pinto” e Celestino Pereira (2017). Muito experientes, ambos afirmam ter aprendido “tocar Reis” vendo outros sanfoneiros.

Já na cidade de Boa Hora, a parte final do ritual inicia-se por volta das 16h com os preparativos para a morte do *boi*. O espetáculo que reúne, assim como acontece na cidade de Alto Longá, uma multidão para participar e assistir a cena.

O boi, mandador, os *Caretas*, o sanfoneiro, eles vão ali no terreiro do pagador de promessa, aí tem o chamado a sorte do boi, vai alguém com o chapéu, com saquinho, recolhendo doações de quem está assistindo ali. E o boi vai junto, vai indo e o mandador, vai cantando e as pessoas vão dando suas contribuições, até que chega o momento da morte do boi. O que é a morte do boi, tem várias pessoas que se inscreve, tem uma lista, um caderno, eles pagam, para laçar o boi. Então tem uma brincadeira de laçar o boi. Os *Caretas* são defensores do boi. Então é difícil laçar o boi, por além da pessoa que está debaixo do boi ali, os *Caretas* ficam impedindo, com seus chicotes, que o laço caia no chifre do boi. Mas várias pessoas tentam laçar o boi, só que quando a pessoa não consegue o boi corre atrás. Sai todo mundo correndo. Se ninguém conseguir laçar o boi, todos os inscritos, tentarem e não conseguir, aí é dado a corda a uma criança, aí a criança vai lá coloca o laço no chifre do boi. Ii o boi é morto aí todo mundo chora. Os *Caretas* choram, os *caretas* é dramatizando, o pagador de promessa mesmo a grande maioria deles choram mesmo de verdade. Eles se emocionam, a família se emociona de verdade mesmo. Ali foi o encerramento da festa, daquele ano aí fica todo mundo com saudade, que conviveram aquele tempo ali, juntos e com isso, é tirado o couro do boi que é o pano que para guardar em seguida é ofertado o banquete na casa do promesseiro como se foi feito daquela carne, daquele boi que foi morto (Martins, 2024).⁶¹

No relato acima, há vários pontos que merecem serem melhor discutidos, como a finalidade das doações advindas da “sorte do boi”. Elas são importantes para que custear os pagamentos dos trabalhadores do Reisado e sobrevivência da peregrinação. Um Reisado não se faz sozinho, como vimos ao longo da tese, sendo necessárias várias pessoas para assumir as diversas funções no rito. Outro ponto interessante são as inscrições das pessoas que desejam participar do ritual, sendo que aparecem na encenação sujeitos que irão ocupar uma função no Reisado. Eles ainda contribuem financeiramente para a festa, estratégia para arrecadar dinheiro que não é encontrada em outros Reisados de interesse desta tese é uma particularidade dos Reisados de Boa Hora.

O papel da criança na festa remete a um símbolo de pureza, virtude pela qual o animal se rende e não manifesta resistência a ser sacrificado. Na sequência “o boi é morto” o que leva a encenação de choro, sentimento orquestrado pelos *Caretas*. Retirar o tecido do boi e entregá-la ao dono da festa, significa o fim daquele animal, morte, dor, saudade. O promesseiro se emociona e leva outras pessoas a compartilhar do mesmo sentimento. Assim, a morte do boi se

⁶¹ Entrevista concedida por Lenildo Martins, novembro de 2024, em Boa Hora - PI.

configura como um momento penoso dentro dos Reisados. Nestes momentos, teatralização e sentimentos tornam-se indissociáveis.

Para finalizamos nossa análise das festas do dia de Reis nas cidades do norte do Piauí, aludiremos à conclusão da festa em Fazendinha, na cidade de Campo Maior, executada pela quarta geração, de pai para filho. Abaixo, o bisneto do fundador deste Reisado relata como se dá o encerramento do ritual na localidade:

No dia seis o Reisado chega na casa do proprietário, que no caso é meu pai e amanhece o dia, o que é ganhado durante a temporada do dia vinte e cinco de dezembro até o dia cinco de janeiro, é recolhido o que foi de animal é abatido, transformado em alimentação, feito a comida. Serve-se almoço e jantar para quem quiser e chegar na nossa casa, as quatro horas da tarde tem um terço, em homenagem a Santos Reis, logo após, começa a matança do boi. A onde tem uma disputa para quem faça, ganha uma premiação e logo após se não houver, a gente já tem um de um bom tempo sem ser laçado o boi, a gente uma criança coloca o laço no boi, tem a matança, e depois é servido o sangue do boi, que a gente chama que é servido um vinho e finaliza o Reisado assim (Silva, 2024).⁶²

Na passagem acima, Tancredo Doca informa sobre o último dia de festa do Reisado da Fazendinha, o qual inicia um dia antes, quando o grupo contabiliza o que foi arrecado pelo Santo, ofertas em dinheiro ou animais. Feito isso, como é prática também em outros Reisado, se reverte o que foi ofertado em alimentos para servir o povo que vem para a festa de Reis.

O relato traz duas particularidades: o terço rezado à tarde e, depois da morte do boi, é servido vinho simbolizando o sangue do animal abatido. É importante apontamos estas semelhanças e diferenças para festas nos mesmos territórios e em cidades próximas umas das outras.

Até aqui descrevemos como se dão as rezas, as matanças dos bois, as finalizações das festas no norte do Piauí. A partir de agora nos detemos sobre as formas como acontecem esses processos do outro lado do Rio Parnaíba, no Leste maranhense. Adiantamos que a finalização dos Reisados neste território também se dá em meio a rezas e toadas, morte de bois, mas também encontramos baías em tendas de umbanda, festejos em capelas e leilões.

No povoado de Caraíbas, em São João do Sóter, como já adiantamos, foi erguida pela família de Dona Venina, uma capela em homenagem aos Santos Reis. Lá se inicia e é, também, finalizada a festa. Como é comum durante os festejos dedicados aos santos padroeiros no

⁶² Tancredo Alves da Silva, mais conhecido por Tancredo Doca, bisneto do fundador do Reisado da Fazendinha. Sua função é dar suporte ao grupo, algumas vezes exercendo as funções de dançador do boi, da burrinha ou de careta. É ainda artesão, pois confecciona as vestimentas destes personagens. Entrevista concedida, em dezembro de 2024.

interior do nordeste, o pequeno povoado se enche de barracas de brinquedos, roupas, comidas e bebidas. O lugar adquire uma movimentação de pessoas e de comércio diferente dos outros dias do ano. Isso tudo acontece por causa dos festejos de Santos Reis e se intensifica no seu dia.

Na capela, às 10h acontece a missa, realizada pelo pároco da paróquia de São João do Sóter. Depois da missa, há o almoço. No período da tarde, é realizada uma procissão com o santo e a noite acontece a Reza do Terço e também, brincadeiras. Quando terminam as apresentações ocorre o leilão⁶³, seguido de uma festa dançante. No dia seguinte, 07 de janeiro, vemos a derrubada do mastro que fica em frente a capela, para retirada da bandeira com a imagem do santo.

Figura 43: Tipos de *Jóias* de um Leilão, das regiões Norte do Piauí e Leste Maranhense



Fonte: Elaboração própria (2023).

Na figura 43, aparecem várias bacias contendo as *jóias* dos leilões: são bolos doces e de “sal”, uns feitos com fécula de mandioca, outros com trigo. Há também os bolos pé de moleque, feitos com derivado da fécula de mandioca, adoçados com rapadura, muito comum

⁶³ Os leilões de Santos Reis, são compostos por “jóias” constituídas por pernil de porco assado, galinha assada, bolos, frutas, legumes e cereais. Para eles é montada uma mesa com estes itens em frente à capela. O “gritador do leilão” é um homem da comunidade, responsável por mostrá-los para que as pessoas que estão assistindo possam arrematar.

na região. Esta é uma das joias bastante disputadas nos leilões. Há também os assados, de galinha e de porcos.

Os leilões são comuns nos encerramentos dos Reisados da região para vender algumas ofertas que o santo ganhou, e não foram usadas na alimentação ofertada aos visitantes. Assim se arrecada dinheiro para as despesas com os trabalhadores de Reis.

Na Reisada do Sr. Luís Domingues, em Nazaré do Bruno, além das rezas ao terço, leilões, morte dos brinquedos, ou seja, personagens do Reisado, que acontecem no dia seis de janeiro, temos também as *baias*:

A realização de dois toques de umbanda chamados de *baia* na localidade. Uma durante a madrugada do dia seis de janeiro, outro a tarde do mesmo dia. As *baias* foram destacadas por Luís Domingues como possuindo caráter de obrigação e, da mesma forma, também concordando com relatos de outros entrevistados, como forma de entreter os participantes que vêm para o dia cinco e seis e não tem onde dormir na madrugada. [...] No entanto existem, entre os dois momentos, a primeira diferença diferenças a primeira *baia* é realizada a noite, e são convidados *baiantes* e pais de santo de outras tendas, e ainda existe o transe. Já a segunda é realizada pelos integrantes da *Reisadas*, que começam a cantar doutrinas conhecidas e tocar durante a tarde, com roupas que estão e de maneira próxima a formalidade (Menezes, 2018, p. 72-73).

As *baias* surgem como obrigação para os brincantes de Reis, embora o primeiro toque seja destinado aos “*baiantes*”, ou seja, pessoas já iniciadas na umbanda. Também para pais de santos. O segundo toque que acontece na tarde do dia seis é destinado para os integrantes da Reisada que conduzem doutrinas conhecidas, que fazem parte do repertório da umbanda.

Terminado a *baia*, acontece a morte dos brinquedos. Alguns personagens da *Reisada* como o *boi*, iniciam o “*beija a mesa*” que se assemelha ao que ocorre nos Reisados do norte do Piauí quando o promesseiro *beija o altar*. Mas o altar na *Reisada* do sr. Luís Domingues acontece no interior de um salão de umbanda. Ao chegar em frente ao altar, o grupo começa a cantar e todos os envolvidos na festa se ajoelham e fazem suas orações diante da imagem dos Santos Reis. Na ocasião os que brincam de *careta* pedem perdão por algo que possam ter feito de errado durante a peregrinação (Menezes, 2018). Concluída esta parte do ritual, dá-se início ao leilão, assim como acontece em Caraíbas. Com isto, termina mais um ano de *Reisada* em Nazaré do Bruno.

Finalmente temos o Reisado Encanto da Terra do Sr. Sebastião Chinês. No dia seis de janeiro, na casa deste devoto a brincadeira começa logo cedo quando é colocada uma caixa de som, para os brincantes começar as danças. A cerveja está liberada para quem quiser consumi-

la. Enquanto isso, na cozinha as mulheres preparam o guisado de porco para servir para os visitantes, como vimos em todos os Reisados analisados na tese.

Quanto ao consumo de bebidas no dia do Santos, também é recorrente em outros Reisados, sendo a venda de bebidas por contas de ambulantes. Fazê-lo na casa do festeiro é uma particularidade do Reisado do Sr. Sebastião Chinês.

No que diz respeito ao encerramento da festa, para finalizar a peregrinação acontece a reza do terço, a morte dos brinquedos e o leilão. Assim, termina o Reisado encanto da Terra, da cidade de Caxias.

Frente a isto, percebemos que festejar o dia de Reis, nas duas regiões, apresenta particularidades, que ora colide e divergem. São rituais que não só envolvem práticas religiosas, como também a preservação de cantigas, danças, de modos de preparar os alimentos e de como servi-los nas festas, práticas que se configuram como patrimônio imaterial dos festeiros.

Como vimos até aqui, as rezas, as danças, as cantigas, as festividades em geral, presentes nos Reisados, podem ser consideradas parte do patrimônio imaterial destas comunidades. Muitos destas práticas, por sua natureza, estão profundamente enraizados em suas comunidades e representam manifestações culturais e afirmação de pertencimento, com potencialidade de ser reconhecido, registrado e salvaguardado como patrimônio cultural imaterial, conforme as políticas preservacionistas do país.

As festas religiosas populares dedicadas a Santos Reis, expressam um patrimônio imaterial que, além de refletir uma vivência espiritual, é também catalisador de preservação cultural dos festeiros, se configuram como uma memória viva da história e da cosmovisão dos celebrantes.

A percepção de que o patrimônio cultural guarda em suas nuances as múltiplas experiências dos festeiros no tempo, torna a sua preservação uma garantia para que futuras gerações tenham acesso à herança cultural. Isto supõe pensar como a instituição de um patrimônio imaterial pode aglutinar diferentes formas de festejar os santos nos dois territórios.

4.4 Patrimônio cultural: o saber fazer e festejar Santos Reis e as políticas de preservação e salvaguarda do patrimônio de natureza imaterial no Brasil

Antes mesmo de discutimos sobre políticas preservacionistas voltadas para o reconhecimento, valorização e salvaguarda do patrimônio imaterial no Brasil, convém, nos remetermos a gênese do termo patrimônio. Originário do latim *patrimonium*, que significa herança de família ou do “pater” (pai), “o patriarca”, o termo perdeu seu sentido original de herança familiar, para designar, metaforicamente, as propriedades pertencentes a uma dada nação. Essa percepção ressurgiu na França moderna, ligada a ideia de preservação dos legados e heranças do passado, com ações voltadas para identificação de um dado patrimônio, sua conservação, restauração, gestão e proteção legal, assumindo assim, uma conotação política, social e cultural.

No Brasil, somente no ano de 1936, o Ministro Gustavo Capanema recebeu uma proposta de política pública para o patrimônio cultural brasileiro, proposta essa que inspira o projeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN⁶⁴. O documento propôs um conceito amplo sobre a categoria patrimônio, que abrangia aspectos diversos, desde as manifestações da cultura erudita a tradicional e popular hoje, em sua maior expressão, o conjunto do patrimônio cultural brasileiro de natureza imaterial.

Assim, no ano de 1937, foi criado o SPHAN, órgão federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Sua prioridade estava na preservação de “monumentos” tomados como “símbolos nacionais”, nos bens culturais de natureza material, que representavam a história e a memória de uma elite econômica, política, social e eclesiástica. Esse discurso em torno do patrimônio cultural, de pensar a preservação do patrimônio de “pedra e cal”, edificações, monumentos, obras de artes, foi basilar para formulação e implementação das políticas do SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A política anterior foi criticada por não atender as expectativas dos grupos detentores de saberes e fazeres dos bens culturais de natureza imaterial (Belas, 2005, p. 35).

Por esta razão, intelectuais como Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Aloísio Magalhães estiveram, nos anos 50 do século passado, envolvidos na luta pelo reconhecimento

⁶⁴ A iniciativa foi de Mário de Andrade intelectual modernista, escritor, museólogo, poeta paulistano, ainda nos anos 20 e 30 do século passado, ao defender o registro e proteção do rico e complexo patrimônio cultural brasileiro, viajou pelo interior do país realizando registros, os mais diversos da cultura brasileira. Ele foi um personagem emblemático, um dos principais idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, sendo um dos mais importantes nomes da cultura brasileira do século passado; intelectual modernista, ele foi responsável pelas primeiras reflexões sobre o patrimônio de natureza imaterial no Brasil.

e valorização da diversidade cultural brasileira, engajados na campanha de defesa do folclore brasileiro. No ano de 1947, o movimento suscitou a criação do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, atualmente incorporado ao IPHAN, ação que pode ser considerada uma das primeiras políticas para o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial no Brasil.

É possível afirmar que a partir de então se ter um novo olhar sobre o patrimônio cultural brasileiro, com destaque para as manifestações e referências culturais de grupos antes “sem voz”. Inicia-se, portanto, uma série de discursos, materializados em textos legais, para essa valorização do patrimônio cultural.

Nas décadas de 70 e 80, os discursos sobre os bens culturais de natureza imaterial voltariam a ecoar mais fortemente, com a criação do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC) e a Fundação Nacional de Pró-Memória (FNPM). O organismo liderado por Aloísio Magalhães, a partir do termo “referências culturais” propõe uma nova e moderna maneira de pensar a cultura no Brasil, refletindo a importância dos bens de cultura imaterial produzidos em sua maioria por grupos étnicos historicamente excluídos na sociedade brasileira.

Somente como Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. Nesta direção, o mencionado artigo, conceitua patrimônio cultural como sendo os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988).

A Constituição Federal, estabeleceu:

Art. 216. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagísticos, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (Brasil, 1988).

Nessa redefinição, estão as formas de expressão; modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. Também os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Neste contexto, as práticas da cultura popular que analisamos, manifestadas através dos modos de fazer e festejar os “Santos Reis”, se apresentam como um patrimônio cultural em que convergem elementos da cultura material como a bandeira, a imagem dos Santos, os cadernos e as personagens, bem como expressões da imaterialidade como as danças, as cantigas, os versos, as rezas. Tal conjunto permite a esses grupos vivenciar suas manifestações culturais, preservando saberes, como proposto pela Constituição Federal Brasileira desde de 1988 e ampliado pelo decreto nº 3.551.

Em agosto de 2000, o Governo Federal Brasileiro, por meio do decreto acima citado, instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial. O decreto ampliou a discussão sobre identificação e salvaguarda do patrimônio imaterial brasileiro, até então, não contemplado por nenhum instrumento jurídico específico. Este foi um avanço na área da preservação e salvaguarda dos bens imateriais, com reflexos nos níveis estaduais e municipais da Federação, como ocorre com a lei de tombamento federal, que se transformou em modelos para as demais legislações específicas para o patrimônio cultural brasileiro.

Dessa forma, o documento inaugura as linhas mestras para a inserção de uma política de preservação do patrimônio cultural material e imaterial, institui um aparato jurídico para as primeiras políticas públicas de preservação de bens patrimoniais.

As políticas públicas são um conjunto de ações que visam determinados objetivos, e podem desenvolver tanto no plano das interações, é importante pois ele tem muito a revelar sobre o interesse da sociedade. As políticas públicas também são perceptíveis e ou codificadas por meio de um conjunto de leis, decretos e outros documentos que regulam a ação do Estado. Embora as políticas e as ações estatais nem sempre estejam completamente previstas ou regulamentadas em lei, esta é sempre o limite máximo, a instância que prevê os parâmetros gerais dentro dos quais deve se dar a decisão ou a tomada de decisão (Sant’anna, 1995, p. 37).

No tocante ao aparato jurídico que regulamenta e dá garantia para a inserção das políticas patrimonial, Maria Cecília Londres Fonseca alerta sobre a necessidade de definir a posição do Estado para essa prática social e avaliar o grau de envolvimento da sociedade:

[...] uma política de patrimônio abrange necessariamente um âmbito maior que um conjunto de atividades visando à proteção de bens. É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem essa seleção de bens e justificar sua proteção e identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho, definir a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa (Fonseca, 1997, p. 36).

Há uma preocupação que surge a partir da Constituição Federal de 1988 em torno das estratégias e formas de proteção do patrimônio imaterial. Nesse sentido, podemos observar também um tipo de referência das intervenções teóricas na patrimonialização dos bens culturais que foram as cartas patrimoniais, orientações e recomendações de especialistas que versam sobre os caminhos de identificação, registros e salvaguarda do patrimônio.

Neste sentido, a Carta de Fortaleza no seminário internacional promovido pelo IPHAN, realizado na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, no ano de 1998, discutiu estratégias e formas de proteção do patrimônio de natureza imaterial. Naquele evento, foram apresentadas experiências do Brasil e do mundo sobre a valorização e manifestações de culturas vivas, resultando no referido documento. O texto recomendava o aprofundamento do debate sobre o conceito de patrimônio cultural imaterial, e a criação de um instrumento o “Registro” como principal modo de preservação e de reconhecimento de bens culturais dessa natureza.

As linhas mestras do documento repercutiram de imediato no Ministério da Cultura (MinC) e em agosto do ano de 2000, o decreto nº 3.551 instituiu o “Registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro” e criou “o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial” (PNPI). Dando continuidade a esse tipo de políticas patrimoniais, em 2004, foi criado o Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN (DPI), pelo decreto 5.040 ao qual foi subordinado o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) em funcionamento desde de 1958. O decreto também sugere os diferentes domínios que propõe essa dimensão do patrimônio, por meio da criação de livros de registros, voltados para os saberes, as celebrações e as formas de expressão dos lugares (IPHAN, 2006). Além do “Registro”, instrumento legal que possibilita a produção de conhecimento sobre os bens culturais, destaca-se também o Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC), que apresenta uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo IPHAN, que objetiva a identificação e a produção de conhecimento sobre os bens culturais de natureza imaterial. Nessa direção, esse instrumento, como parte do plano de ações de salvaguarda, auxilia a formação de políticas públicas na área.

A discussão sobre as políticas públicas de preservação e reconhecimento das políticas patrimoniais de identificação, registro e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, foi promovida inicialmente por um diálogo interdisciplinar com áreas do conhecimento como da História, Antropologia e da Sociologia. Esta abordagem permitiu alargar a compreensão de conceitos como os de cultura, de povos e etnias, enfatizando a diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos por diferentes sujeitos a bens e práticas sociais.

A UNESCO e vários países, considerando as iniciativas produzidas desde da Convenção do Patrimônio Mundial até hoje, reviram e ampliaram a visão basicamente monumentalista vigente: assumiram um enfoque mais global e antropológico em relação ao patrimônio cultura. Ou seja: a oralidade, os conhecimentos tradicionais, os saberes, os sistemas de valores e as manifestações artísticas se tornaram expressões fundamentais na identificação da cultura dos povos. Essas temáticas passaram, portanto a ser objeto de fomento das políticas públicas nesse setor (IPHAN, 2006, p. 17).

Conforme o IPHAN, o conceito de patrimônio imaterial é valorizado em dimensões internacionais. Assim, instituições como a União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, embasam a discussão inaugurada no Brasil por Mário de Andrade, que criticava as políticas de preservação, as quais, para ele, não deveriam se restringir ao tombamento de monumentos, aos testemunhos de uma história oficial, em que sobretudo as elites se reconheciam. Isto para incluir manifestações e referências culturais⁶⁵ representativas para outros grupos que compõem a sociedade brasileira como negros, índios, imigrantes e classes populares em geral.

Diante disso, percebemos que as iniciativas de mapeamento, identificação dos bens culturais, tornaram-se alicerces para futuras políticas de preservação da diversidade cultural brasileira, conforme destacado pelos autores Funari e Peregrini: “[...] o patrimônio, antes restrito ao excepcional, aproximou-se, cada vez mais, das ações quotidianas, em sua imensa e riquíssima heterogeneidade” (Funari; Peregrini, 2008, p. 30).

Os mesmos continuam:

⁶⁵ Categoria discutida por Maria Cecília Londres, considerando-a como sendo a base para novas políticas de patrimônio. FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: as bases para as novas políticas do patrimônio. IN: Diretoria de Estudos Sociais e Políticas Sociais (DISCOC). Políticas sociais de acompanhamento e análise. IPEA, 2009.

As medidas – voltadas ao mapeamento, ao inventário e à valorização de formas tradicionais de manifestação artística ou ritual, cantos, fazeres e conhecimento culinários e medicinais populares – vêm fornecendo visibilidade à riqueza e pluralidade do patrimônio cultural brasileiro, em suas distintas dimensões. As expressões culturais constituem um dos mais intensos exemplos da criatividade e da persistência das tradições das diversas etnias que se entrecruzaram e formatam a nação brasileira (Funari; Peregrini, 2008, P, 82).

No que se refere ao mapeamento, identificação e inventário das riquezas da cultura imaterial, se destacam os trabalhos da historiadora Áurea Pinheiro, que pesquisa sobre celebrações, rituais, festas e saberes tradicionais.

Há exemplos significativos desses rituais, celebrações e festas dignos de serem recuperados, conhecidos e preservados como elementos importantes do patrimônio cultural brasileiro, não apenas para ser apreciar, mas para democratizar o acesso e sugerir políticas de uso sustentável do patrimônio para as futuras gerações (Pinheiro, 2009, p.15).

Entendemos que a preservação e a salvaguarda dos bens de natureza imaterial valorizam a tradição de saberes, formas de expressão, celebrações e lugares, que produzem conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano de comunidades e indivíduos. Eles produzem práticas culturais coletivas, apreendidas ao logo do tempo, da vida, da tradição.

Portanto, no universo das tradições culturais percebemos costumes e expressões seculares presentes, possíveis de serem salvaguardadas como elementos importantes do patrimônio e da memória dos brasileiros, mas também, se não principal, para o reconhecimento e valorização do próprio grupo, se assim desejarem.

A experiência com as pesquisas sobre festeiros de Reis, permitiu um contato riquíssimo com saberes, modos de fazer e práticas culturais, que a partir da Constituição Federal de 1988, são considerados como Patrimônio Cultural Brasileiro. Para Maria Cavalcanti e Maria Fonseca, a noção de patrimônio imaterial figura-se como “um instrumento de reconhecimento da diversidade cultural que vive no território brasileiro e que traz consigo o relevante tema da inclusão cultural e dos efeitos sociais dessa inclusão” (Cavalcanti; Fonseca, 2008, p. 12).

A identificação e discussão sobre as maneiras de celebrar o ritual do Reisado, nos lança para a reflexão sobre o conceito de patrimônio cultural a partir de uma visão holística, como o próprio termo sugere. Entendido em todas as suas dimensões ele não aceita dissociar o campo material do imaterial.

A noção de patrimônio adquire uma dimensão ampla, integral, plural e diversificada, caracterizando-o em suas múltiplas facetas: natural, cultural, material, imaterial, tangível, intangível, físico, espiritual, real, virtual e original, termos que tratam de classificar o que se entende por patrimônio cultural e permitem refletir sobre as dinâmicas que assume sua dimensão social (Hernandez, 2006).

O Reisado nas regiões que estudamos, é fundado na tradição de saberes, formas de expressão, celebrações e dos lugares, que produzem conhecimentos e modos de fazer, enraizados no cotidiano de comunidades e indivíduos que produzem práticas culturais coletivas, apreendidas ao logo do tempo e da vida. Parte delas ainda é pouco conhecida, devendo ser registradas e salvaguardadas, segundo a produção de inventários⁶⁶ e registros, que foram realizados neste trabalho.

Vale acrescentar, que a salvaguarda dos bens culturais imateriais só é possível, efetivamente, com o envolvimento dos segmentos sociais que cultivam este bem, com respaldo e consentimento dos sujeitos envolvidos, em nosso caso, os festeiros. Sem estas bases sociais, o bem cultural, o Reisado, não subsiste seja como prática ou referência nestas duas regiões.

Tanto o estado do Piauí, quanto o estado do Maranhão, alguns bem culturais, já foram inventariados, registrados e se encontram salvaguardados; outros se encontram em processo de instrução para registro. Registrados no Piauí, encontramos a Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína, reconhecidas como patrimônio cultural imaterial em 2014, no Livro de Registro dos Saberes. Elas envolvem o processo de preparação cajuína que está imerso nos rituais de hospitalidade das famílias, ao mesmo tempo em que reforça a rede familiar que a produz.

⁶⁶ Os Inventários são instrumentos que buscam identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação de natureza imaterial e material. Seu principal objetivo é compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento de potencialidades e educação patrimonial (IPHAN)

Figura 44: Cajuínas engarrafadas (produto derivado do caju)



Fonte: IPHAN (2021).

No Maranhão já se encontram no Livro de Registro das Formas de Expressão e no das Celebrações, o Tambor de Crioula e o Complexo Cultural do Bumba Meu Boi, além da Roda de Capoeira e do Ofício e Mestres da Capoeira que são bens protegidos em todos os estados brasileiros (IPHAN, 2024).

Figura 45: Bumba Meu Boi do estado do Maranhão



Fonte: IPHAN (2024).

Além dos patrimônios registrados, há outros em instrução, aguardando conclusão do processo de inventários: os Batuques das Comunidades Quilombolas do Piauí, tendo como proponente a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí⁶⁷; a Festa do Divino da Comunidade de Marmelada⁶⁸, proposto pela Associação e Moradores da Comunidade Marmelada e Associação Brasileira de Documentaristas - Seção Piauí.

Recentemente o IPHAN concluiu inventários sobre o Patrimônio Imaterial Piauiense, o Patrimônio Imaterial do Parque Nacional Serra da Capivara, sobre as Comunidades Quilombolas (abrangendo 17 municípios), a Arte Santeira (em 6 municípios), e o Tambor de Crioula do Piauí, este último ainda em processo de registro, ma particularidade acontece com o Repente (cantoria de viola) que, se registrado, pertencerá tanto ao Piauí quanto ao Maranhão com também a outros estados brasileiros⁶⁹.

⁶⁷ Processo que teve início em 03/03/2017

⁶⁸ Data do processo 11/07/2012

⁶⁹ Início de processo em 14/02/2013. Proponentes: Associação dos Cantadores Repentistas e Escritores Populares do DF e Entorno. A ação envolve os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Sergipe e Distrito Federal.

O *Reisado*, quando pleiteado para ser submetido ao processo de registro, se aprovado pertencerá ao Livro de Registro de Celebrações. Nele são registrados os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social. Celebrações entendidas como ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, são considerados importantes para a sua cultura, memória e identidade. Elas acontecem em lugares ou territórios específicos e podem estar relacionadas à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade que envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras manifestações culturais (Dados site do IPHAN). Nestes termos, todos os rituais analisados nesta tese se enquadram nesta proposta, preenchendo os requisitos exigidos para compor registro no Livro de Celebrações. Que tem que ser pleiteado pelos os festeiros de Reis.

5 CONCLUSÃO

O Reisado é uma das mais ricas manifestações da cultura popular brasileira, especialmente presente na região Nordeste do país. A prática do Reisado tem raízes na Península Ibérica, particularmente em Portugal e na Espanha, onde eram comuns os festejos dedicados aos Três Reis Magos. Com a colonização, essas tradições foram trazidas ao Brasil e se misturaram a elementos africanos e indígenas, resultando em uma manifestação cultural multifacetada. Essa celebração mescla elementos religiosos e profanos, sendo realizada tradicionalmente durante o ciclo natalino, entre o Natal (25 de dezembro) e o Dia de Reis (6 de janeiro).

Durante este período os grupos percorrem ruas e casas nas quais são entoados cantigas e versos, há rezas, sapateados e danças ao som de instrumentos de musicais. Nas regiões Norte do Piauí e no Leste Maranhense o Reisado se consolidou como uma celebração que incorporou aspectos do catolicismo popular, como devoção aos santos.

Como a pesquisa para esta tese, compreendemos que a festa dedicada aos Santos Reis, se apresenta como uma das mais tradicionais manifestações da cultura popular dos dois territórios em estudo, que está profundamente enraizada na religiosidade popular, combinando elementos da fé cristã, rituais simbólicos e expressões performática que sintetiza a devoção aos Três Reis Magos e a Sagrada família.

Frente a isto, entendemos que os Reisados que analisamos nesta tese é um substrato da religiosidade popular, uma forma de vivência religiosa que se adapta às realidades cotidianas dos festeiros, sendo frequentemente marcada por oralidade, rituais simbólicos e interações comunitária. São práticas, crenças e expressões de fé que emergem dos grupos sociais, muitas vezes à margem das normas oficiais das instituições religiosas.

Os Reisados realizados nestes dois territórios se apresentam como manifestações multifacetadas, que podem variar conforme a região em que é celebrado. Entretanto, alguns elementos são recorrentes, como: a presença de grupos de Reisados formados por festeiros, catadeiras, sanfoneiros, figuras mascaradas, como caretas e outros personagens que trazem um tom cômico ao ritual. As peregrinações com os santos percorrem as cidades ou a zona rural em visita as casas, pedindo ofertas simbólicas, como dinheiro e alimentos, e desejando bênçãos de Santos Reis aos lares visitados. Nos Reisados há também a presença das danças, dos sapateados orquestrados pelos versos e cantigas de Reis e a distribuição de alimentos.

Ao longo desta tese, nos esforçamos para demonstrar como ritos e festividades em torno desta devoção, marcam a vivência coletiva de um grupo social. Por isto, devemos considerar

estas celebrações como um marco importante para a cultura, memória e identidade dos festeiros e comunidades que participam dos Reisados.

Com a pesquisa, constatamos que estas festas se constituem em ocasiões diferenciadas de sociabilidade que envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e de bebidas, a confecção de vestuários e indumentárias dos personagens.

Desta forma, entendemos que a devoção popular aos “Santos Reis” realizada nestes dois territórios, é capaz de ligar seus praticantes suas histórias, remetê-los a uma tradição religiosa reelaborada por aqueles que a vivenciam.

Desta maneira podemos afirmar que no Nordeste brasileiros, em especial algumas nas regiões Norte do Piauí e Leste Maranhense, a tradição desta festa é pujante, guardando algumas de suas características originais, como o cortejo com a imagem dos “Santos Reis”. Os modos como prepararam e servem os alimentos no dia dos Santos, é um capítulo à parte, evidenciando hábitos e costumes próprios da região na qual vivem.

O Reisado é uma manifestação cultural de grande relevância para o Brasil, sendo um símbolo da riqueza e da diversidade das expressões populares. Seu estudo permite compreender não apenas suas raízes históricas, mas também seus significados sociais e religiosos. Diante dos desafios contemporâneos, faz-se necessário fortalecer políticas de salvaguarda dessa tradição, garantindo sua valorização e transmissão às futuras gerações.

Desta forma, pontuamos que os Reisados que trazemos neste estudo, devem ser compreendidos como festas que advém de uma tradição religiosa que continua sendo reelaborada por aqueles que a vivenciam, tornando-se um patrimônio cultural criado e recriados por aqueles que dominam a prática do fazer, do celebrar santos de devoção, de incrementar com o que julgam necessários para bem festejar e retribuir da melhor forma, as graças recebidas por intermédio dos santos.

Para manter a festa, muitas vezes é preciso recorrer a participação de festivais ou realização de leilões, estratégias que alguns grupos estudados recorrem como forma de se sustentar e custear as despesas. Embora precisem recorrer a tal mecanismo, percebemos que o que importa para os festeiros é agradecer os santos queridos. Para tanto, realizam uma das mais belas festas de caráter devocional popular presente nas regiões estudadas.

Desta forma, considerados os aspectos foram apresentados nesta tese, podemos comprovar que as celebrações que os festeiros de Santos Reis realizam nestes dois territórios, configuram-se como um patrimônio cultural imaterial por sua longa tradição, papel na identidade local e transmissão geracional de saberes e práticas religiosas, musicais e culinárias.

Desta forma, subsidiados pelo estudo apresentado, gostaríamos de sugerir aos festeiros e comunidades, que reivindiquem junto ao IPHAN, órgão federal que protege o patrimônio cultural brasileiro, a inscrição da Festa dos Santos Reis no Livro de Registro das Celebrações, considerando sua relevância cultural e religiosa para os que dela fazem parte.

A saber, o processo de registro de um patrimônio imaterial segue uma série de etapas que envolvem tanto a documentação detalhada da prática cultural quanto o envolvimento da comunidade detentora dessa manifestação. O processo é, portanto, colaborativo e deve considerar os valores, significados e a autenticidade da prática para os grupos que a mantêm e incluirá levantamento documental, entrevistas com festeiros e fiéis, e registro audiovisual das festividades.

Como estratégias de salvaguarda, podem ser propostas medidas para garantir a continuidade da celebração, como criação de um programa de educação patrimonial, oficinas sobre os saberes da festa, além de incentivos públicos para a continuidade das atividades organizadas pela comunidade.

O registro e a salvaguarda da Festa de Santos Reis garantem não apenas a proteção de uma prática cultural de grande valor para a comunidade, mas também a preservação da diversidade cultural brasileira. As ações propostas buscam equilibrar a tradição e as mudanças sociais, assegurando que futuras gerações possam continuar vivenciando essa celebração.

Com a proposta acima, finalizamos apontando que entendemos que reconhecimento oficial dos Reisados das regiões Norte do Piauí e do Leste maranhense, contribuirá para fortalecer o sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvidos e garantir sua continuidade diante das transformações socioculturais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 17, 1996.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Os quilombolas e a base de foguetes de Alcântara**. Brasília: MMA, v. I, 2006^a.

ANDRADE, Andreia Rodrigues de. Na trilha das águas: a navegação a vapor e sua importância para as cidades piauienses no oitocentos. **Contraponto**: revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 10, n. 2, jul.-dez., 2021.

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BARROSO, O. **Teatro como encantamento**: bois e reisados de Caretas. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

BARROSO, Raimundo Oswald Cavalcante. **Reis de Congo**. Fortaleza: Ministério da Cultura/Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais/Museu da imagem e do Som, 1996.

BELAS, Carla Arouca. O INRC e a proteção de bens culturais. In: Moreira *et al.* (Org). **Anais do Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual**: proteção do conhecimento e das expressões culturais tradicionais. Belém: CESUPA/MPEG, 2005.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**. Campo Grande, v. 17, n. 4, out.-dez., 2016.

BÍBLIA. Mateus. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso de imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A folia de reis de Mossâmedes**: cadernos de folclore. 20. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

_____. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Plantar, colher e comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003.

CADERNO DE REISADO DA PROMESSA DE DONA MARIA. [S.l.]: Alto Longá, 2016.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CAVALCANTI, M. L. V. de C.; FONSECA, M. C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais**. Brasília: UNESCO, 2008.

CENTRO DE FOLCLORE E ARTE POPULAR DE CAXIAS. **Reisado Encanto da Terra: pequeno documentário**. Caxias. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/jXUxF7tI5dM?feature=shared>. Acesso em: 03 jan. 2022.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1995.

CORNELIO, Paloma Sá de Castro. **Reisado Caretas: brincadeira para louvar Santo Rei**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São Luís, 2009.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa de santo na cidade: notas sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. v. 6, n. 1, jan.-abr., 2011.

COSTA, Francielcio Silva da *et al.* Identidade cultural do Reisado em Boa Hora - PI. **Humana Res.** v. 1, n. 1, 2019.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

DEL PRIORY, Mary Lucy. **Festas e utopia no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins fortes, 1992.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Contribuição cultural do negro na sociedade maranhense**. São Luís: UFMA, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / IPHAN, 1997.

GAIOSO, Arydimar Vasconcelos. **Projeto nova cartografia social da Amazônia: quilombos de Caxias do Maranhão**. n. 8. Caxias: [S.n.], 2006. (Série Movimentos sociais, identidade coletivas e conflitos).

GASKEL, G.; BAUER, W. M. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiros, falsos, fictícios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERMANN, Jaqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, C. F, VAINFAS, R (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. **Planteamientos teóricos de la museología**. [S.l.]: Ediciones Trea, 2006.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio imaterial**. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. **Patrimônio imaterial: produção tradicional e práticas socioculturais associadas à cajuína no Piauí**. Teresina, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/superintendencias/piaui/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 20 dez. 2024.

_____. **Site do oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. [S.l.]: [S.n.], 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LISSOVSKY, Maurício. A fotografia como documento histórico. In: **Fotografia: ciclo de palestras sobre fotografias**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

LIVRETO COM OS 18 BENDITOS DA ROMARIA DE PE. CÍCERO DO JUAZEIRO DO NORTE. [S.l.]: [S.n.], s.d.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, Museu da Ind. Com. e Tecnologia de São Paulo, 1980.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: GASKEL, G. & BAUER, W. M. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARQUES, Cezar Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Tradução de Yara Aun Khoury. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO, Pe. C. **Os jesuítas no Piauí**. Teresina: Edição do Autor, 1991.

MENEZES, Flávia A. O. de. **O risível no reisado de *Caretas* no Maranhão**. Curitiba: CRV, 2018.

NUNES, Cícera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente**: uma proposta para a implementação da lei nº 10.639/03. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Adalbert Rizzo de. **Rankokamekra Canela**: dominação e resistência de um povo Timbira no centro oeste maranhense. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2022.

OLIVEIRA, Elvira Soares de. **Folia de Reis**: uma festa profana/religiosa que demonstra a fé e as tradições populares emaranhadas nas ondas do progresso, da modernidade e que resiste ao tempo. Tucumã: Portal Transparência, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Site oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO**. Disponível em: <https://www.unesco.org/>. Acesso em: 02 maio 2024.

PEREIRA, J. B. B. **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013.

PERGO, Vera Lucia. **Os Rituais na folia de Reis**: uma das festas populares. [S.l.]: [S.n.], 2010.

PINHEIRO, Áurea. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí: as duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

_____. **Celebrações**. Teresina: Educar Artes e Ofícios, 2009.

_____. **Fé e festa**: páginas de religiosidade popular. São Paulo: Brasiliense, 1981.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PREFEITURA. Boa Hora. **Programação do Festival de Reisado de Boa Hora**. Boa Hora, 2023. Disponível em: <https://boahora.pi.gov.br/boahora/portalnoticias>. Acesso em: 15 maio 2024.

SANT'ANNA, Márcia. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: trajetória e desafios**. Salvador: UFBA, 1995.

SANT'ANNA, Patrícia. Moda: uma apaixonante história das formas. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 61, n.1, 2009.

SANTOS, Patrícia de Sousa. **Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres (1968 – 1990)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2020.

SCHUARTZ, Lilia K. M.; GOMES, Nilma. (Org.). **Antropologia e história: debate em região de fronteira**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Luiz Machado. **Entrevista em Nazaré do Bruno**. [Entrevista concedida a]: André Nascimento; Lourival Andrade Júnior. 2 arquivos MPG, set., 2018.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. **Cidades Sagradas da Roma cearense à Jerusalém sertaneja: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870- 1920)** Sobral e Juazeiro do Norte. Fortaleza; Sobral edições Ecoa. 2015.

SILVEIRA, Marla de Ribamar Silva. **Nas entranhas do Bumba meu boi: políticas e estratégias para botar o Boi de Leonardo na rua**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão - UFMA. São Luís, 2014.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade. In: _____. **Sociologia: estudos sobre as formas de socialização**. São Paulo: Ática, 1983.

SOBRAL, Luiza; PAZ, Maria. **Reisado de Boa Hora: fé, amor e devoção**. Boa Hora. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3O2QDJ9eVM>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOUZA, David. **Cidades do norte do Piauí e do leste maranhense em que ocorre a celebração do Reisado**. 2024. Mapa digital.

_____. **Representações de Imagens de Reis, na cidade de Caxias - MA**. 2024. Fotografia. Acervo do fotógrafo.

SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: a perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Cortez, 2000.

ROCHA, Maria do Amparo Moura Alencar. **Reis e Caretas**. Alto Longá. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GX5yLl8vJB0>. Acesso em: 25 jan. 2017.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

VOVELLE, M. O popular em questão. In: **Ideologias e mentalidades**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WEBER, R. Relato de quem colhe relatos: pesquisa em história oral e ciências sociais. **Revista de Ciências Sociais**, v. 39, mar., 1997.

WHITAKER, D. A questão do registro e da memória do pesquisador. In: **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à Margem, 2002.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos católicos no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO

21/

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Ambrosio de Carvalho Sousa, da cidade de Boa Hora, PI, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação, Doutorado em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, RS.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa tem como título: **REZAR, VESTIR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)**

A pesquisa envolve entrevista, interações informais e registro fotográfico.

A partir do compromisso ético assumido pela pesquisado, sua identificação, só será divulgado na pesquisa, mediante sua autorização. Agradeço por sua contribuição.

Autorizo a divulgação de imagens e informações concedidas na realização da pesquisa.

Boa Hora, PI, _____ de _____ de 2022

Ambrosio de Carvalho Sousa

Nome (entrevistado (a))

gouv

Documento assinado digitalmente
MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA
Data: 01/06/2024 06:40:40-2300
Validar em: <https://brasil.gouv.br>

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha (pesquisadora)

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO

217

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Francisco de Carvalho Sousa, da
cidade de Boa Hora, aceito participar da investigação
desenvolvida pela pesquisadora Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, aluna
regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação, Doutorado em História, da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, RS.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa tem como título: REZAR, VESTIR E
FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO
REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)

A pesquisa envolve entrevista, interações informais e registro fotográfico.

A partir do compromisso ético assumido pela pesquisado, sua identificação, só será
divulgado na pesquisa, mediante sua autorização. Agradeço por sua contribuição.

Autorizo a divulgação de imagens e informações concedidas na
realização da pesquisa.

Boa Hora, PI, _____ de _____ de 2022

Francisco de Carvalho Sousa

Nome (entrevistado (a))



Documento autenticado digitalmente
MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA
Data: 21/04/2022 09:40:49 -0500
participante144p@univale.com.br

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha (pesquisadora)

APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO

217

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Gregório da Silva Ferreira da cidade de Boa Hora aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação, Doutorado em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, RS.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa tem como título: REZAR, VESTIR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)

A pesquisa envolve entrevista, interações informais e registro fotográfico.

A partir do compromisso ético assumido pela pesquisado, sua identificação, só será divulgado na pesquisa, mediante sua autorização. Agradeço por sua contribuição.

Autorizo a divulgação de imagens e informações concedidas na realização da pesquisa.

Boa Hora, PI, 01 de Abril de 2022

Gregório da Silva Ferreira

Nome (entrevistado (a))

gov.br

Documento assinado digitalmente
MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA
Data: 01/04/2022 16:45:18 -0300
Verifique em: <https://verificador.gov.br>

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha (pesquisadora)

APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSETIMENTO

217

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Lanildo Martins Lustosa Pereira, da cidade de Boa Hora - PI aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação, Doutorado em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, RS.

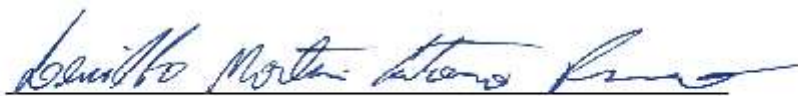
Fui esclarecido (a) que a pesquisa tem como título: REZAR, VESTIR E FESTEJAR: RELIGIOSIDADE POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO REISADO DO NORTE DO PIAUÍ E LESTE MARANHENSE (2009-2024)

A pesquisa envolve entrevista, interações informais e registro fotográfico.

A partir do compromisso ético assumido pela pesquisado, sua identificação, só será divulgado na pesquisa, mediante sua autorização. Agradeço por sua contribuição.

Autorizo a divulgação de imagens e informações concedidas na realização da pesquisa.

Boa Hora, PI, _____ 1 _____ de Abril _____ de 2022



Nome (entrevistado (a))

 Documento assinado digitalmente
MARIA DO AMPARO MOURA ALENCAR ROCHA
CPF: 7.109.922.75-47-40-0000
Validar em: <https://brasil.gov.br>

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha (pesquisadora)

217

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha (pesquisadora)